



PPGEDUC

PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão

**O CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS NAS NARRATIVAS
(AUTO)BIOGRÁFICAS DE SEUS EGRESSOS (2009 – 2017)**

LORENA LÁISSE SILVA AVELAR



UFG

UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:


Nome completo da autora: Lorena Láisse Silva Avelar

Título do trabalho: O Curso de Ciências Sociais Nas Narrativas (Auto)Biográficas de Seus Egressos (2009 – 2017)

3. Informações de acesso ao documento:

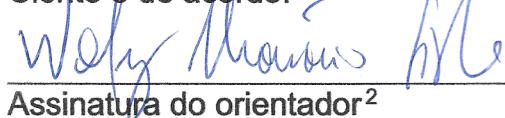
Concorda com a liberação total do documento: SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.



Assinatura da autora²

Ciente e de acordo:



Assinatura do orientador²

Data: 04 / 04 / 2019

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

LORENA LÁISSE SILVA AVELAR

**O CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS NAS NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS
DE SEUS EGRESSOS (2009 – 2017)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação à comissão examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão.

Orientador:
Prof. Dr. Wolney Honório Filho

Linha de Pesquisa:
Políticas Educacionais, História da Educação e Pesquisa (Auto)Biográfica

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Avelar, Lorena Láisse Silva

O Curso de Ciências Sociais Nas Narrativas (Auto)Biográficas de Seus Egressos (2009 – 2017) [manuscrito] / Lorena Láisse Silva Avelar. - 2019.

89 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Educação, Catalão, Programa de Pós-Graduação em Educação, Catalão, 2019.

Bibliografia. Apêndice.

Inclui abreviaturas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. UFG/Regional Catalão. 2. Ciências Sociais. 3. Egressos. 4. Narrativas. 5. Narrativas (auto)biográficas. I. Honório Filho, Wolney, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS/CAMPUS CATALÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO

UAEE – UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Av. Lamartine P. Avelar, 1.120. Setor Universitário, Bloco I, Sala 1A – Catalão (GO)

CEP – 75.704 020 - Fone: (64) 3441-5366.

Ramal 204 – Coordenação. E-mail: ppgeduc.ufg@gmail.com

Ramal 206 – Secretaria. E-mail: secretariappgeduc@gmail.com

ATA DA 94° SESSÃO PÚBLICA DE JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE
LORENA LÁISSE SILVA AVELAR

ATA DA COMISSÃO EXAMINADORA DESIGNADA PELA COORDENADORIA DO PPGEDUC PARA
JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DE LORENA
LÁISSE SILVA AVELAR.

Em 22/02/2019, às 10h30min, na Sala 1, Bloco H, da UFG/Regional Catalão, teve lugar a 94° Sessão Pública de Defesa de Dissertação do Mestrado em Educação da UFG/Regional Catalão, de **LORENA LÁISSE SILVA AVELAR**, (matrícula nº 2017100541), intitulada: “ **O CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS NAS NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DE SEUS EGRESSOS (2009-2017)** ”. A Banca Examinadora foi composta, pelos seguintes professores: **PROF.º DR.º WOLNEY HONÓRIO FILHO** (PPGEDUC, UFG/Regional Catalão – Orientação e Presidente da Banca), **PROF.ª DR.ª RITA TATIANA CARDOSO ERBS** (UFG/Regional Catalão – Membro Interno) e **PROF.ª DR.ª MARIA DA CONCEIÇÃO FERRER BOTELHO SDAGARI** (UNICID – Membro Externo). Os examinadores, na ordem citada, arguiram o mestrando(a) sobre a dissertação apresentada, tendo o(a) mesmo(a) explicado e/ou rebatido às críticas formuladas pelos arguidores. Após a conclusão da defesa foi suspensa a Sessão Pública e, em Sessão Secreta, os arguidores atribuíram seus conceitos. Reaberta a Sessão Pública foi anunciado o resultado final: **DEFESA APROVADA**, fazendo jus, portanto, ao **título de Mestre em Educação**, de acordo com o artigo 57 do Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Educação/Regional Catalão. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos Membros da Comissão Examinadora. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG/Regional Catalão, em 22/02/2019.

PROF.º DR.º WOLNEY HONÓRIO FILHO

PPGEDUC, UFG/Regional Catalão

PROF.ª DR.ª RITA TATIANA CARDOSO ERBS

UFG/Regional Catalão

PROF.ª DR.ª MARIA DA CONCEIÇÃO FERRER BOTELHO SDAGARI

Universidade Cidade de São Paulo

Secretaria do PPGEDUC

*a Deus,
a meus pais,
a meus irmãos, Renato e Marcos,
a meu marido, Állison,
e a meu orientador, Wolney.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus;

Agradeço a meus pais, Gilmar e Raciná;

Agradeço a meus irmãos, Renato e Marcos;

Agradeço a meu marido, Állison;

Agradeço a meus amigos e amigas, em especial, Nayara, Maria Carolina, Tamiris, Laura, Karla, Diego, Janine, Flávia, Mayara, Ismar, Rafaela, Miriam e Marcela;

Agradeço a meus colegas, amigos e amigas do curso de Ciências Sociais;

Agradeço a minhas avós e a meus avôs, Aurora e Acy, e Geraldo (*in memoriam*) e Sebastião (*in memoriam*);

Agradeço a minhas tias, tios e primos e primas,

Agradeço a meus afilhados,

Agradeço a meus colegas, amigos e amigas do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG/RC,

Agradeço a Renata, Thimoteo, Luara, Daniane, Adilson, Eloane, Isabela, Mariane, Michelle, Daniel e Chaiane;

Agradeço a meu orientador, Prof. Dr. Wolney Honório Filho;

Agradeço às professoras Rita e Maria da Conceição;

Agradeço aos professores do Mestrado em Educação;

Agradeço ao Programa Pós-Graduação em Educação da UFG/RC;

Agradeço a Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais;

Agradeço ao Centro de Gestão Acadêmica (CGA);

Agradeço aos professores Cristiano Bodart, Tatiane e Patrícia;

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa de estudos no mestrado;

Agradeço a Fernando, Naiara e Raquel;

Muito obrigada por tudo!

RESUMO

O método biográfico pretende atribuir à subjetividade um valor de conhecimento (Ferrarotti, 2010). Esta pesquisa trata do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão (UFG/RC), por meio das narrativas (auto) biográficas de três egressos do período de 2009 a 2017 e tem por objetivo conhecer a história do curso de Ciências Sociais da UFG/RC através das narrativas de seus egressos. O curso de Ciências Sociais é trabalhado nesta pesquisa como uma instituição por possuir características próprias que dão ao curso sua singularidade. Através dessa referência, procuramos responder a seguinte questão norteadora dessa pesquisa: Como se constituiu o curso de Ciências Sociais UFG/RC através das narrativas dos egressos? Para tanto, foi necessária a realização de um estudo sobre o curso de Ciências Sociais em Catalão, situando-o na história das Ciências Sociais no Brasil. Buscamos, neste aspecto, conhecer o curso pelas fontes documentais. Em seguida, apresentamos os participantes pelas narrativas e por suas trajetórias de vida, bem como as da própria pesquisadora, que é também egressa do curso. Através das narrativas (auto)biográficas, procuramos conhecer as histórias de vida dos participantes, relacionando-as com o Curso de Ciências Sociais. Por fim, analisamos o curso de Ciências Sociais da UFG/RC na perspectiva de egressos e egressas do curso e que sentidos estes atribuem ao seu percurso formativo e profissional. Para essa finalidade, recorreremos ao método narrativo biográfico. Realizamos entrevistas e escritas autobiográficas com três egressos do curso de Ciências Sociais, fizemos uso de documentos do acervo do curso e do Centro de Gestão Acadêmica (CGA). Na análise de dados, utilizamos a proposta de Bardin para a nossa análise temática. Ao conhecer a biografia dos egressos, podemos compreender as dimensões sociais e coletivas dos sujeitos e como a conjuntura do curso de Ciências Sociais influenciou em seus modos de ser, de agir e de pensar. Essa pesquisa é importante para os conhecimentos no campo da História da Educação e das narrativas (auto) biográficas.

Palavras-chave: UFG/Regional Catalão. Ciências Sociais. Egressos. Narrativas. Narrativas (auto)biográficas.

RESÚMEN

Diversos trabajos en Educación recurren al método narrativo biográfico. El método biográfico pretende atribuir a la subjetividad un valor de conocimiento (Ferrarotti, 2010). Esta investigación aborda el curso de Ciencias Sociales de Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão (UFG/RC), por medio de las narrativas (auto) biográficas de tres egresados del período de 2009 a 2017 y tiene por objetivo conocer la historia del curso de Ciencias Sociales de la UFG/RC a partir de las narrativas de sus egresados. El curso de Ciencias Sociales en esta investigación es trabajado como una institución por poseer características propias que dan al curso su singularidad. A través de esta referencia buscamos responder a la siguiente cuestión de la investigación: ¿Cómo se constituyó el curso de Ciencias Sociales UFG / RC a través de las narrativas de los egresados? Para ello, fue necesaria la realización de un estudio sobre el curso de Ciencias Sociales en Catalão, situándolo en la historia de las Ciencias Sociales en Brasil. Buscamos, en este aspecto, conocer el curso por las fuentes documentales. A continuación, presentamos a los participantes por las narrativas y por sus trayectorias de vida, así como las de la propia investigadora, que es también egresada del curso. A través de las narrativas (auto) biográficas, buscamos conocer las historias de vida de los participantes, relacionándolas con el Curso de Ciencias Sociales. Por último, analizamos el curso de Ciencias Sociales de la UFG / RC en la perspectiva de los egresados del curso y qué sentidos ellos atribuyen a su recorrido formativo y profesional. Para este propósito, recurrimos al método narrativo biográfico. Realizamos entrevistas y escritas autobiográficas de tres egresados del curso de Ciencias Sociales, hicimos uso de documentos del acervo del curso y de Centro de Gestão Acadêmica (CGA). En el análisis de datos, utilizamos la propuesta de Bardin para nuestro análisis temático y Bolívar. Al conocer la biografía de los egresados, podemos comprender las dimensiones sociales y colectivas de los sujetos y cómo la coyuntura del curso de Ciencias Sociales influyó en sus modos de ser, de actuar y de pensar. Esta investigación es importante para los conocimientos en el campo de la Historia de la Educación y de las narrativas (auto) biográficas.

Palabras-clave: UFG/Regional Catalão. Ciencias Sociales. Egresados. Narrativas. Narrativas (auto)biográficas.

ABSTRACT

Several papers in Education resort to biographical narrative method. The biographical method intends to attribute subjectivity as a value of knowledge (Ferrarotti, 2010). This research work deals with the Social Sciences graduate course in Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão (UFG/RC), through (auto)biographical narratives from three graduates of this course and aims to learn about UFG/RC Social Sciences course history from their narratives. Social Sciences graduate course, in this research, is considered as an institution because it has its own characteristics giving it a singular view. Through this reference we try to answer the following guiding question of this research: How was the UFG/RC Social Sciences course constituted through the narratives of the graduates? There has been conducted a study about the Social Sciences graduate course in Catalão, placing it in the history of Brazil Social Sciences courses. We seek, in this regard, to learn about the course through documentary sources. Next, we present the participants by the narratives and their life trajectories, as well as those of the researcher herself, who is also graduated from the course. Through the (auto)biographical narratives, we aim to learn about the life stories of the participants, relating them to the Social Sciences' course. Finally, we analyze UFG/RC Social Sciences course from the perspective of the course graduates and what meanings they attribute to their training and professional path. For this purpose, we use the biographical narrative method. We have conducted interviews and autobiographical writings with three Social Sciences graduated and have used documents both from the course collection and from Centro de Gestão Acadêmica (GCA). For data analysis, we use Bardin's proposal for our thematic analysis and Bolivar. Learning about the biography of the graduates, we can understand the social and group dimensions of the subjects and how did Social Sciences course influenced their ways of being, of acting and of thinking. This research is relevant for Educational History and (biographical) narratives.

Keywords: UFG/Regional Catalão. Social Sciences. Graduates. Narratives. (Auto)Biographical narratives.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1.	Localização do Município de Catalão no Estado de Goiás.....	20
------------------	---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.	Cursos de Ciências Sociais em Atividade no Estado de Goiás	26
Quadro 2.	Carga horária do Curso de Ciências Sociais nas modalidades de Licenciatura e Bacharelado.....	29
Quadro 3.	Distribuição, por áreas, da quantidade de professores da área de ciências sociais em Catalão.	30
Quadro 4.	Relação de ingressos e conclusões no curso de Ciências Sociais no período de 2009 a 2017.....	32
Quadro 5.	Dados relativos aos participantes da pesquisa.	38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADCAC	Associação dos Docentes do Campus Avançado de Catalão
BDTD	Banco Digital de Teses e Dissertações
CAC	Campus Avançado de Catalão
CGA	Centro de Gestão Acadêmica
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
GO	Goiás
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituição de Ensino Superior
IFES	Instituições Federais de Ensino Superior
MEC	Ministério da Educação
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PPC	Projeto Pedagógico do Curso
PPGEDUC	Programa de Pós Graduação em Educação
PRPG	Pró-Reitoria de Graduação
PRPPG	Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
PROEC	Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
PUC	Pontifícia Universidade Católica
PROUNI	Programa Universidade para Todos
RC	Regional Catalão
REUNI	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
RGCG	Regulamento Geral dos Cursos de Graduação
SciELO	Scientific Electronic Library Online
SUDECO	Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UAEE	Unidade Acadêmica Especial Educação
UFG	Universidade Federal de Goiás

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
O Encontro da Pesquisadora com o Objeto da Pesquisa	13
Caminho Teórico-Metodológico da Pesquisa	16
CAPÍTULO 1 – O CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL E NO CONTEXTO DE CATALÃO	20
1.1. Catalão e a Universidade	20
1.2. O Curso de Ciências Sociais no Brasil e no Contexto de Catalão	24
1.3. Considerações Parciais	33
CAPÍTULO 2 – CONSTRUÇÃO DE EXPERIÊNCIAS: VÁRIOS MODOS DE FALAR DE SI	35
2.1. Lorena: Egressa e Pesquisadora	40
2.2. Fernando: Menino do Mato, Cientista Social, Professor!	42
2.3. Raquel: Um Exemplo de Persistência	44
2.4. Naiara: Colecionadora de Histórias	45
2.5. Biografização dos Participantes da Pesquisa	46
2.6. Considerações Parciais	52
CAPÍTULO 3 – O CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS A PARTIR DA PERSPECTIVA DE EGRESSOS E EGRESSAS DA UFG/RC ENTRE 2009 E 2017	54
3.1. O Curso de Ciências Sociais da UFG/RC sob a Perspectiva de Egressos e Egressas do Curso de 2009 a 2017	57
3.1.1. A escolha pelo curso de Ciências Sociais	57
3.1.2. A entrada na universidade: novas expectativas	61
3.1.3. A identificação pessoal com o curso	64
3.1.4. As disciplinas	66
3.1.5. O estágio	68
3.1.6. Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	83
APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista com os egressos do curso de Ciências Sociais da UFG/RC	87
APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista com os egressos do curso de Ciências Sociais da UFG/RC	89

INTRODUÇÃO

O Encontro da Pesquisadora com o Objeto da Pesquisa

Em 2009, foi publicado em uma revista de Sociologia um artigo que discute a respeito da identidade profissional do cientista social no mercado da pesquisa. O artigo traz, ao longo de suas 27 páginas, entrevistas com cientistas sociais que discutem formação, mercado de trabalho e identificação profissional. Nessas entrevistas, os entrevistados destacaram que o curso era muito bom e ajudou a transformar a vida dessas pessoas, como “abrir os olhos” e “ver o mundo com outros olhos” (BRAGA, 2009, p. 154).

De acordo com Braga (2009), os cientistas sociais entrevistados relataram também que após a graduação se sentiram perdidos, principalmente pelo fato de existir uma indefinição profissional sobre o cientista social. As narrativas descritas nesse artigo “vêm de encontro” com as minhas experiências e inquietações durante o curso de Ciências Sociais da UFG/RC. Depois de concluída a graduação, em 2014, eu me senti um pouco perdida e me questionando: “O que eu fiz?”, “Para onde vou?”, “O que posso exercer com Ciências Sociais?”. Após a graduação, fiquei um tempo sem estudar, afastada das teorias das Ciências Sociais, e me dediquei a estudar para concursos, porém sem muito sucesso.

Tentando não ficar no “comodismo” e na dependência financeira dos meus pais, distribuí diversos currículos nas escolas e na Subsecretaria de Estado de Educação em Catalão, na busca em poder atuar com aulas de Sociologia, o que não aconteceu. Quanto à Subsecretaria, a resposta que recebi foi a de já haver pessoas trabalhando com a área de Sociologia e que eu ficaria na lista de espera.

Essas experiências me trouxeram as seguintes indagações: “Qual o sentido das Ciências Sociais para a nossa sociedade?”, “Em que condições se dá a formação do cientista social em Catalão?”, “Que papel e representação as Ciências Sociais têm para a educação?”, “Como está o campo de trabalho do cientista social no Brasil, e especialmente em Catalão?”

Esta pesquisa trata do curso de Ciências Sociais a partir das narrativas (auto)biográficas de três cientistas sociais graduados/as na Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás (UFG/RC), no período de 2009 a 2017.

Há uma escassez de materiais que abordem o curso de Ciências Sociais a partir da perspectiva dos egressos. Não encontramos também pesquisas que abordem a importância do curso de Ciências Sociais e do Sociólogo para a educação em Catalão e região. Nesse sentido, a presente pesquisa pode contribuir com a História da UFG/RC e com o curso de Ciências

Sociais nela ofertado, ao trazer os egressos e suas observações e maneiras de pensar o curso que realizaram, em que eles podem contribuir para despertar mudanças na estrutura e no funcionamento do curso.

O recorte temporal da pesquisa justificou-se em razão de que, em 2009, o curso inicia as suas atividades administrativas e acadêmicas. Nesse mesmo ano, ingressou a primeira turma do curso de Ciências Sociais, e o ano de 2017 foi tomado por termo tendo em vista o levantamento em andamento dos dados institucionais a respeito dos egressos do curso.

Esta pesquisa se situa na História da Educação, adotando como metodologia a pesquisa (auto)biográfica. Para a realização deste estudo, utilizamos as discussões na área da Educação que utilizam a (auto)biografia para estudos com egressos, professores, formação e instituições escolares. Utilizamos especialmente os trabalhos produzidos pela linha de pesquisa “Políticas Educacionais, História da Educação e Pesquisa (Auto)Biográfica” do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG/RC. Dessa forma, propomos um estudo sobre o Curso de Ciências Sociais através de uma nova perspectiva: narrativas produzidas pelos egressos do curso de Ciências Sociais no período de 2009 a 2017.

Temos como ponto de partida a seguinte questão: “Como se constituiu o curso de Ciências Sociais na UFG/RC na perspectiva de seus egressos?”. Estabelecemos enquanto objetivo geral conhecer a história do curso de Ciências Sociais da UFG/RC através das narrativas de seus egressos.

A partir de uma pesquisa bibliográfica, encontramos os trabalhos de Sérgio Miceli “História das Ciências Sociais no Brasil” (1995; 2001), que trata da consolidação do curso de Ciências Sociais no Brasil; o livro “Sociologia no Brasil”, de Florestan Fernandes (1977). Na obra História das Ciências Sociais no Brasil, Sérgio Miceli trabalha com a criação do curso de Ciências Sociais no Brasil e seu desenvolvimento institucional. Essa obra contribui para pensarmos a criação e configuração dos cursos de Ciências Sociais no Brasil e especialmente em Catalão.

Florestan Fernandes, em “Sociologia no Brasil”, aborda o histórico do desenvolvimento da Sociologia como teoria e ciência no Brasil. Encontramos em sua obra as condições sociais que influenciaram o surgimento da Sociologia na Universidade de São Paulo. As reflexões dos autores contribuem para pensarmos em relação à finalidade desse curso, como se configura, como se desenvolve, disciplinas, teorias e práticas em relação ao curso de Ciências Sociais em Catalão. Os trabalhos de Leite (2015) e Torini (2012) são importantes também para pensarmos o processo de institucionalização do curso de Ciências Sociais no Brasil, bem como o processo de expansão dos cursos superiores em Ciências Sociais a partir de 2000 e o mercado de trabalho.

Realizamos também um levantamento sobre trabalhos que podem contribuir com dados para a pesquisa. Recorremos ao Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações Nacional (BDTD/Nacional) e a Biblioteca Eletrônica SciELO. Duas publicações que cooperam de forma significativa para essa pesquisa são: “Milagre Acadêmico: a institucionalização das ciências sociais brasileiras”, de Leite (2015), e “Formação e identidade profissional: a trajetória de egressos de Ciências Sociais”, de Torini (2012). Essas publicações contribuem com a temática desta pesquisa; porém, nenhuma delas opta pelo método narrativo (auto)biográfico, o que dota a pesquisa de caráter significativo e exclusivo.

Ao procurar as produções referentes ao tema “história das instituições escolares”, nós nos deparamos com os trabalhos de Oliveira e Gatti (2002), Buffa e Nosella (2008), e António Bolívar (2002; 2014). Essas produções contribuíram para a análise do percurso do curso de Ciências Sociais, sua organização interna e a relação entre o curso e a UFG/RC. Utilizamos os documentos encontrados junto à Secretaria do curso e as entrevistas com os participantes.

Ferrarotti (2010) destaca que os materiais biográficos primários são as narrativas ou relatos autobiográficos colhidos por um pesquisador através de entrevistas entre pesquisador e participante. Como recurso adicional de pesquisa, também foram colhidas narrativas escritas pelos próprios participantes.

Os materiais biográficos secundários são materiais biográficos de outros tipos como fotografias, correspondências, narrativas, e documentos oficiais. Tanto as entrevistas como os documentos trazem informações importantes em relação à organização e à estrutura do curso de Ciências Sociais, onde trazemos o “olhar” da instituição e o olhar do indivíduo, duas fontes importantes de informação.

A dissertação está estruturada em três capítulos: O Capítulo I tem por objetivo a realização de um estudo sobre o curso de Ciências Sociais em Catalão, situando-o na história das Ciências Sociais no Brasil. Buscamos conhecer o curso pelas fontes documentais.

O Capítulo II tem o objetivo de apresentar os participantes das narrativas e suas trajetórias de vida, bem como da própria pesquisadora, que é também egressa do curso. Buscamos, através das narrativas (auto)biográficas, conhecer as histórias de vida dos participantes do curso, relacionando-as com o Curso de Ciências Sociais.

O Capítulo III tem o objetivo de analisar o curso de Ciências Sociais da UFG/RC na perspectiva de egressos e egressas do curso e que sentidos estes atribuem a seus percursos formativo e profissional.

Caminho Teórico-Metodológico da Pesquisa

A discussão teórico-metodológica tem por objetivo apresentar os referenciais que contribuíram para a análise sobre o Curso de Ciências e as narrativas produzidas por egressos do curso. Realizamos uma revisão de literatura sobre o curso de Ciências Sociais no Brasil e em Catalão e sobre o método escolhido para a pesquisa.

Como escolha metodológica para o percurso de investigação, optamos em trabalhar com as narrativas (auto)biográficas dos egressos do curso. Este método vem sendo utilizado de forma abrangente nas pesquisas na área de Educação e é utilizado, na presente abordagem, para pensar os sentidos atribuídos pelos egressos do curso de Ciências Sociais ao próprio curso que realizaram.

Bolívar (2002) enfatiza que o interesse de estudos em Educação pela narrativa se desenvolveu pela insatisfação com os modos usuais de produções de pesquisas educacionais. As narrativas permitem trabalhar com as riquezas de detalhes destacadas nas experiências dos sujeitos. Bolívar (2002) define a narrativa nos seguintes termos:

Entendemos como narrativa la cualidad estructurada de la experiencia entendida y vista como un relato; por otro (como enfoque de investigación), las pautas y formas de construir sentido, a partir de acciones temporales personales, por medio de la descripción y análisis de los datos biográficos. Es una particular reconstrucción de la experiencia, por la que, mediante un proceso reflexivo, se dá significado a lo sucedido o vivido (BOLIVAR, 2002, p. 5).

Bolívar (2014) aponta que instituições escolares analisadas pela abordagem biográfica narrativa trazem a singularidade de uma instituição podendo observar suas prática e organização específica: “El enfoque narrativo en la organización ofrece um modo alternativo para describir, analizar y teorizar los procesos e prácticas educativas” (BOLÍVAR, 2014, p. 330). Como pesquisar o curso de Ciências Sociais enquanto instituição? O que as narrativas podem dizer sobre o curso?

Buffa e Nosella (2008) destacam que os estudos com instituições escolares podem trazer instrumentos que possibilitem um “novo olhar” sobre uma determinada instituição e suas práticas, pois

Entretanto, podem ser um instrumento para uma nova compreensão da escola, elevando, assim, o auto-conhecimento de seus profissionais ao estabelecerem comparações com outros e, portanto, aumentando a responsabilidade de suas opções (BUFFA; NOSELLA, 2008, p. 21).

Oliveira e Gatti Júnior (2002) enfatizam que uma instituição escolar compõe sua própria identidade, práticas, condutas e conteúdos próprios:

No seu percurso histórico, uma instituição educativa como totalidade a ser construída, sistematicamente compõe sua própria identidade. Nessa composição, ela produz sua cultura escolar, que vai desde a história do fazer escolar, práticas e condutas, até os conteúdos, inseridos num contexto histórico que realiza os fins do ensino e produz pessoas. (OLIVEIRA; GATTI JÚNIOR, 2002, p. 75).

Ferrarotti (2010) questiona a utilização da narrativa em relação à pesquisa: “Como é que a subjetividade inerente à narrativa pode tornar-se conhecimento científico?”. Ele responde:

Toda a vida humana se revela, até nos seus aspectos menos generalizáveis, como a síntese vertical de uma história social. Todo o comportamento ou ato individual nos parece, até nas formas mais únicas, a síntese horizontal de uma estrutura social. [...] Pois – e frisamos lucidamente a afirmação – o nosso sistema social encontra-se integralmente em cada um dos nossos atos, em cada um dos nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos. E a história desse sistema está contida por inteiro na história da nossa vida individual (FERRAROTTI, 2010, p. 44).

Os relatos (auto)biográficos das experiências de vida e de formação dos participantes da pesquisa podem revelar “nossos atos, sonhos, delírios, obras, comportamentos”. O indivíduo, ao narrar sobre suas experiências e vivências, reconstrói e ressignifica sua vida pessoal e social. As narrativas, sejam elas – nos termos de Bolívar (2002) – autobiografia, biografia, história oral, histórias de vida, diários e outras formas de reflexão oral ou escrita em que se faça uso da experiência pessoal, para Josso (2006) estão inseridas em um contexto social, cultural e histórico:

Não é inútil repetir aqui que o trabalho biográfico não é um remoer do passado, mas uma reconfiguração do presente e do futuro graças a esse olhar retrospectivo de um lado e, de outro lado, de que cada evento ou contexto singular remete imediatamente para referenciais coletivos, quer que seja consciente disso ou não. (JOSSO, 2006, p. 11).

Clandinin e Connelly (2015) afirmam que a narrativa é o melhor modo de entender a experiência. Dessa forma, esse método de pesquisa permite pensar, refletir e analisar “as histórias de vida que compuseram as vidas das pessoas em ambas perspectivas: individual e social”. (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 51).

Com essa visão, são as “experiências” narradas destacadas pelos autores que buscamos problematizar e analisar. Buscamos investigar, pelos relatos de experiências dos participantes da pesquisa, informações que nos possibilitam analisar os sentidos que estes atribuem em relação ao curso de Ciências Sociais, a seus processos de formação durante a graduação e à atuação profissional.

Delory-Momberguer (2011) nos permite observar o processo de construção da narrativa, de forma que

Coletamos, ordenamos, organizamos, vinculamos as situações e os acontecimentos de nossa experiência, damos a eles uma forma unificada e associada a uma vivência proteiforme, heterogênea, incerta, inapreensível e através, dessa formatação, interpretamos e outorgamos sentido ao que vivemos. (DELORY-MOMBERGUER, 2011, p. 341).

Ao solicitarmos dos participantes da pesquisa a realização de entrevistas e a escrita de suas narrativas procuramos analisar, através das experiências vividas, uma possível “ligação” entre suas trajetórias individuais, identidades, formação e profissão.

Para realizar essa pesquisa, escolhi a história de experiência de vida de três egressos/as do curso de Ciências Sociais da UFG/RC, formados entre 2009 e 2017. Utilizamos também a escrita autobiográfica e entrevistas abertas com a finalidade de responder à questão central da pesquisa: “Como se constituiu o curso de Ciências Sociais na UFG/RC na perspectiva dos egressos?”.

A escolha dos participantes da pesquisa foi intencional e levou em consideração os egressos que residiam em Catalão, Goiás. Dentre esses, escolhemos os estudantes que mais se envolveram com o curso durante a graduação e que demonstraram interesse em participar da pesquisa. Costa Neto (1977) nos diz que “nas amostras intencionais enquadram-se os diversos casos em que o pesquisador deliberadamente escolhe certos elementos para pertencer à amostra, por julgar tais elementos bem representativos da população” (COSTA NETO, 1977, p. 45). Sob o mesmo ponto de vista de Cruz (2015), a escolha por egressos de Catalão também foi intencional, pois procuramos analisar a singularidade da história do curso de Ciências Sociais ofertado em Catalão.

A produção de dados iniciou com a solicitação de consulta aos arquivos da Unidade Acadêmica Especial História e Ciências Sociais, da UFG/RC. O levantamento das fontes aconteceu no mês de abril de 2017, onde tivemos acesso aos Projetos Pedagógicos do Curso, atas de reuniões, currículos de professores, trabalhos de conclusão de curso, Relatórios de Avaliação do Curso. Solicitamos também do Centro de Gestão Acadêmica (CGA), em agosto de 2017 e julho de 2018, dados sobre a quantidade de estudantes que ingressaram no curso e dados da quantidade de estudantes que formaram por ano e por turma entre 2009 e 2017. Os documentos foram disponibilizados e encaminhados por e-mail.

As informações documentais, por si só, não constituem um mero registro de fatos ocorridos no passado e merecem uma análise mais criteriosa sobre as condições em que estes foram elaborados e publicados, em visão alinhada à de Le Goff (1996), para quem “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”. (LE GOFF, 1996, p. 545).

Antes da realização das entrevistas, entrei em contato por telefone com os possíveis participantes da pesquisa para agendarmos encontros onde seriam realizados o convite e a explicação sobre a pesquisa e seus objetivos. Após o agendamento em datas e horários diferentes, encontrei-os pessoalmente para o convite para a pesquisa, bem como a explicação sobre a importância dessa pesquisa, da participação, dos objetivos pretendidos e da autorização para a publicação das informações da pesquisa. Os três se dispuseram a participar da pesquisa.

Logo após a exposição e o convite, entreguei um material a eles, e solicitei uma escrita autobiográfica, ou seja, um relato sobre momentos marcantes de sua vida e seus desenvolvimentos pessoais, que, dentre outras informações, envolve seus percursos de formação e o caminho profissional que exercem. Acordamos o prazo de um mês para a entrega do material, mas apenas um dos participantes pôde entregar neste prazo; os demais pediram um prazo maior. Logo após a entrega do material marcamos as datas e horários, de acordo com a disponibilidade dos participantes, para realização das entrevistas.

Na etapa de realização das entrevistas, foi produzido um roteiro com perguntas abertas com a finalidade de compreender, pelas suas experiências, como são suas concepções e como se deram seus desenvolvimentos pessoais e profissionais, em que abordariam o desenrolar do curso em suas vidas. O roteiro passou por modificações logo após a entrega do material pois existiam informações que desejávamos que fossem mais exploradas durante a entrevista.

No mês de fevereiro do ano de dois mil e dezoito, realizamos as entrevistas na UFG/RC. Os encontros aconteceram na sala de Mídias do Bloco H. Por questões de trabalho, somente uma das entrevistas não foi realizada na sala de Mídias, sendo realizada na editora Letras do cerrado, do bloco administrativo da Universidade. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas sucessivamente para a realização da análise ¹. A escolha para a realização das entrevistas na universidade foi intencional por consideramos um lugar importante para o “*estímulo às memórias*” (VAZ, 2018, p. 40, grifo da autora) e das experiências vividas em um espaço que estudaram. Durante as entrevistas buscamos não interferir nas falas dos entrevistados com o objetivo de deixar os entrevistados narrarem por si as suas histórias.

¹ Durante uma das entrevistas, contamos com a presença do Prof. Dr. Wolney Honório Filho, o que foi muito importante por ter grande conhecimento no trabalho com narrativas. As demais entrevistas foram realizadas sem a presença do professor.

CAPÍTULO 1 – O CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL E NO CONTEXTO DE CATALÃO

Neste capítulo, discutiremos o curso de Ciências Sociais no Brasil e no contexto do Município de Catalão. Inicialmente, abordamos o Município de Catalão e o processo de interiorização da Universidade Federal de Goiás, para então abordar o curso de Ciências Sociais no país e em Goiás, relacionando com o curso ofertado em Catalão, e a análise de princípios e diretrizes que orientam a realização do curso.

1.1. Catalão e a Universidade

Catalão é um Município brasileiro do Estado de Goiás, situado na região sudeste do Estado. De acordo com estimativas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população é de 106.618 habitantes.

Figura 1. Localização do Município de Catalão no Estado de Goiás



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Catal%C3%A3o_\(Goi%C3%A1s\)#/media/File:GoiasMunicipCatal%C3%A3o.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Catal%C3%A3o_(Goi%C3%A1s)#/media/File:GoiasMunicipCatal%C3%A3o.svg). Acesso em 27. dez. 2018.

Segundo Silva (2009), em julho de 1722, a expedição bandeirante de Bartolomeu Bueno da Silva Filho passa pelo Rio Paranaíba, com a intenção de adentrar o interior goiano, fincando uma cruz com a inscrição “1722”, costume dos bandeirantes e religiosos ao realizar suas expedições. Um padre natural da Catalunha (Espanha) e três companheiros resolveram se instalar às margens do então Córrego do Almoço, o que deu origem a um arraial. O Município surge, então, das doações de terras de Antonio Manuel, da capela de Nossa Senhora Mãe de Deus, em torno de 1810, e recebe o nome de “Catalão” por ser este o apelido dado ao padre catalão por seus companheiros. A partir de então, com a capela, começa a formação do povoado.

Ainda nas palavras de Silva (2009), a localização geográfica de Catalão exerceu singular influência na estruturação urbana da cidade, assim como no âmbito da produção agropecuária, por ser ponto de travessia para Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, propiciando maior intercâmbio comercial com as cidades desses Estados.

Com a instalação das mineradoras, o Município de Catalão retoma seu crescimento econômico e o impulso para a urbanização da cidade. Silva (2009) relata que, nesse período, os políticos da cidade tomam iniciativa junto a Instituições de Ensino Superior públicas e privadas e autoridades governamentais para o apoio à criação de cursos superiores no Município. A instalação de empresas mineradoras em Catalão, em 1970, e a construção de Brasília foram importantes para a intenção da criação de uma universidade em Catalão.

Silva (2017) destaca que, a partir de 1970, o Regimento da Universidade Federal de Goiás (UFG) passou por mudanças, dentre elas a criação das Pró-Reitorias, como a Pró-Reitoria de Graduação, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e Pró-Reitoria de Extensão. A Pró-Reitoria de Extensão foi responsável pela criação do Programa de Interiorização da UFG em 1980. A UFG, através deste programa, busca expandir o ensino superior em cidades do interior do Estado, e a criação dos cursos localizados no interior, à época, era voltada especificamente para a formação de professores.

Silva (2009) ainda destaca que a proposta de expansão da universidade foi questionada pelos conselheiros em relação a origem dos recursos materiais e humanos destinados para investir na estruturação dos cursos. Para a efetivação da criação da universidade no interior era necessária a elaboração de um projeto bem estruturado, que construísse ligação com a comunidade local, a Prefeitura, o Estado e a Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste (SUDECO).

Essa construção foi fundamental para a expansão da interiorização das universidades, uma vez que não havia recursos federais destinados para a expansão e interiorização das universidades. A UFG recorreu a parcerias com os Municípios que solicitavam a implantação de Campus. Para a efetivação da interiorização, era exigido desses Municípios que estivessem em desenvolvimento e tivessem recursos para, juntamente à UFG, estruturassem esse Campus e os cursos a serem ofertados.

Em Catalão, foram criados convênios entre a UFG e a Prefeitura para a concretização dessa interiorização, estabelecendo obrigações específicas, funcionando inicialmente com atividades de estágio e prestação de serviços para a comunidade local e regional.

Dessa forma, o Campus Avançado de Catalão (CAC)² foi inaugurado em 17 de dezembro de 1983, em um período em que o Brasil passava por crise econômica e social. A década de 1980 era considerada a década perdida em relação ao crescimento. Segundo Santagada (1990), a área social sofreu diretamente os reflexos de uma economia nacional negativa, acentuada com as desigualdades sociais ocasionadas pelo milagre econômico, altas taxas de inflação e endividamento externo. Essa década também foi marcada pela ampliação das lutas pela redemocratização das instituições brasileiras, que reivindicavam o fim da ditadura militar.

Em relação a implantação de cursos na UFG em Catalão, Silva (2017) destaca que com a assinatura do “Termo de Convênios”, foram implantados os seguintes cursos em licenciatura plena: Geografia e Letras, em 1986; Pedagogia e Matemática, em 1987; Educação Física, em 1989; História, em 1991, e, em 1996, teve início o Bacharelado em Ciências da Computação. Em 1990, o CAC teve dois marcos fundamentais em seu processo de estruturação, a elaboração e aprovação do regimento interno do CAC, e a criação da Associação dos Docentes do Campus Avançado de Catalão (ADCAC). Diante disso, o Campus de Catalão criou uma estrutura administrativa e acadêmica que responderia as demandas provenientes da graduação, da pesquisa e pós-graduação e da extensão, e a criação da ADCAC se tornou um importante segmento para a luta dos professores.

Segundo Silva (2017), durante o primeiro mandato do Governo Lula foram criadas medidas para expandir e ampliar a oferta de vagas na educação superior em dois segmentos: setor privado e setor público. A primeira medida dispôs a concessão de bolsas de estudos na modalidade integral e parcial a estudantes em cursos de graduação e sequenciais matriculados em instituições privadas de ensino superior. A segunda medida foi a criação do Programa de Expansão das Instituições Federais de Ensino Superior – Fase I. Castro (2013) destaca que esta é uma das ações do governo federal responsável pela expansão de cursos de ensino superior no Brasil e de dobrar o número de estudantes em cursos de graduação, bem como promover a inclusão social e reduzir as desigualdades:

[...] atenderia aos objetivos do PNE de incluir no ensino superior pelo menos trinta por cento dos jovens entre 17 e 24 anos, posicionando o Brasil, em uma melhor colocação no ranking de jovens matriculados neste nível de ensino, dentre os demais países, especialmente da América do Sul. (CASTRO, 2013, p. 87)

² O Campus Avançado de Catalão deu origem à atual Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás, em virtude de alteração no Estatuto da Universidade Federal de Goiás, em 2013, por meio da Resolução CONSUNI/CEPEC/CC n. 02, de 29 de novembro de 2013.

Segundo Silva (2017), a participação do Campus Avançado de Catalão no Programa de Expansão das Instituições Federais de Ensino Superior, além de aumentar o número de vagas em cursos superiores, fomentaria melhores condições estruturais para a instituição e a contratação de professores e técnicos-administrativos. Dessa forma, a UFG consolida a sua atuação e se fortalece politicamente em Catalão e na Região Sudeste de Goiás.

No período de 2006 a 2009, foram criados em Catalão dez cursos do Programa de Expansão das Instituições Federais de Ensino Superior – Fase I: Licenciaturas em Química, Ciências Biológicas, Física, Psicologia, Letras – Português e Inglês; e Bacharelados em Administração de Empresas, Psicologia, Engenharia de Produção, Engenharia de Minas e Geografia.

De acordo com os Projetos Pedagógicos do Curso (PPC) de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão (UFG/RC)³, a partir de 2005 a UFG adere ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). Diante disso, mais quatro cursos foram criados nos anos de 2009 e 2010: Ciências Sociais, Enfermagem, Matemática Industrial, Ciências Biológicas. Em 2007, ocorreu a aprovação do projeto de criação do Mestrado em Geografia, sendo este o primeiro Mestrado da Regional. A partir desse projeto, o Campus Catalão foi beneficiado com 14 novos cursos de graduação presencial.

A criação de novos cursos na UFG ocasionou mudanças no quadro de servidores, aumentando gradativamente o número de professores e técnicos-administrativos. Atualmente, a universidade possui um pouco mais de 300 professores e um corpo técnico-administrativo de 90 profissionais, contratados por concurso público, consolidando a UFG em Catalão e em Goiás.

Em relação à infraestrutura, Silva (2017) aponta que o processo de ampliação das instalações dos cursos iniciou entre 2007 e 2010, e persiste até o presente, com as construções dos prédios de Bloco Didático I e II, o Bloco de Laboratórios, a quadra poliesportiva, o prédio multifuncional de ensino, os prédios dos cursos de engenharia de Minas, Produção e Civil, a instalação da cantina, o prédio da pesquisa e pós-graduação, do prédio do restaurante universitário e centro de convivência. O processo de expansão da UFG em Catalão é uma informação importante, podendo contribuir com a análise do curso, uma vez que o aumento de

³ Foram consultados os PPC referentes aos ingressos em 2009 e 2012, aprovados nas Resoluções CEPEC n. 1119, de 19 de outubro de 2012, que disciplina o curso de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais com ingresso em 2009 até 2011, CEPEC n. 1317, de 5 de setembro de 2014, que disciplina o curso de Bacharelado em Ciências Sociais com ingresso a partir de 2012, e CEPEC n. 1324, de 28 de novembro de 2014, que disciplina o curso de Licenciatura em Ciências Sociais com ingresso a partir de 2012.

professores, cargos técnicos, cursos, discentes, e de estrutura física, colaborou com o crescimento econômico, político, social e cultural da cidade de Catalão. Dessa forma podemos pensar: “Quem são esses estudantes?”; “De onde vieram?”; “O que procuram ao realizar um curso superior?”.

1.2. O Curso de Ciências Sociais no Brasil e no Contexto de Catalão

O desenvolvimento do curso de Ciências Sociais no Brasil, na abordagem de Miceli (2001), ocorreu em meados de 1930, com a criação da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo em 1933, criada pela elite paulista no contexto da derrota institucional de 1932, que, na visão de Silva e Silva (2012), tinha o objetivo de retornar ao poder político através da capacidade técnica e científica. Leite (2015) menciona que, com o desenvolvimento dos grandes núcleos urbanos, como São Paulo, o pensamento racional científico ganhou espaço para se desenvolver. Nesse contexto, de rápidas transformações sociais, as Ciências Sociais ganham espaço para a criação dos seus primeiros cursos de graduação no país. Para Fernandes (1976), a institucionalização das Ciências Sociais nas universidades é fundamental para o seu desenvolvimento.

Com a integração da sociologia no campo do ensino e da pesquisa, a sociologia tende a assumir o caráter e as funções de uma técnica racional da consciência e de explicação das condições de existência e do curso dos eventos histórico-sociais. (FERNANDES, 1976, p. 44).

Torini (2012) relata que a criação das primeiras universidades e cursos de Ciências Sociais na escola livre de Sociologia e Política em 1933, nas universidades de São Paulo e do Distrito Federal (ambas em 1934), bem como a primeira revista acadêmica na área chamada “Sociologia”, é início de uma produção científica, do amadurecimento e do desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil. Esse período foi fortemente marcado pela criação de cursos superiores, importação de professores estrangeiros e introdução de técnicas de investigação científica. Essa nova fase intelectual e científica se diferencia das produções realizadas por “intérpretes”, formados por juristas, médicos e engenheiros onde suas análises sociais eram baseadas em fatores biológicos e no referencial evolucionista. Os anos entre 1934 e 1964 caracterizaram, segundo Miceli (2001), o desenvolvimento institucional e intelectual das Ciências Sociais no Brasil, que “esteve estreitamente vinculado aos avanços da organização universitária e à disponibilidade de recursos governamentais para a criação de centros de reflexão e investigação” (MICELI, 2001, p. 12). Miceli (1995) enfatiza que as Ciências Sociais

brasileiras beneficiaram em grande medida das políticas públicas voltadas para o desenvolvimento científico e tecnológico conseguindo a consolidação material, acadêmica e profissional.

Em Goiás, a criação da UFG, em 1960, e do primeiro curso de Ciências Sociais, em 1962, surgem em meio a uma conjuntura política efervescente. Conforme Nazareno e Lima (2014), nessa época, o país vivenciava uma conjuntura política de intensa mobilização social, como o movimento pela Reforma Agrária e a luta camponesa, movimentos grevistas e a mobilização estudantil. O estado de Goiás era administrado por Mauro Borges, que era influenciado fortemente por fundamentos nacional-desenvolvimentistas, e este conduzia a gestão para o desenvolvimento de um estado moderno e com ações planejadas. Porém, o estado de Goiás era agrário e oligárquico, e foi nesse contexto que se deu a mobilização para a criação da UFG, com o projeto de desenvolvimento do Estado de Goiás e da ciência. Por outro lado, a ideia de criação de uma universidade não foi aceita facilmente por parte de alguns setores ligados à Igreja Católica, tendo em vista a criação da Universidade Católica de Goiás, atual Pontifícia Universidade Católica em Goiás (PUC-GO) em 1959.

Nazareno e Lima (2014) relatam que, após a criação da UFG, em 1960, observou-se a necessidade da criação de um curso inovador voltado para a realidade brasileira. O anseio pela criação do curso se dava pela preocupação com a doutrinação social por parte de setores da Igreja, a filosofia social e o ideário desenvolvimentista. Importante ressaltar que outro fator que incentivou a criação do curso era a falta de visibilidade que a área de Ciências Sociais tinha no Brasil.

Diante desses fatores, o curso foi criado em 1962 e instalado em 1964, vivenciando as dificuldades de um curso novo, como a falta de salas de aulas, não havia uma matriz curricular definida, a bibliografia era inexistente na área e o quadro de professores era composto por juristas e autodidatas nas áreas afins à Antropologia, à Ciência Política e à Sociologia. Uma informação importante é que, devido à situação que o curso se encontrava, os discentes do curso se mobilizaram e assumiram a estruturação do curso, e sugeriram mudanças na matriz que cursavam.

O curso de Ciências Sociais em Catalão, por sua vez, nasce do processo de expansão e criação de novos cursos da UFG/RC, em atendimento às demandas sociais e econômicas da região. O principal argumento para a criação do curso de Ciências Sociais em Catalão, conforme o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de 2013, foi a necessidade de proporcionar em Catalão e região uma formação para atuar na sociedade com inventividade, boas construções analíticas e respeito à cultura e às dimensões das realidades populares e comuns, compreendendo as

múltiplas respostas para os problemas da vida econômica, política, intelectual, ética e social. O curso propõe, com esta abordagem, uma formação crítica, humana e científica, não somente técnica.

Outro argumento, apesar de não constar no PPC, determinante para a criação do curso de Ciências Sociais, é o de que, até então, a região sul de Goiás não disponibilizava cursos de formação docente na área, com vistas à docência no Ensino Médio. As instituições adaptam professores de outras áreas para essa finalidade.

Essa informação é importante para nossas análises. Os relatos de Naiara, Fernando e Raquel⁴ enfatizam que o curso de Ciências Sociais em Catalão proporcionou oportunidades de ampliação de conhecimentos e pensamento crítico, onde optaram pelo curso pela complexidade de conhecimentos e pela interdisciplinaridade que o curso oferece. Porém, destacam que, durante os seus estágios, as experiências não foram positivas por realizarem o estágio com professores que não eram formados na área.

Em relação ao mercado profissional em Catalão, atualmente há duas profissionais formadas em Ciências Sociais contratadas em cargo de provimento efetivo para atuação com Sociologia em Escolas Estaduais de Ensino Médio, a saber, Tatiane e Patrícia⁵. Essa informação é importante para a análise das narrativas dos participantes da pesquisa, pois, uma vez formado, o egresso não consegue se inserir no mercado de trabalho em Goiás.

Quadro 1. Cursos de Ciências Sociais em Atividade no Estado de Goiás

Instituição (IES)	Tipo de IES	Grau	Modalidade	Município	Funcionamento Desde
Centro Universitário Claretiano	Privada	Licenciatura	Educação à Distância	Rio Verde	2008
Universidade Metodista de São Paulo	Privada	Licenciatura	Educação à Distância	Ceres	2006
Universidade Castelo Branco	Privada	Licenciatura	Educação à Distância	Goiânia	2007
Universidade Castelo Branco	Privada	Licenciatura	Educação à Distância	Itaberaí	2007
Universidade Castelo Branco	Privada	Licenciatura	Educação à Distância	Rio Verde	2007
Universidade Cruzeiro do Sul	Privada	Licenciatura	Educação à Distância	Anápolis	2013
Universidade Cruzeiro do Sul	Privada	Licenciatura	Educação à Distância	Aparecida de Goiânia	2013
Universidade Cruzeiro do Sul	Privada	Licenciatura	Educação à Distância	Caldas Novas	2013

⁴ Fernando, Raquel e Naiara cursaram a graduação em Ciências Sociais ofertada pela Regional Catalão, ingressando, respectivamente, em 2009, 2010 e 2011.

⁵ Tatiane atua nas Escolas Estaduais Dr. David Persicano e Instituto Educacional Matilde Margon Vaz, e Patrícia atualmente encontra-se afastada de suas funções para atuação na Fundação Maria das Dores Campos.

Instituição (IES)	Tipo de IES	Grau	Modalidade	Município	Funcionamento Desde
Universidade Cruzeiro do Sul	Privada	Licenciatura	Educação à Distância	Goiânia	2013
Universidade Cruzeiro do Sul	Privada	Licenciatura	Educação à Distância	Goiânia	2013
Universidade Cruzeiro do Sul	Privada	Licenciatura	Educação à Distância	Itaberaí	2013
Universidade Cruzeiro do Sul	Privada	Licenciatura	Educação à Distância	Jussara	2013
Universidade Cruzeiro do Sul	Privada	Licenciatura	Educação à Distância	Novo Gama	2013
Universidade Cruzeiro do Sul	Privada	Licenciatura	Educação à Distância	Padre Bernardo	2013
Universidade Cruzeiro do Sul	Privada	Licenciatura	Educação à Distância	Planaltina	2013
Universidade Cruzeiro do Sul	Privada	Licenciatura	Educação à Distância	Rio Verde	2013
Universidade Cruzeiro do Sul	Privada	Licenciatura	Educação à Distância	Rubiataba	2013
Universidade Cruzeiro do Sul	Privada	Licenciatura	Educação à Distância	Trindade	2013
Universidade Cruzeiro do Sul	Privada	Licenciatura	Educação à Distância	Uruaçu	2013
Universidade Cruzeiro do Sul	Privada	Licenciatura	Educação à Distância	Valparaíso de Goiás	2013
Universidade Luterana do Brasil	Privada	Licenciatura	Educação à Distância	Amaralina	2005
Universidade Luterana do Brasil	Privada	Licenciatura	Educação à Distância	Anápolis	2005
Universidade Luterana do Brasil	Privada	Licenciatura	Educação à Distância	Itumbiara	2005
Universidade Luterana do Brasil	Privada	Licenciatura	Educação à Distância	Minaçu	2005
Universidade Luterana do Brasil	Privada	Bacharelado	Educação à Distância	Amaralina	2005
Universidade Luterana do Brasil	Privada	Bacharelado	Educação à Distância	Anápolis	2005
Universidade Luterana do Brasil	Privada	Bacharelado	Educação à Distância	Itumbiara	2005
Universidade Luterana do Brasil	Privada	Bacharelado	Educação à Distância	Minaçu	2005
Universidade de Franca	Privada	Licenciatura	Educação à Distância	Águas Lindas de Goiás	2013
Universidade Federal de Goiás	Pública	Licenciatura	Educação Presencial	Catalão	2009
Universidade Federal de Goiás	Pública	Bacharelado	Educação Presencial	Catalão	2009
Universidade Federal de Goiás	Pública	Licenciatura	Educação Presencial	Goiânia	1962
Universidade Federal de Goiás	Pública	Bacharelado	Educação Presencial	Goiânia	1962

Instituição (IES)	Tipo de IES	Grau	Modalidade	Município	Funcionamento Desde
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás	Pública	Licenciatura	Educação Presencial	Anápolis	2013
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás	Pública	Licenciatura	Educação Presencial	Formosa	2013

Fonte: Ministério da Educação, 2018. (Sistema e-MEC)

O curso de Ciências Sociais da UFG/RC foi estruturado a partir do PPC do Curso ofertado pela UFG em Goiânia e de outras Instituições de Ensino Superior que ofertam o curso. A matriz que orienta o curso está baseada na Lei 9.394, de 1996, Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e nas diretrizes do Regulamento Geral dos Cursos de Graduação da UFG (RGCG/UFG). Os PPC enfatizam que procuram manter o caráter indissociável entre ensino e pesquisa e entre teoria e prática.

Ainda de acordo com o PPC do curso de Licenciatura, o egresso do curso de Ciências Sociais deve apresentar as seguintes habilidades:

- a) Domínio da bibliografia teórica e metodológica básica; b) Autonomia intelectual; c) Capacidade analítica; d) Competência na articulação entre teoria, pesquisa e prática social; e) Compromisso social; f) Competência na utilização da Informática; g) Domínio dos conteúdos básicos que são objeto de ensino e aprendizagem no ensino fundamental e médio; h) Domínio dos métodos e técnicas pedagógicas que permitem a transposição do conhecimento para os diferentes níveis de ensino. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 2014a, p. 12).

Analisando os PPC do curso, podemos observar neles a proposta de construção de um curso que desenvolva, em seus estudantes, habilidades que possibilitem a construção de um pensamento crítico, para desenvolvimento humano e a intervenção social. Ao adquirir as habilidades proporcionadas pelo curso, os discentes podem contribuir significativamente como professores do ensino fundamental, ensino médio, ou superior, propiciando a eles uma formação teórico-metodológica sólida em relação aos eixos do curso: Antropologia, Sociologia e Ciência Política.

Com o objetivo de promover o desenvolvimento das habilidades exigidas e a qualidade de formação, o curso desenvolve e incentiva os estudantes à participação em seminários, participação e organização de eventos, discussões e debates, participação de oficinas, apresentações de trabalhos em eventos, atividades de extensão e atividades de pesquisa, atividades de monitoria, estágios supervisionados, laboratórios, aulas, grupos de estudo, dentre outros.

Atualmente, o currículo do curso de Ciências Sociais está organizado, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais de 2001, em quatro eixos de formação: formação específica, formação complementar, formação livre e atividades complementares. Conforme os PPC vigentes (2014), o eixo de formação específica constitui a base do conhecimento específico do cientista social. Compreende-se que tal eixo é composto por um conjunto de atividades acadêmicas obrigatórias que fazem parte da Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais e das áreas de saberes do curso, Antropologia, Ciência Política e Sociologia.

O eixo de formação complementar compreende atividades acadêmicas optativas, obrigatórias e definidas a partir dos conjuntos temáticos das áreas específicas de formação. O eixo de formação livre compreende as atividades acadêmicas de livre escolha do discente na instituição. O estudante amplia seus conhecimentos em interação com outros cursos da UFG/RC. O eixo de atividade complementar enriquece a formação do discente e amplia seus conhecimentos de temáticas e práticas que serão realizadas ao longo do curso sendo aptas a complementar a integralização curricular do estudante.

Quadro 2. Carga horária do Curso de Ciências Sociais nas modalidades de Licenciatura e Bacharelado.

Componentes	Licenciatura	Bacharelado
Núcleo comum	2080h	1024 h
Núcleo Específico obrigatório	512h	1088h
Núcleo Específico optativo	192h	192h
Núcleo Livre	320h	320h
Atividades acadêmico – científica – específica	200h	300h
Total	3304h	2924h

Fonte: Resoluções CEPEC n. 1317/2014 e CEPEC 1324/2014, Universidade Federal de Goiás, 2014.

O curso proporciona ao estudante um conjunto de estratégias e situações de ensino-aprendizagem para que ele coloque em prática os conhecimentos desenvolvidos em sala de aula. Com tal objetivo, o curso de Ciências Sociais proporciona ao estudante o estágio curricular obrigatório e o estágio não obrigatório. No estágio, ele estará no *locus* de sua prática e de seu desenvolvimento profissional.

Segundo o PPC da Licenciatura (2014), o Estágio Curricular Obrigatório é o momento que os discentes efetivam, sob a supervisão de profissionais da Escola-Campo e do curso de Ciências Sociais, o exercício da docência e outras atividades ligadas ao ambiente escolar, tais como diagnóstico escolar, participação nas reuniões de planejamento, avaliação de projeto pedagógico da Escola, observações de aulas, preparação de planos de ensino e planos de aula,

dentre outros. O estágio curricular não obrigatório é componente curricular de caráter teórico-prático opcional e tem como objetivo ampliar a formação profissional.

No tocante ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), de acordo com os PPC vigentes (2014), é exigida a produção de uma monografia. A monografia resulta de um processo que associa ensino e pesquisa desde o início do curso. O TCC é desenvolvido pelo estudante sob a orientação de um professor que, de preferência, esteja ligado à linha de pesquisa em que o projeto se insere.

Entre 2009 e 2013, o PPC do curso passou por uma reformulação, com a proposição dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais em modalidades separadas. Em 2012, o projeto foi adequado para atender as demandas para a Licenciatura e o Bacharelado, alterando a carga horária, excluindo e inserindo disciplinas, alterando o número de vagas e a duração do curso. Entretanto, observamos que não houve alteração nas concepções de formação, do perfil do curso, e das habilidades técnicas. Dessa forma, o curso que era ofertado em quatro anos e meio e provia um grau dúplice está funcionando em quatro anos para cada um dos graus.

O curso de Ciências Sociais formava o Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais até esta proposição. Segundo os PPC vigentes (2014), a formação do cientista social não está voltada somente para a constituição de pesquisadores e professores, mas também humana. Os conhecimentos adquiridos durante o curso devem ser capazes de orientar os estudantes em suas trajetórias profissionais e pessoais que estão fundados nos princípios da defesa de uma sociedade democrática, igualitária e com justiça social. Tendo compromisso com a ética, a interdisciplinaridade, a formação técnica e profissional.

O curso é alocado na Unidade Acadêmica Especial História e Ciências Sociais, e conta com um quadro de nove professores efetivos da área. Os nove professores são doutores ou em Ciências Sociais ou em uma de suas áreas específicas: Antropologia, Sociologia e Ciência Política. O curso também conta com professores de outras áreas, como Matemática, Pedagogia, História e Psicologia, que ministram disciplinas no curso.

Quadro 3. Distribuição, por áreas, da quantidade de professores da área de ciências sociais em Catalão.

Área	Professores
Antropologia	3
Ciência Política	3
Sociologia	3
Total	9

Fonte: Elaboração da autora, 2018.

No que se refere à avaliação do curso, os PPC vigentes (2014) destacam que a avaliação do Desempenho Didático do Docente pelo Discente é a oportunidade de os estudantes de graduação expressarem sua opinião a respeito da habilidade didática dos professores nas disciplinas ministradas. Os cursos de Ciências Sociais enfatizam a avaliação diagnóstica realizada inicialmente pelo educador para diagnosticar os pontos fracos e fortes do alunado na área de conhecimento em que se desenvolverá o processo de ensino-aprendizagem. Trata-se de uma avaliação voltada para a autocompreensão e a participação do discente, que permite descobrir os desvios e as lacunas, tanto do docente como do discente.

Visando a qualidade do processo de formação, o curso passa anualmente por um processo permanente de avaliação e auto avaliação, realizada por professores e discentes. A avaliação interna está desenvolvida sobre seis pontos: Desempenho do curso sob a ótica do estudante, didática e responsabilidades dos professores, eventos de extensão, projetos de pesquisa e iniciação científica, infraestrutura do Campus e do curso, biblioteca e informática.

Em relação à avaliação do discente (2011) sobre o seu desenvolvimento no curso, os estudantes destacam que o curso adiciona algo na formação humana e profissional e favorece a aquisição de cultura em geral. Os conteúdos levantados pelos planos de ensino são altamente relevantes. De acordo com as respostas, os estudantes atestam que o curso e seus conteúdos estão de acordo com as próprias expectativas.

Sobre a didática dos professores, os discentes reconhecem que há predominância, nas aulas do curso de Ciências Sociais, das aulas expositivas com participação dos estudantes e do trabalho em grupos e/ou dos estudos de casos e/ou de seminários. Os recursos didáticos mais utilizados são livros, textos, manuais, ou cópias de textos ou capítulos de livros. Os métodos de avaliação mais utilizados pelos professores são provas discursivas e trabalhos em grupo. Utilizam-se recursos audiovisuais para as discussões em sala de aula apesar da limitação desse recurso.

Os discentes destacam, no tocante à disponibilidade dos professores, que metade dos professores está disponível para uma orientação extraclasse e que os professores possuem domínio dos conteúdos. Outro ponto importante destacado na avaliação dos estudantes é que os conteúdos ofertados têm relação com os aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos; portanto, os conteúdos ministrados pelo curso têm relação com a vivência dos discentes e com seu cotidiano.

Em relação aos projetos desenvolvidos pelo curso, menos da metade dos estudantes esteve envolvido com projetos de pesquisa. Esta mesma quantidade participou de ações e projetos comunitários. Dessa forma, os discentes ampliam seus processos formativos através

de atividades desenvolvidas pelo curso. Com o déficit da participação de estudantes em projetos, percebemos a preocupação dos professores do curso em fortalecer suas linhas de pesquisa, estimulando mais discentes a ter experiências de construção do conhecimento e buscando o respaldo institucional para tal aproximação dos discentes com o mundo da pesquisa científica, como, por exemplo, a Iniciação Científica e a Iniciação à Docência.

Em relação à infraestrutura do curso, as salas e o ambiente de leitura recebem boa avaliação por parte dos discentes; entretanto, os laboratórios deixam a desejar por serem mal iluminados, mal arejados, e com mobiliário insatisfatório. Os discentes também destacam que desconhecem informações sobre laboratórios no curso. Dessa forma, o curso procurou melhorias para os laboratórios de informática e didática. Sobre a infraestrutura, destacam na biblioteca duas questões que merecem apreciação: a atualização do acervo e o número de exemplares disponíveis para consulta. Em ambos, os estudantes destacam a qualidade desse material, bem como a necessidade da inclusão de novas obras no acervo, principalmente na área do curso.

A avaliação é fundamental para um constante processo de atualização, reavaliação e revisão de sua dimensão pedagógica. Segundo os PPC vigentes (2014), a avaliação interna é um meio em que o curso pode construir conhecimento sobre sua própria realidade através de um processo contínuo, buscando compreender os significados do conjunto de suas atividades para melhorar a qualidade educativa e alcançar maior relevância social.

Quadro 4. Relação de ingressos e conclusões no curso de Ciências Sociais no período de 2009 a 2017.

Ano	Ingressantes na Turma	Concluintes da Turma	Concluintes no Ano
2009	17	8	–
2010	27	12	–
2011	35	12	–
2012	27	5	–
2013	22	3	5
2014	30	4	13
2015	36	–	13
2016	41	–	4
2017	30	–	9
Total	265	44	44

Fonte: Centro de Gestão Acadêmica da UFG/RC, 2018.

1.3. Considerações Parciais

Os PPC de um curso, como uma das narrativas produzidas e também fonte de informações, nos possibilitam conhecer a organização e os objetivos do curso. A cidade de Catalão está localizada em um espaço que favoreceu investimentos na cidade e o consequente crescimento econômico. Os políticos da cidade se mobilizaram para a construção de uma universidade na cidade, e percebemos que a universidade é vista também com prestígio e importância para a cidade.

A criação do campus da UFG em Catalão foi marcada por questões políticas, e, mesmo questionada sobre as condições de manutenção e financiamento da instituição, a UFG não parou de crescer. No mandato do presidente Lula, foram criadas medidas para a ampliação de cursos e expansão de universidades, e, nesse cenário, surge o curso de Ciências Sociais através da iniciativa dos professores do curso de História. Pela expansão, a UFG se consolida em Catalão.

O surgimento do curso de Ciências Sociais, a nível de país, se deu por motivos políticos. Por outro lado, a criação do curso de Ciências Sociais em uma universidade permite o desenvolvimento da Sociologia no ensino e na ciência. Como a UFG surge em um momento de efervescência, era importante trazer os estudos de uma ciência que explicasse os conflitos sociais existentes.

O curso de Ciências Sociais da UFG/RC como mencionado, surge do processo de expansão do REUNI e tinha como objetivo atender a demandas locais, visto a pouca quantidade de profissionais atuantes na área na região. O curso conta com um quadro de nove professores.

O projeto pedagógico do curso foi pensado para desenvolver profissionais para atuar no Ensino Médio como professores de Sociologia. Objetiva, também, o desenvolvimento humano do discente. O curso envolve seus estudantes em leituras, eventos, avaliações do discente pelo docente com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino, e busca proporcionar um desenvolvimento intelectual, profissional e humano dos discentes.

As fontes apontam que o profissional de Ciências Sociais é “cruzado” por aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos, locais, e é influenciado pelas propostas governamentais para o ensino e a produção de conhecimento na área.

É importante analisar como os egressos também pensam o curso de Ciências Sociais ofertado pela UFG/RC por meio de suas próprias narrativas e experiências. Conforme Cruz (2015), compreendemos que os indivíduos vivenciam experiências em contextos sociais que estão além das narrativas dos documentos oficiais. A convivência dos estudantes entre si, com

os professores, com as teorias e com os diversos ambientes ao longo do curso proporciona experiências além do proposto pelo PPC e do espaço institucional .

Nesse sentido, as experiências dos participantes dessa pesquisa contribuirão para a construção e a análise proposta para o Capítulo II, onde apresentamos os participantes da pesquisa e suas trajetórias de vida.

CAPÍTULO 2 – CONSTRUÇÃO DE EXPERIÊNCIAS: VÁRIOS MODOS DE FALAR DE SI

Este capítulo tem como objetivo apresentar os sujeitos da pesquisa, egressos e egressas do curso de Ciências Sociais da UFG/RC, no período de 2009 a 2017, e suas trajetórias de vida. Os participantes da pesquisa são: Fernando, Naiara e Raquel, egressos e egressas do curso de Ciências Sociais da UFG/RC. Através de suas biografias, buscamos compreender o que pensam sobre sua formação ao longo da vida.

As narrativas, para Clandinin e Connelly, são “uma forma de entender a experiência em um processo de colaboração entre pesquisador e pesquisado” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 20). Para os autores, ao narrar suas histórias, as pessoas se reafirmam, se modificam e criam novas histórias como um “produto complexo de experiências socializadoras múltiplas” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 4),

A narrativa proporciona ao sujeito reflexões sobre um mundo que viveu e quer viver. Diante disso, o indivíduo produz novos sentidos sobre suas vivências e, com isso, estabelece um “novo olhar” em relação a sua vida particular e profissional. Delory-Momberger nos diz:

O que dá forma ao vivido e à experiência dos homens são as narrativas que eles fazem de si. A narração não é apenas o instrumento da formação, a linguagem na qual está se expressaria: a narração é o lugar no qual o indivíduo toma forma, no qual ele elabora e experimenta a história de sua vida. (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 56)

A narrativa não é apenas uma metodologia, é uma maneira de construirmos a realidade. Para Bolívar (2002), a narrativa não expressa somente dimensões importantes da experiência vivida mas ela media a própria experiência e configura a construção social da realidade. Segundo Bolívar, a narrativa prioriza o diálogo:

Además, un enfoque narrativo prioriza un yo dialógico, su naturaleza relacional y comunitaria, donde la subjetividad es una construcción social, intersubjetivamente conformada por el discurso comunicativo. El juego de subjetividades, en un proceso dialógico, se convierte en un modo privilegiado de construir conocimiento. (BOLÍVAR, 2002, p. 4)

Com a finalidade de analisar o curso de Ciências Sociais da UFG/RC pela perspectiva do egresso, o pesquisador, com as narrativas, poderá ter acesso a momentos e eventos significativos que mostram o contexto da vida daquele que se narra. Segundo Bragança (2012), “a narrativa possibilita a expressão da experiência vivida pelo sujeito, ao mesmo tempo que a transforma na comunicação intersubjetiva do diálogo, ao ser dita, a experiência se transforma em seus sentidos”. (BRAGANÇA, 2012, p. 121).

O termo *experiência* é uma categoria importante para o historiador e também para nós, pesquisadores, que trabalhamos com narrativas. Thompson (1981), em sua obra *a Miséria da Teoria*, enfatiza que o termo *experiência* não é considerado empírico para muitos trabalhos, e cita as discussões de Marx para dialogar sobre a ausência do termo *experiência*. Para Thompson (1981), “a experiência humana é um termo importante para *a exploração do mundo e de nós mesmos*” (THOMPSON, 1981, p. 185, grifo no original). Thompson destaca a falta da *experiência* nos seguintes termos:

O que descobrimos (em minha opinião) está num termo que falta: *experiência humana*. É exatamente o termo que Althusser e seus seguidores desejam expulsar, sob injúrias, do clube do pensamento, com o nome de empirismo. Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro desse termo não como sujeitos autônomos, indivíduos livres, mas como pessoas que experimentam as suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida tratam essa experiência em sua consciência e sua cultura (as duas expressões excluídas pela prática teórica) das mais complexas maneiras (sim, relativamente autônomas) em seguida, muitas vezes, mas nem sempre, através de estruturas de classes resultantes) agem, por sua vez, sobre situação determinada. (THOMPSON, 1981, p. 182).

Para Thompson (1981), as ações humanas e as experiências resultantes delas são essenciais para a análise das experiências históricas que são absorvidas e desenvolvidas por homens e mulheres comuns. Através da experiência, podemos repensar todos os sistemas que os indivíduos estão inseridos e valores por eles transmitidos. Larrosa (2002) enfatiza que nos acostumamos a pensar a educação sobre dois pontos de vista: a relação entre ciência e técnica e, às vezes, a relação entre teoria e prática. Larrosa propõe explorar outras formas e possibilidades a partir da experiência/sentido.

O autor parte da convicção que as palavras produzem sentidos, criam realidades e as vezes funcionam como potentes mecanismos de subjetividade:

Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos. (LARROSA, 2002, p. 21)

Larrosa (2002), enfatiza que a palavra *experiência* “é o que nos passa, que nos acontece, o que nos toca” (LARROSA, 2002, p. 21). Para o autor, no mundo, a *experiência* está ficando cada vez mais rara, em primeiro lugar pelo excesso de informação – a informação não é *experiência* –. Para o autor, a informação não deixa lugar para a *experiência*. Sabemos muitas coisas, buscamos muitas informações, mas não no sentido da sabedoria. Diante disso, o autor separa saber de sabedoria do saber das coisas, e essa separação é possível através do uso da língua.

Outro ponto desatacado pelo autor em relação a raridade de experiência é o excesso de opiniões. O sujeito moderno é um sujeito informado e gosta de opinar sobre qualquer coisa. A experiência está ficando rara também pela falta de tempo. Segundo o autor, tudo está sendo dado na forma de estímulo, pontual ou fragmentado, de vivência instantânea. A velocidade em que são dados os acontecimentos e a obsessão pelo novo impede a conexão significativa entre os acontecimentos. A experiência está ficando rara também pelo excesso de trabalho, o sujeito moderno é um ser que trabalha.

Larrosa (2002) destaca que o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. O sujeito da experiência é, sobretudo, o espaço onde desenvolve os acontecimentos:

[...] o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. (LARROSA, 2002, p. 24).

O autor destaca que o saber da experiência está no “que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que lhe vai acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece”. (LARROSA, 2002, p. 27). Larrosa (2002) diz que se a experiência é o que nos acontece se o saber dessa experiência está ligado com os sentidos ou dos não-sentidos que produzimos sobre o acontecimento, trata-se de um saber finito, que está ligado a existência de um indivíduo ou de uma determinada comunidade. A experiência e os sentidos ou não-sentidos atribuídos a ela podem revelar ao homem entendido individual ou coletivamente os sentidos de sua própria existência. Diante disso, a experiência é particular, subjetivo e pessoal. O acontecimento pode ser o mesmo, porém cada indivíduo terá uma experiência e interpretação diferente sobre o acontecimento. Larrosa define *acontecimento* nestes termos:

O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). (LARROSA, 2002, p. 27).

Dessa forma, as narrativas evidenciam as experiências dos sujeitos e possibilita compreendermos aspectos singulares de suas vidas. Pelas narrativas, podemos perceber os sentidos que os sujeitos atribuem aos acontecimentos e suas escolhas e como estas escolhas influenciam no seu cotidiano. As biografias de egressos e egressas do curso de Ciências Sociais

da UFG/RC relatam acontecimentos, conflitos, relatam transformações, dificuldades, alegrias, convivências e perspectivas.

Para a realização desta pesquisa, foram entrevistados três egressos e egressas do curso de Ciências Sociais da UFG/RC, um da turma de 2009, uma da turma de 2010 e uma da turma de 2011, que concordaram em participar da pesquisa e terem seus dados publicados. Todos os entrevistados demonstraram satisfação e sentimento de valorização por poder compartilhar suas memórias particulares sobre si e sobre o período em que estiveram no curso. Os participantes da pesquisa são Fernando, Naiara e Raquel.

Quadro 5. Dados relativos aos participantes da pesquisa.

Participante	Naturalidade	Idade	Ano de Ingresso	Ano de Conclusão
Fernando	Iporá – GO	27	2009	2014
Naiara	Catalão – GO	24	2011	2015
Raquel	Coromandel – MG	31	2010	2014

Fonte: Elaboração da autora, 2018.

A primeira entrevista foi realizada com Fernando, que iniciou sua graduação em Ciências Sociais no ano de 2009, tendo concluído o curso em 2014. Estabeleci o primeiro contato com Fernando por telefone, onde expus o desejo por uma conversa. Marcamos um encontro pessoal na universidade, onde teria a oportunidade de explicar sobre a pesquisa. Após nos encontrarmos, Fernando respondeu rapidamente o convite, confirmando a participação na pesquisa. Foi dessa forma, também, com Naiara e Raquel.

No dia marcado, uma manhã de segunda-feira, Fernando e eu nos encontramos no Laboratório de Multimeios da Unidade Acadêmica Especial Educação (UAEE) da UFG/RC, onde também estava presente o professor Wolney. Estávamos preparados para ouvir os relatos do egresso e cientista social. Após a coleta de dados no encontro, deveria, eu, responder os seguintes questionamentos: “Quem é Fernando?”; “Como ele se define?”; “O que se sabe sobre ele?”. Desde o início da entrevista percebi uma afetividade familiar, é um jovem de origem modesta e valoriza a educação. Fernando se define como professor!

Fernando tem 26 anos de idade. É nascido em Iporá e atualmente trabalha como professor de Sociologia no estado do Mato Grosso. Atualmente Fernando tem buscado se aperfeiçoar em termos de conhecimento por meio do Programa de Mestrado Profissional em História da UFG/RC.

A segunda participante da entrevista foi Naiara, que iniciou sua graduação no ano de 2011, concluindo em 2015. O agendamento com a entrevista de Naiara foi difícil devido às

condições de seu trabalho; porém, conseguimos marcar um horário na manhã de uma quarta-feira. No horário marcado, Naiara e eu nos encontramos no Laboratório de Multimeios da UAEE da UFG/RC. Conforme Lima (2014), este ambiente foi escolhido com o objetivo de que a entrevistada ficasse tranquila para narrar suas experiências; o local também propiciava um áudio com qualidade e sem interrupções, o que facilitaria a transcrição das entrevistas.

Apesar de ansiosa, preparei-me para a realização da entrevista, pois o professor orientador não estaria presente. Durante a entrevista, fiquei ansiosa e inquieta sobre como proceder para a realização da entrevista com narrativas.

Naiara é a segunda filha de três irmãos e nasceu em 1993, em Catalão. Percebi nas narrativas de Naiara uma formação rigorosa e exigente. Naiara enfatiza que os pais sempre cobraram e exigiram que os filhos estudassem, bem como fizessem tudo o que fossem realizar na vida com qualidade, ensinamento que desenvolveu durante a sua graduação e profissão. Percebemos também que Naiara realizou críticas em relação ao curso. Naiara, atualmente, trabalha com fotografia, profissão que exerce com muita satisfação.

A terceira entrevistada foi Raquel. Ela iniciou sua graduação em 2010, concluindo em 2014. Meu primeiro contato com Raquel se deu ainda na graduação em Ciências Sociais, éramos colegas da mesma turma. Convidamos Raquel para uma conversa na universidade, onde expus as intenções da pesquisa, e, prontamente, ela aceitou o nosso convite. Por opção da participante, marcamos a realização da entrevista em uma quarta-feira, pela tarde, na Editora Letras do Cerrado, localizada no bloco administrativo da UFG/RC, onde ela trabalha.

Raquel nasceu em 1986, na cidade de Coromandel, Minas Gerais, e ainda criança se mudou para Santo Antônio do Rio Verde, aos três anos de idade. Desde o início da sua adolescência trabalhava com serviços domésticos para ajudar seus pais, pois ela relata que a família sempre encontrou muitas dificuldades. Raquel diz que a mudança para Catalão em 2007 abriu outras oportunidades para que ela estudasse e trabalhasse em outras funções. Atualmente, ela trabalha na Editora Letras do Cerrado, na UFG/RC.

Raquel também procurou dar continuidade no processo de formação, é aluna regular no curso de Especialização Interdisciplinar em Patrimônio, Direitos Culturais e Cidadania oferecida por Goiânia. Em sua narrativa, a participante coloca a crença religiosa enquanto valor essencial para alcance dos seus objetivos e superação das dificuldades. Sua família é evangélica da Igreja Assembleia de Deus, e percebemos também que a mãe ocupa um papel primordial na vida de Raquel, sendo influente e apoiadora em muitas das escolhas realizadas por Raquel.

Entendemos que essas informações contribuem para reflexões importantes sobre o modo como entendem aspectos gerais de suas vidas. Passeggi (2011) nos fala que, “ao narrar

sua própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se” (PASSEGGI, 2011, p. 147). Diante disso, compreender e analisar a vida dos participantes é também buscar observar os caminhos, tempos e lugares, os conflitos, e os personagens em suas vidas que possibilitaram reinventar-se. A discussão da pesquisa remonta à minha própria história, uma vez que também eu fiz o curso de que iremos falar. Relato a trajetória que percorri ao longo da minha vida até aqui, para posteriormente relatar a trajetória de vida dos participantes da pesquisa.

2.1. Lorena: Egressa e Pesquisadora

Nasci em uma cidade pequena do interior de Goiás chamada Goiandira. Nesta mesma cidade, iniciei meus estudos aos cinco anos de idade, em uma escola municipal que tem o nome de uma santa católica, a Escola Municipal Santa Maria Goretti. Preocupados com uma melhor formação para mim, meus pais decidiram que eu estudasse em Catalão, em instituições de ensino privado, onde fiquei até o Ensino Médio. Porém, por motivos de doença e cansaço, retornei a Goiandira para terminar o Ensino Médio em uma escola estadual.

Minha família é formada por pessoas que sempre tiveram afinidade com as Ciências Humanas. São pedagogos, historiadores e geógrafos. Porém, esta não foi a razão pela qual tive mais afinidades com as Ciências Humanas. Meus pais foram minha maior inspiração. Meu pai estudou Geografia na UFG e minha mãe, mais tarde, se formou em Pedagogia na mesma universidade. Desde pequena, acompanhava meu pai e minha mãe lendo obras sobre Marx, Engels e Educação. Meu desejo era seguir os passos deles e um dia poder me tornar uma professora.

Em meu último ano de Ensino Médio, prestei o vestibular para Ciências Sociais em Catalão. Ingressei, assim, na segunda turma. O currículo era misto, ofertando-me a formação nas modalidades de bacharelado e licenciatura. Durante a graduação, houve modificações no currículo que não alcançaram minha turma. Durante os quatro anos e meio na universidade, vivenciei diversas dificuldades de um curso que se estruturava, como falta de obras clássicas fundamentais, poucos professores, laboratórios com poucas estruturas, dificuldade em articulação entre teoria e prática.

Ao adentrar na universidade, senti uma realidade diferente daquela que tive no Ensino Básico. Entre os docentes, havia aqueles que se preocupavam apenas em transmitir conteúdos, enquanto outros buscavam novas formas de ensinar e trabalhar os temas e produzir formas variadas de conhecimento. Estes últimos despertavam em mim mais vontade de aprender, maior

desejo pelo aprendizado e pela construção de um saber, que posso dizer, científico e acadêmico. Outro destaque é o contato que tive com uma diversidade de obras nos campos da Sociologia, da Antropologia e da Ciência Política, componentes do curso de Ciências Sociais.

O Estágio Supervisionado me permitiu viver experiências importantes e me mostrou as limitações em trabalhar os assuntos em sala de aula, tendo em vista que a disciplina de Sociologia é recente nos currículos escolares. O estágio era realizado em duplas e como há a disciplina de Sociologia, trabalhamos diversas temáticas que envolvessem as disciplinas componentes do curso de Ciências Sociais: Sociologia, Antropologia e Ciência Política. Não tive estágio referente ao Bacharelado, e a ausência desse estágio trouxe frustração para alguns colegas que queriam atuar como bacharéis.

Paralelamente ao estágio, pude atuar em projetos de extensão e de pesquisa. Pude atuar no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), onde percebi como o profissional de Sociologia deve aprimorar seus saberes e procurar ser criativo em seus métodos de ensino em meio a uma diversidade de conhecimentos. Também fui monitora da disciplina de Sociologia em minha graduação. Poder ajudar outros estudantes do curso me foi gratificante, o que possibilitou o meu contato com autores onde pude conhecer outras formas de produção de conhecimento e de investigação.

As experiências com a licenciatura em Sociologia na sala de aula me ajudaram a perceber a superficialidade dos livros e das diretrizes que recebíamos do Estado para a disciplina. Ao longo do curso, escutava alguns colegas dizerem que não sabiam o que fazer após o curso, ou se conseguiriam alguma profissão com a formação em Ciências Sociais. Eu mesma fiquei pensativa muitas vezes sobre essa situação, e recordo de ser indagada por pessoas próximas sobre o que eu faria depois, o que era o curso, com o que o curso trabalhava e se eu não tinha interesse em outra formação. Por muitas vezes confundiram minha formação com a de Assistência Social.

Em 2014, com a graduação concluída, ministrei aulas como bolsista do programa federal Mais Educação em uma escola municipal. Ali não havia programa de disciplina, onde tive a liberdade de trabalhar os conteúdos a serem ministrados em sala de aula com os discentes. Durante essa experiência percebi que a formação como cientista social foi fundamental para o planejamento das aulas, através de diálogos com os estudantes pude aperfeiçoar os conteúdos e as didáticas desenvolvidas em sala. Durante as aulas procurava instigá-los a trazerem as suas experiências de vida buscando articular o conteúdo com suas histórias. Nesse momento percebi que existem duas formações em mim que não podem ser separadas: a formação como ser

humano e como cientista social. Sobre isso, Nóvoa afirma: “É impossível separar o eu profissional do eu pessoal” (NÓVOA, 1995, p. 17).

Após a finalização do contrato na escola, houve cobranças para a continuação dos meus estudos. Eu me sentia perdida quanto a que caminho seguir e me acomodei. Continuar os estudos ou conseguir um emprego na minha formação? Ambas as opções significavam a busca por um caminho e sair da zona de conforto em que me encontrava desde a minha graduação, em 2014. Depois de tentativas de concursos sem sucesso, em 2017 entrei como aluna regular de mestrado na sétima turma do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG/RC.

As minhas experiências ao longo da vida e durante a minha graduação em Ciências Sociais na UFG/RC são também fontes de análise e reflexões. A minha história de vida em particular me levou a questionar: “Quem sou?”, “Eu, mulher?”, “Eu, Socióloga?”, “Eu, Antropóloga?”, “Eu, Cientista Política?”, “Eu, Professora?”, “Eu, pesquisadora?”, “Eu, escritora?”.

Durante a minha graduação, o curso de Ciências Sociais me possibilitou conviver com pessoas de outros lugares e que traziam consigo histórias de vida diferentes e marcadas por diversas escolhas e significados. Interessou-me ouvir suas experiências de vida, e os sentidos que atribuem eles a suas histórias de vida e sobre o curso de Ciências Sociais, bem como conhecer quem são esses sujeitos. Afinal de contas, quem são Fernando, Naiara e Raquel? De onde eles são? Como se definem? O que se sabe sobre eles?

2.2. Fernando: Menino do Mato, Cientista Social, Professor!

Fernando é natural de cidade de Iporá, localizada no oeste do estado de Goiás, e tem 26 anos de idade; sua mãe é técnica em enfermagem e trabalha em um hospital público do município de Catalão e seu pai trabalha com marmoraria. Ele tem uma irmã mais velha do que ele, e formou-se em Ciências Sociais, em 2014.

Ele nos conta que, sendo de uma família pobre, a sua relação com o trabalho começou na infância, pois seus pais trabalhavam muito para o sustento da família. Fernando se recorda de que sua infância foi vivida na chácara do avô, e afirma que desenvolveu uma paixão pelo trabalho manual da terra devido a essa condição e, sempre que teve a oportunidade, voltava para a roça para ajudar os tios em lavouras de milho.

Fernando relata que a religião sempre esteve presente em sua vida e já foi bastante religioso, a família paterna é protestante da Igreja Assembleia de Deus e a formação recebida

pelos pais foi de uma educação religiosa; porém, enfatiza que após muitos questionamentos sobre a religião, ele se define como ateu.

Sua educação formal iniciou em uma escola evangélica conveniada da Assembleia de Deus com o Estado de Goiás em Iporá, e lá estudou até a sexta série. Na sétima série, ele realizou seus estudos em um colégio público, e em 2005 seu pai conseguiu para ele e sua irmã uma bolsa de estudos parcial, em um colégio particular também cristão na cidade, colégio onde terminou seus estudos. Ele acredita que a opção pelos estudos em colégios cristãos seja pela formação evangélica de sua família.

Fernando narra que sentiu uma mudança grande com a mudança de colégio. Percebeu um compromisso por parte dos professores com as aulas, as condições de infraestrutura eram melhores. Relata que a cobrança era intensa e a disciplina também, pois deveriam dedicar muito aos estudos para a aprovação em vestibulares; essa fase foi marcada pela relação de estudos com resultados, já que o aprendizado serviria para a aprovação em uma boa universidade.

Com a conclusão do Ensino Médio, prestou vestibular para Ciências Sociais e Geografia para a Universidade Federal do Mato Grosso e na UFG, em Goiânia e em Catalão. Nesse momento, ele tinha clareza sobre o futuro acadêmico que gostaria de seguir e narra que um professor de Sociologia foi fundamental na sua escolha. Ele se recorda de que as aulas desse professor eram, em sua visão, as melhores, era o único que citava diversos autores e o único da escola a ter um mestrado. Mesmo assim, ele se recorda de que este professor o desestimulou a realizar o curso. No entanto, ele persistiu no seu desejo.

No início de 2009, aprovado em Ciências Sociais do então Campus Catalão da UFG, Fernando iniciou sua graduação na primeira turma de Ciências Sociais da instituição. O caminho percorrido foi de questionamentos e aflições. Para ele, o curso proporcionou muitos aspectos positivos ao longo da formação. Fernando cursou a modalidade mista de Licenciatura e Bacharelado e optou por dar ênfase na Licenciatura. Ao longo do curso participou de projetos e de manifestações, onde enfatiza que o curso também proporcionou o seu desenvolvimento como militante.

Fernando foi aprovado no curso para professor de Sociologia em Minas Gerais, porém estava aguardando a convocação para assumir como professor de Sociologia no Mato Grosso. Ele narra a diferença de valorização do profissional nos estados. Segundo ele, o governo de Minas Gerais paga mal aos professores e o plano de carreira não é bom, enquanto no Mato Grosso o professor é valorizado profissionalmente e ganha um salário melhor. Sua escolha pelo Mato Grosso se deu também pelo seu “espírito do mato” e pelos conflitos sociais acerca da

terra. Atualmente, Fernando é estudante no curso de Mestrado Profissional em História da UFG/RC.

2.3. Raquel: Um Exemplo de Persistência

Raquel é natural de Coromandel, Minas Gerais, onde residiu por muito tempo em fazendas, e tem 32 anos. Concluiu o curso de Ciências Sociais em 2014, na segunda turma do curso de Ciências Sociais da UFG/RC. Na infância, com três anos de idade, sua família se mudou para Santo Antônio do Rio Verde, em Goiás, onde viveu toda a sua infância.

Raquel narra que teve contato com o trabalho desde pequena. Ela trabalhava e estudava para ajudar no sustento da casa e relata que sua família tinha pouca renda e passava por muitas dificuldades. Trabalhava em serviços domésticos para ajudar os pais. A condição de vida não era problema para a continuação dos estudos. Ela narra que seus pais sempre incentivaram seus irmãos e ela a estudar e ter melhores oportunidades de vida.

Ela começou a estudar numa escola pública em Santo Antônio do Rio Verde, onde realizou toda a sua escolarização até o Ensino Médio. Ela tem lembranças de momentos difíceis e felizes durante a sua escolarização. Relata que teve professores inteligentes, com aulas atraentes, que envolviam dinâmica e uma boa didática, onde se sentia envolvida pelas aulas. Ela narra que esses professores marcaram sua vida, a incentivaram em algumas escolhas, bem como as dificuldades em manter o trabalho e os estudos, o que trouxe dificuldades no aprendizado, onde seu rendimento caiu muito.

Sua família é cristã, da Igreja Assembleia de Deus. Desde criança sua família é membro dessa igreja, e ser cristã, para ela, é um dos melhores acontecimentos de sua vida. Ela narra que pede orientações religiosas para as decisões que precisa tomar em sua vida; porém destaca que alguns membros da família não frequentam mais a Igreja, como seu pai e seu irmão.

Raquel narra que, em 2007, veio morar em Catalão com os pais. Ela diz que essa mudança ocorreu por duas razões: a primeira porque sua irmã mais velha se mudou para Catalão para trabalhar, e a segunda porque sua mãe acreditava que uma cidade maior proporcionaria melhores condições de estudo e oportunidades de emprego para os filhos. Ela relata que seu pai não gostou da ideia por considerar que as condições na cidade onde viviam eram melhores.

Com a mudança de cidade, Raquel narra que as oportunidades começaram a surgir, como oportunidades em novos empregos e o sonho de realizar um curso superior. Ela narra que já tinha realizado outros vestibulares, porém não conseguiu a aprovação. Em 2009, ela estava indecisa em qual curso escolhia, e inicialmente optou pelo curso de Administração. Porém, no

último dia de inscrição escolheu o curso de Ciências Sociais. Diz que não conhecia o curso e não pesquisou informações para fazer a opção pelo curso.

Conta ela que ficou vislumbrada com a universidade e com o curso. Sobre o curso, ela narra que teve momentos de muita angústia e inquietações, tinha muita dificuldade com a escrita e com a leitura dos textos, bem como o embate com a sua religião. Mas, destaca que aprendeu muito com os professores do curso e que o curso proporcionou uma formação crítica e questionadora. Durante a graduação, ela também foi contemplada com duas bolsas de assistência estudantil, e ela pôde realizar seus estudos com maior dedicação.

Atualmente, ela trabalha na Editora Letras do Cerrado na UFG/RC como apoio terceirizado⁶. Raquel também procurou dar continuidade no processo de formação, é aluna regular na Especialização Interdisciplinar em Patrimônio, Direitos Culturais e Cidadania oferecida pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Direitos Humanos (NDH/UFG).

2.4. Naiara: Colecionadora de Histórias

Naiara é natural de Catalão e tem 25 anos. Sua mãe é babá e já trabalhou em escolas. O pai trabalha com tipografia, mas a profissão dele é chapista gráfico. Tem uma irmã mais velha e uma irmã mais nova e se formou em Ciências Sociais em 2015, na terceira turma do curso de Ciências Sociais da UFG/RC.

Ela se define como uma criança que gostava de descobertas e com muita curiosidade. Na sua infância, desmontava e montava objetos em sua casa. Ela acredita que foi dessa curiosidade que surgiu o desejo em se tornar cientista. Ela narra que nunca foi uma pessoa de festas e sua vida foi casa, estudos, igreja e trabalho. Narra que nunca fez amizades com outras pessoas que não fossem do núcleo familiar, suas diversões durante a infância eram divididas com seus primos.

Relata ela que sempre foi apegada com a mãe, mas quando o pai e a mãe saíam para trabalhar, ficava com a avó, que morava em uma fazenda. Quase todos os tios de Naiara, por parte de pai, tinham fazenda, o que proporcionou a ela contato com a área rural. Naiara narra que sua família é evangélica, da Igreja Comunidade Evangélica Vinde.

Naiara relata que começou seus estudos aos cinco anos de idade e sempre estudou em escola pública. Para a realização do Ensino Fundamental e do Ensino Médio mudou para o

⁶ Raquel foi contratada sob o regime CLT em 2016 pela empresa Ipanema, exerce a função de Encarregada de Departamento em um regime de trabalho de 40 horas semanais.

Colégio Público Instituto Educacional Matilde Margon Vaz. Suas matérias prediletas eram Português, História e Física, e ela destaca que o professor de História foi fundamental na escolha pelo curso; ela aprendeu a gostar de História depois das aulas deste professor. Naiara se lembra de que se dedicava muito aos estudos e que era cobrada pela família em fazer tudo com qualidade.

Em 2009, Naiara prestou vestibular para o curso de Ciências Sociais, mas, esta não era a sua opção de curso. Ela pensava em fazer Biotecnologia ou Biomedicina, e, para isto, ela teria que mudar de cidade, mas ela não tinha idade nem condições financeiras; tinha interesse também no curso de Direito, mas seu desejo era estudar em uma universidade pública.

Ela narra que se identificou com o curso de Ciências Sociais por causa da interdisciplinaridade que o curso oferecia. Relata que durante a sua graduação vivenciou momentos de desânimo. Em sua visão, ela considerou o curso como fácil e ele deveria ser mais exigente em termos de conteúdo e disciplina com o horário. Apesar disto, destaca que o curso tinha ótimos professores que proporcionavam boas aulas e debates em Sociologia e Antropologia.

Ela menciona que nunca foi uma aluna que procrastinava e era sempre dedicada aos estudos na graduação. Durante a sua graduação, Naiara trabalhava e participava de projetos. Atualmente, Naiara trabalha com *design* de Fotografia e no futuro pretende realizar um mestrado na área de Comunicação Visual ou *Design*.

2.5. Biografização dos Participantes da Pesquisa

Segundo Delory-Momberguer (2011), na linguagem da narração se escrevem todos os espaços biográficos da experiência humana. A autora destaca que não paramos de nos biografar, de inserir nossas experiências em um tempo e espaço, onde, pela narrativa, organizamos mentalmente nossos gestos, ações, atitudes. Sobre biografia Delory-Momberguer (2011) nos diz:

[...] a biografia poderia ser definida como uma dimensão do agir humano que permite aos indivíduos, dentro das condições de suas inserções sócio-históricas, integrar, estruturar, interpretar as situações e os acontecimentos vividos. Tal atividade de *biografização* apresenta-se como uma *hermenêutica prática*, um marco de estruturação e de significação da experiência que permite ao indivíduo criar uma *história* e uma forma própria – uma *identidade* ou *individualidade* – para *si mesmo*. (DELORY-MOMBERGUER, 2011, p. 342, grifo no original)

As histórias de vida de Fernando, Naiara e Raquel construídas pela narrativa e pela biografização trazem informações que não limitam nossas análises; ao contrário, possibilitam reflexões importantes acerca de aspectos gerais da vida dos participantes.

Eles, egressos e egressas do curso de Ciências Sociais da UFG/RC, apresentam em suas biografias informações semelhantes. Suas infâncias começam em cidades pequenas do interior de Goiás e Minas Gerais como Santo Antônio do Rio Verde e Coromandel, onde viviam em fazendas. Fernando e Raquel viveram boa parte de suas infâncias em fazendas e depois se mudaram para a cidade. Já Naiara viveu sua infância na cidade de Catalão.

Podemos perceber que Fernando, Naiara e Raquel nasceram em épocas de grandes modificações na estrutura familiar, econômica, política e social da sociedade brasileira. Fernando, Naiara e eu nascemos na década de 1990 e Raquel, em 1980. De acordo com Siebert (2009), foi na década de 1980 que o Brasil passou por grandes mudanças, começando pelo mundo do trabalho, através da reestruturação produtiva, resultado da crise financeira que passava o país. Nessa época o país passava por uma crise econômica profunda, ocasionada pelo endividamento externo e interno, trazendo, assim a redução dos investimentos públicos e iniciativa mínima para a construção de políticas sociais.

Siebert (2009) destaca que, em 1980, o Brasil esteve na condição de país mais industrializado da América Latina, ocasionado pelo porte de suas indústrias e a inserção no mercado internacional. Nessa década, também surgem as primeiras alterações no sistema produtivo, onde empresas adotam novas formas de organização social do trabalho. Surge nessa época o que a autora define como “Questão Social”: uma expressão de desigualdade vigente na sociedade capitalista, onde nessa sociedade o trabalho e a produção são sociais, porém a maioria não usufruía desse capital, levando assim a uma sociedade desigual e de miséria.

Segundo a autora, foi no final da década de 1980, com o fim do regime militar, que o país passou a vivenciar uma onda de movimentos sociais. Goldani (1994) menciona que, na década de 1990, houve o surgimento de uma maior participação política de outros segmentos sociais na busca pela democracia e discussões acerca do feminismo, trabalho e desigualdade em relação às mulheres.

Segundo Goldani (1994), em relação às transformações do modelo tradicional de família, os filhos participam mais intensamente nas atividades do mercado de trabalho e na renda financeira familiar, compartilhando com o chefe da família as responsabilidades e a manutenção da família, proporcionando uma redefinição dos padrões de hierarquia e sociabilidade; as mulheres também começam a ganhar espaço no mercado de trabalho, podendo ajudar na manutenção das famílias.

Goldani (2002) afirma que, na década de 1990, “as famílias brasileiras são fundamentais no processo de distribuição de recursos na sociedade e no bem entre seus membros” (GOLDANI, 2002, p. 39). O núcleo familiar se torna um espaço de afetividade e acolhimento dos filhos, onde recebe valores, educação e aprendizado para a vida. As narrativas dos participantes destacam a importância da família em suas vidas mesmo diante de muitas dificuldades, e a família se preocupava em transmitir valores como estudo e trabalho:

[...] A gente é de uma família pobre, de trabalhador, no entanto lá em casa nunca houve a opção de se estudar, lá era uma regra, deveríamos estudar. (FERNANDO, 1ª. Narrativa, p. 15)

[...] Na minha família nunca teve isso. A gente era obrigado, ah, não, se estou estudando eu tenho a obrigação de tirar uma nota boa e eu tenho a obrigação de passar de ano”. “Então, assim, eu sempre fiquei com a minha mãe, nunca brinquei na rua, sempre assim com a minha família, quando eu era criança meu pai já trabalhava, minha mãe também trabalhava, eu ficava bastante com a minha avó.

[...] na rua, não tive amigos na rua, sempre o meu relacionamento era entre eu e meus primos mesmo, é mais familiar. (NAIARA, 2ª. Narrativa, p. 3).

Minha família é uma família, como posso falar, humilde, mas uma família com baixa renda e sempre encontrou dificuldades. Mas, meus pais sempre me apoiaram com relação aos estudos. (RAQUEL, 3ª. Narrativa, p. 1).

Fernando, Raquel e Naiara viveram com intensidade o contexto familiar, que envolveu a relação e afetividade com os pais, reuniões em família, as brincadeiras com amigos e primos e a ajuda nos trabalhos de casa ou da terra. Essas experiências se tornam dispositivos de análises para pensar os modos em que o indivíduo se torna o que é. Naiara, por exemplo, relata que a exigência em relação às notas fez com que se tornasse uma pessoa aplicada em tudo que fizesse; Raquel, através de suas experiências de dificuldades e dos esforços de seus pais para oferecer uma qualidade de vida melhor aos filhos, percebeu na educação um caminho de mudança de vida. Dessa forma, a família cumpre um papel central na formação dos indivíduos para a vida.

Outro dado interessante que as narrativas indicam é que os três participantes tinham contato com fazendas e terras. Fernando e Naiara viveram em fazendas de parentes. Raquel viveu em fazendas que seus pais trabalhavam em Coromandel. Fernando enfatiza que as fazendas dos seus avós eram um espaço de diversão, mas também de sustento; Raquel narra também que seus pais trabalhavam muito para sustentar a família, mesmo enquanto moravam em fazendas, onde a vida era de muito trabalho e sacrifícios:

[...] até por que meu avô, pai do meu pai, morava na zona rural, e eu gostava muito daquilo, coisa meio lúdica. [...] eu sempre ia para a roça ajudar os meus tios, nesse período chuvoso, assim, capinei muita lavoura de milho, enfim, isso sempre fez parte da minha vida. (FERNANDO, 1ª. Narrativa, p. 4 – 5).

Trabalham. Todos os dois. Minha mãe começou a trabalhar foi... ajudava meu pai, né com o serviço que ele fazia, na época que a gente morava na fazenda, ela ajudava muito com esses serviços da fazenda, que era fazer cerca, né, esses serviços que precisava fazer na fazenda. (RAQUEL, 3ª. Narrativa, p. 3)

Fidelis (2015) diz que, no meio rural, vigoraram por um bom tempo famílias numerosas, com muitos filhos, no intuito que estes somem aos trabalhos nos roçados, aos trabalhos empregados na agricultura para a produção de alimentos, para a manutenção familiar e para suprir os mercados locais. A infância, para os participantes, é considerada um momento de brincadeiras e de aprendizado.

Na história de Naiara, ela assistia a muitos documentários, telecursos, e programas educativos; além de brincar com bonecas, tinha brinquedos tecnológicos que lhe despertavam bastante curiosidade. A curiosidade é algo que acompanhou a infância e adolescência de Naiara, despertando seu interesse em se tornar cientista:

[...] eu sempre gostei muito de assistir o Telecurso. Eu acordava às cinco horas da manhã, cinco e pouquinho da manhã, para poder assistir e depois ir para escola, eu estudava de manhã. Eu acho que um pouco disso, desta... – documentários também, de televisão, antes eu via muito, bastante, TV Cultura ou TV Futura também, Discovery, esses canais que tem bastantes documentários, e eu gostava muito de, principalmente de Albert Einstein, Galileu Galilei, gostava de descobertas –. Eu acho que foi por essa questão de muita curiosidade, e também na infância eu sempre gostei de, não sei... um brinquedo estragava, eu gostava de desmontar... computador já teve uma vez que eu desmontei um computador para poder tentar montar ele, aí não ligou, custei... custei a voltar para fazer aquele computador funcionar, e, assim, eu sempre fui muito curiosa, eu acho que é mais em relação à curiosidade que surgiu esse desejo pelas ciências mesmo, de descobrir novas coisas, aprender sobre essas coisas... (NAIARA, 2ª. Narrativa, p. 2 – 3).

A experiência de vida dos egressos e egressas do curso de Ciências Sociais da UFG/RC está relacionada com o trabalho. Parte dos participantes começou a trabalhar jovem, como Raquel, que trabalhava como babá e serviços domésticos. Apesar de não trabalharem, Fernando e Naiara também são afetados com o trabalho de seus pais, onde seus pais também trabalhavam para ajudar a casa e dar conforto para os filhos.

Outro aspecto atravessador na vida dos participantes é a religião. Fernando, Naiara e Raquel são evangélicos. Raquel e Fernando vivenciaram com mais intensidade a religião. Atualmente, Fernando se considera ateu, enquanto Raquel tem a religião como elemento importante para as decisões que precisa tomar. Contudo, na infância e na adolescência as crenças religiosas marcaram suas vidas:

Religião na minha vida sempre foi uma coisa bem... a gente tinha dois lados na minha análise primária, da criança, porque, porque toda a família do meu pai, eles eram muito grandes, todos são protestantes. Todos são evangélicos da Assembleia de Deus, um grupo muito bem estruturado e muito cristalino naquilo que desejam, que eles almejam como futuro, enfim, do que se entende como vida e como vida após a morte. Então eu fui criado nesse contexto. Fui criado nesse contexto, a própria formação que me foi dada foi uma formação religiosa (FERNANDO, 1ª. Narrativa, p. 10)

Deus para mim é tudo, na minha vida, eu.... todas as minhas decisões que eu tomo na minha vida, eu....lógico que tem hora que eu sou muito cabeça dura. Às vezes, eu quero tomar as minhas próprias decisões. E aí, todas as minhas decisões que eu já tomei na minha vida, né, que eu tomo na minha vida, eu peço uma orientação a Deus. E Deus, para mim, é tudo, tudo, tudo mesmo. (RAQUEL, 3ª. Narrativa, p. 5)

Os egressos e egressas do curso de Ciências Sociais da UFG/RC também estão inseridos no modelo de ensino desenvolvido na década de 1990. A sociedade brasileira, durante essa década, passava por mudanças sociais, éticas, culturais e econômicas, e grandes desafios com a nova ordem mundial, caracterizada pelo processo de globalização do sistema econômico e político.

O ensino passa também por mudanças a partir da Lei 9.394, que estabeleceu as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, produzindo uma educação voltada para a eficiência, eficácia e para o mercado de trabalho. Frigotto e Ciavatta (2003) dizem que a educação básica em 1990 tem por finalidades “desenvolver o educando, assegurando-lhe a formação comum e indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e estudos posteriores” (FRIGOTTO E CIAVATTA, 2003, p. 100). Essa condição aparece nas narrativas dos participantes. A motivação para a continuação dos estudos é vista pelos familiares dos participantes como um caminho de ascensão social:

Minha mãe sempre me falava: ‘Tem que estudar mesmo, você não vai querer ficar a vida inteira lavando banheiro para os outros’. Um pouco assim, lógico que aí eu falo assim: Não mãe, quero isso não. E ela falou assim: ‘Pois é, tem que estudar, tem que ir em frente, tem que dedicar mesmo, estudo é a melhor coisa que a gente faz na vida...’ e eu sempre tive essa motivação. (RAQUEL, 3ª. Narrativa, p. 7)

Meu pai, uma vez, ele até me disse que preferia pagar para eu estudar o Ensino Médio e eu entrar, ingressar numa universidade pública e ele não ter que pagar, do que ele não pagar o meu Ensino Médio e ter que pagar, ir para uma universidade privada, sabe, onde seriam mais difíceis as condições de manter nessa universidade. Eu não sei por quê, mas foi uma série de fatores e dentre eles, o pensamento no futuro mesmo, que de formação, de continuar a minha formação. Eu acho que foi isso que meu pai enxergou. Meu pai e minha mãe, eles sempre gostavam da ideia de que a gente tinha que estudar. Sempre colocavam isso na minha mente: independente do que você for fazer, que você faça bem feito, você tem que estudar. Isso sempre foi algo de casa. (FERNANDO, 1ª. Narrativa, p. 15)

Na minha família nunca tive pessoas que me diziam: ‘Ah, não, se você passar de ano, você vai ganhar um presente’. Na minha família nunca teve isso. A gente sempre era obrigado, ah, não, se estou estudando eu tenho que a obrigação de tirar uma nota boa e eu tenho a obrigação de passar de ano (NAIARA, 2ª. Narrativa, p. 3)

Fernando teve experiência com esse modelo educacional. Estudou por um curto período em uma escola particular, e em suas narrativas demonstra a exigência e disciplina para os estudos com foco na aprovação em vestibulares. A rotina era sensivelmente diferente das experiências que tinha em relação à escola pública:

Quando eu cheguei no colégio particular vindo da escola pública, é... tinha um dia quase inteiro que era dedicado [...] as matérias fora da sala de aula, né? A gente tinha aula de xadrez, nossa, nunca pensei em ter aula de xadrez até então, a gente tinha aula de xadrez, natação, a gente tinha aula de futebol, de voleibol, enfim, [...] tinha quadra de areia, quadra fechada, campo de futebol, tinha piscina e ambientes... a salinha de xadrez, não só onde a gente jogava xadrez, mas como outros...gamão, enfim. Tinha várias outras coisas que não via também na escola pública (FERNANDO, 1ª. Narrativa, p. 15)

Com relação à escolha dos egressos pelo curso de Ciências Sociais, Fernando relata o seguinte: [...] “eu já tinha noção – mais ou menos – do que eu queria ser, né, eu queria ser professor” (FERNANDO, 1ª. Narrativa, p. 1). Fernando narra que, durante o seu Ensino Médio, conheceu um professor de Sociologia que despertou seu interesse pelo curso, e que este professor era exemplo de ser pensante e crítico:

Eu me lembro que eu estava no começo do segundo ano, aí tinha um professor de sociologia, o cara era fenomenal, assim, sabe, e ele era o único professor da escola que tinha mestrado, eu achava isso, nossa muito legal (FERNANDO, 1ª. Narrativa, p. 1).

Outro dado importante que levou Fernando a escolher Catalão para a realização do ensino superior está ligado com as suas vivências ao longo da vida. Ele narra que a sua criação no interior o fez optar por não estudar em metrópoles. Mesmo com a aprovação em outras universidades federais, ele escolheu pelo curso de Ciências Sociais em Catalão, onde define essa escolha como um momento de incertezas: “Optei por Ciências Sociais mesmo e aqui em Catalão. Isso que é muito louco! Porque eu era muito doido mesmo, né, porque o curso era novo” (FERNANDO, 1ª. Narrativa, p. 1).

Naiara e Raquel não tinham conhecimento do que era o curso de Ciências Sociais. Para Naiara, o curso de Ciências Sociais não era a sua primeira opção de curso, mas por questões financeiras e de idade, decidiu ficar em Catalão e continuar seus estudos em uma universidade na cidade. Naiara aponta que um professor de História foi sua inspiração em gostar de ciências humanas e, conseqüentemente, na escolha pelo curso de Ciências Sociais, mas procurou informações do que seria o curso. Porém, ela traz um dado importante para análise, a transdisciplinaridade foi fundamental para sua escolha:

O que eu fiz quando eu fui escolher o meu curso, eu peguei a lista de todos os cursos da UFG, fui marcando a que mais me interessaria, e eu comecei a estudar sobre eles. Daí o que mais me interessou foi Ciências Sociais [...] Eu escolhi mais por que ele tinha [...] mais áreas de conhecimento dentro do curso, então, eu por exemplo, eu vi lá, quando, quando eu tinha pesquisado, não, você vai aprender sobre Filosofia, um pouco de Direito, um pouco de Psicologia, tinha muita coisa que eu ia prender, então eu fui mais por isso, pela variedade de opções dentro do curso (NAIARA, 2ª. Narrativa, p. 11 – 12)

No último dia da inscrição do vestibular, Raquel não tinha definido qual curso desejava realizar. Com o objetivo de ingressar em uma universidade pública selecionou primeiramente o curso de Administração; todavia, decidiu mudar de opção e escolher Ciências Sociais. Raquel não conhecia o curso até começar a cursá-lo:

Eu me lembro que falta... era no dia, que era o dia do encerramento da inscrição, eu falei assim: não gente, mas não pode vou fazer para esse outro curso aqui já que essa Administração não está virando. [...] E aí, eu falei assim: 'vou fazer para esse curso aqui, ó, Ciências Sociais' (RAQUEL, 3ª. Narrativa, p. 5).

Apesar de Fernando, Naiara e Raquel relatarem diferentes caminhos de chegada ao curso de Ciências Sociais, percebemos que a escolha pelo curso de Ciências Sociais não era a primeira opção para boa parcela deles. Naiara gostaria de cursar algum curso na área biológica, Raquel tinha como opção inicial o curso de Administração. Fernando, porém, tinha como objetivo cursar Ciências Sociais, apesar de relatar que desejou fazer o curso de Economia e chegou a realizar sem conclusão o curso de Agronomia em uma universidade pública.

Entretanto, encontramos nesses egressos e egressas uma grande satisfação em terem realizado o curso. Pelas narrativas, observamos elementos que indicam que o curso proporcionou mudança pessoal e profissional, possibilitando que egressos se insiram no mercado de trabalho, como Fernando, que é professor em Sociologia pelos Estados de Minas Gerais e Mato Grosso como servidor efetivo, bem como possibilitou a inserção em novos espaços, como Raquel, que trabalha como terceirizada na UFG/RC. Naiara atualmente trabalha com fotografias e *design* de imagem. Atualmente, somente Fernando e Raquel prosseguiram para aperfeiçoar os estudos.

2.6. Considerações Parciais

Podemos entender que as trajetórias de vida dos egressos e egressas do curso de Ciências Sociais da UFG/RC trazem importantes dispositivos de análise. Encontramos nessas trajetórias uma diversidade de acontecimentos, dificuldades, personagens, expectativas, sonhos, e desejos.

O ato de ouvir as narrativas dos participantes da pesquisa me possibilitou compreender como eles se enxergam no mundo, como se identificam, como se definem. Posso dizer que o contato com as trajetórias de vida e das experiências advindas delas me possibilitou um momento de reflexão sobre a minha própria trajetória de vida. Essas reflexões dizem muito sobre o que eu sou, escolhas que fiz, expectativas e silêncios que optei em ter em diferentes momentos da minha vida.

Podemos também compreender que a universidade e o curso de Ciências Sociais se tornam o espaço do encontro e da realização dos sonhos, anseios e expectativas de Fernando, Naiara e Raquel. A continuação dos estudos é visto por eles como um caminho para a realização de suas expectativas. Os narradores apontam diversos caminhos para chegar à universidade, mas constituem caminhos em comum em suas narrativas, como a abertura para pensar uma condição de vida e para pensar uma sociedade criticamente, assim como a abertura para novas formas de conhecimento. Pelas narrativas, podemos perceber que a trajetória de vida deles é marcadas por experiências que estão para além da universidade e que são desenvolvidas ao longo da vida.

O Capítulo 3, a seguir, irá apresentar o curso de Ciências Sociais na perspectiva de seus egressos.

CAPÍTULO 3 – O CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS A PARTIR DA PERSPECTIVA DE EGRESSOS E EGRESSAS DA UFG/RC ENTRE 2009 E 2017

Este capítulo tem como objetivo refletir, a partir das narrativas dos egressos e egressas, sobre o curso de Ciências Sociais. Os relatos biográficos e as entrevistas possibilitam pensar em relação à escolha pelo curso, à entrada na universidade, expectativas, disciplinas, professores, estágios, dentre outros.

Em minhas recordações, apesar das dificuldades de um curso que ainda estava se estruturando, o curso procurava, dentro de suas possibilidades, oferecer uma boa formação nos campos do ensino, da pesquisa, da extensão e da prática. Em algumas disciplinas, meus colegas e eu tínhamos a oportunidade de discutir projetos de pesquisas, bem como realizações de pesquisa de opinião. Lembro que as disciplinas Métodos e Técnicas de Pesquisa e Prática de Pesquisa em Ciências Sociais proporcionaram intensos debates quando os colegas demonstravam inquietações e dificuldades em relação as pesquisas desenvolvidas. Meus colegas e eu tínhamos a oportunidade de produzir projetos de pesquisa, éramos instigados durante as aulas a discutir nossos projetos e a realizar pesquisas de opinião.

As discussões sobre o ensino de Ciências Sociais ocorriam em disciplinas como Introdução as Ciências Sociais, Sociologia (I a IV), Políticas Educacionais no Brasil, Psicologia da Educação (I e II), Fundamentos Filosóficos e Sócio-Históricos da Educação, Didática e Prática de Ensino em Ciências Sociais (I e II) e Laboratório de Prática de Ensino (I e II) e Estágio Supervisionado. Essas disciplinas têm o objetivo de proporcionar ao estudante discussões acerca dos conteúdos relacionados aos eixos que formam a identidade do curso (Antropologia, Ciência Política e Sociologia), os professores envolviam os estudantes com debates em sala de aula buscando a aproximação com a realidade social através das possibilidades de análises, do diálogo com outras áreas de conhecimento, e ensinar os conteúdos acerca do ensino de Ciências Sociais de acordo com o PPC vigente para o Bacharelado:

[...] o bacharel deve ser capaz de apreender as demandas de desenvolvimento de metodologias de avaliação institucional. Por outro, o licenciado deve aprender a ouvir as demandas e necessidades de postura, aplicação e entendimento da realidade do alunado (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 2014a, p. 8).

O curso de Ciências Sociais me proporcionou uma formação significativa. Enquanto egressa do mesmo, despertou-me o interesse em compreender os sentidos que os estudantes atribuem ao curso de Ciências Sociais e, em particular, quando narram suas histórias. Afinal,

por que a escolha de uma graduação em Ciências Sociais? Qual o significado do curso em suas vidas? Como se deu esse processo?

Foram muitos os motivos que influenciaram os egressos e egressas do curso de Ciências Sociais da UFG/RC pela escolha da realização de um curso superior: continuação dos estudos, expectativa de melhorar a condição de vida, oportunidades de emprego, pouco recursos para estudar em outra cidade, identificação pessoal com o curso, dentre outros. Diante disso, podemos afirmar que o curso de Ciências Sociais da UFG/RC, no período de 2009 a 2017, é visto pelos egressos como o lugar de continuidade do processo de escolarização, de troca de experiências, aquisição de novos conhecimentos e a oportunidade de construção de um perfil e aperfeiçoamento profissional.

É importante mencionar que, em seu início, a criação dos cursos superiores e das universidades no Brasil era voltada para uma minoria da sociedade brasileira. Segundo Stallivieri (2007), a universidade no Brasil, no começo do século XIX, era resultado “da formação das elites que buscaram a educação principalmente em instituições estrangeiras durante o período de 1500 a 1800 e que retornaram ao país com sua qualificação” (STALLIVIERI, 2007, p. 81).

A autora destaca que a universidade e os cursos superiores surgiram em momentos conturbados e são fruto da reunião de institutos isolados ou faculdades específicas, o que lhes proporcionou as características frágil e fragmentada. A respeito disso, Saviani (2010) afirma que

[...] no Brasil o ensino superior teve origem a partir de 1808 na forma dos cursos avulsos criados por iniciativa de D. João VI, sendo somente no primeiro quartel do século XX que aparecem algumas iniciativas, ainda isoladas e pouco exitosas de organização de universidades. Estas só começaram a se caracterizar mais claramente a partir do Decreto 19.851, de 11 de abril de 1931 que estabeleceu o Estatuto das Universidades Brasileiras, seguido do Decreto n. 19.852, da mesma data, dispendo sobre a organização da Universidade do Rio de Janeiro. (SAVIANI, 2010, p. 4)

Ainda nas palavras de Stallivieri (2007), a primeira instituição universitária legalizada criada pelo governo federal foi a Universidade Federal do Rio de Janeiro, fundada em 1920, marcando definitivamente novos rumos para a Educação Superior no Brasil e sinalizando para o estabelecimento de uma nova era. Outras universidades públicas federais e privadas foram criadas, segundo a autora, entre 1930 e 1964, perfazendo um total de mais de 20 unidades federais no Brasil.

Segundo a autora, com a criação da Universidade de São Paulo, em 1934, e a contratação de um grande número de professores estrangeiros europeus, houve a sinalização de uma forte

expansão de cursos superiores no Brasil. Nesse contexto de expansão do ensino público federal é que surge o primeiro curso de Ciências Sociais no Brasil, criado em 1933, na Universidade de São Paulo. Como afirma Saviani,

Nesse contexto foi criada, em 1934, a Universidade de São Paulo e, em 1935, a Universidade do Distrito Federal, por iniciativa de Anísio Teixeira, que teve duração efêmera, tendo sido extinta pelo Decreto n. 1063 de 20 de janeiro de 1939, ocasião em que seus cursos foram incorporados à Universidade do Brasil que havia sido organizada pela Lei n. 452, de 5 de julho de 1937 por iniciativa do ministro da educação, Gustavo Capanema. Ainda na década de 1930 se organizava o movimento estudantil com a criação da União Nacional dos Estudantes (UNE) em 1938. Em 1941 surgiria a PUC do Rio de Janeiro e, em 1946, a PUC de São Paulo. Na década de 1950 a rede federal se amplia especialmente com a “federalização” de instituições estaduais e privadas. (SAVIANI, 2010, p. 7 – 8).

Nas últimas décadas, o Ensino Superior brasileiro passou por um acelerado fenômeno de crescimento. Segundo Torini (2012), “a quantidade de alunos nos cursos de graduação saltou de 1,5 milhões na década de 90 para mais de cinco milhões nos dias atuais” (TORINI, 2012, p. 11). O autor destaca que o significativo crescimento não foi acompanhado pela elevação da qualidade de ensino, mas por queda considerável nos índices de avaliação e poucos investimentos federais. Dessa forma, apesar do crescimento de cursos superiores no Brasil, na década de 1990, as universidades federais recebiam poucos investimentos. Nesse contexto, como o campo das Ciências Sociais expandiu?

Segundo Torini (2012), a partir da primeira metade da década de 2000, os cursos superiores de Ciências Sociais iniciaram um processo significativo de expansão. O autor relata que a partir nos últimos anos foram criados, 60 cursos de Ciências Sociais em todo o Brasil, com uma intensificação desse processo a partir dos meados da década passada. (TORINI, 2012, p.18).

Bodart e Tavares (2018) destacam que o Programa de Financiamento Estudantil (FIES), o Programa Universidades Para Todos (PROUNI), e o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) como ações estatais que possibilitaram o crescimento dos cursos de Ciências Sociais. Nesse cenário de criação de universidades e expansão de cursos superiores, é criado o curso de Ciências Sociais na UFG/RC em 2009, através da iniciativa dos professores do departamento de História.

Nosso objetivo neste capítulo não é minuciar o surgimento das universidades no Brasil. Porém, consideramos importante sinalizar que a criação de novas universidades e a expansão de cursos superiores a partir de 2000 possibilitou que o curso de Ciências sociais que, até então era concentrado em grandes centros urbanos, se expandisse para cidades do interior. Com o

REUNI e o projeto de expansão das universidades, em 2006, a UFG/RC vivenciou um processo acelerado de demandas de curso e de mudanças em sua estrutura. As mudanças não estão restritas somente a estruturas físicas, mas também pessoais. A universidade é o *locus* de relacionamento entre os indivíduos e da troca de experiências, possibilitando conhecermos outras pessoas e outras histórias e construirmos novas relações e novas experiências.

3.1. O Curso de Ciências Sociais da UFG/RC sob a Perspectiva de Egressos e Egressas do Curso de 2009 a 2017

O curso de Ciências Sociais será analisado na perspectiva do egresso e utilizamos o método de análise proposto por Bardin (2016). Ao lermos os relatos autobiográficos e as transcrições de entrevistas, encontramos algumas categorias plausíveis para análise: a escolha pelo curso, expectativas, a entrada na universidade, disciplinas, qualidades pessoais, estágios, licenciatura e bacharelado, profissão.

Segundo Bolívar (2002) os informantes da pesquisa biográfica-narrativa falam por si mesmos, sem silenciar sua subjetividade: “[...] pues los informantes hablan de ellos mismos, sin silenciar su subjetividad” (BOLÍVAR, 2002, p. 2).

São essas subjetividades que compõem as categorias apresentadas neste capítulo, contendo reflexões e informações contidas nas trajetórias de vida. Como egressa do curso e pesquisadora trago as minhas narrativas para completar e acrescentar informações nas análises.

3.1.1. A escolha pelo curso de Ciências Sociais

A escolha de Fernando e Naiara pelo curso de Ciências Sociais foi influenciada por professores que marcaram suas vidas. A esse respeito, Fernando e Naiara dizem: [...] “eu diria que a grande referência minha foi meu professor” (FERNANDO, 1ª. Narrativa, p. 4), [...] “mas eu fui para a área de Humanas, acho que a minha referência mesmo foi um professor [...] de História e, nossa, ele foi excelente e, para mim, ele foi muito a referência, aí passei a gostar de História também a partir dele” (NAIARA, 2ª. Narrativa, p. 20).

Raquel, por sua vez, não tinha a escolha do curso definida, mas destaca a condição dos colegas com quem estudou no Ensino Básico para a continuação dos estudos:

Os meus colegas do Ensino Médio, alguns tentaram, outros não quiseram nem saber de curso, de curso superior. E aí eu falava assim: “nossa, eu preciso acompanhar junto com os meus colegas, preciso também passar num curso”. E foi onde eu fui contemplada com o curso (risos). (RAQUEL, 3a. Narrativa, p. 7)

A narrativa de Raquel aponta que as experiências no espaço escolar foram marcantes em suas escolhas. A escolha para a realização de um curso superior faz parte de um constante processo de formação que procuramos ao longo da vida, a continuidade dos estudos possibilita a conquista de melhores oportunidades de vida e desenvolvimento profissional.

A escolha pela graduação em Ciências Sociais para os narradores se deu também pela afinidade com a área de Ciências Humanas. Além da influência de professores do Ensino Básico na escolha do curso, percebemos a proximidade dos narradores com professores que ministravam as disciplinas de História e Sociologia. Essa afinidade permitiu que os participantes optassem por cursos nas áreas de Ciências Humanas. Naiara tinha afinidade com as aulas ministradas pelo professor de História. Fernando, por exemplo, gostava das discussões abordadas pelo professor de Sociologia:

[...] os de Sociologia que eu tinha, o que dava Sociologia e Ética para mim, o cara era muito inteligente, assim, eu pensava, eu tinha muita vontade de ser como ele, sabe? Era um dos poucos, assim, que chegava e falava de quantidade de livros muitos grandes e, assim, nossa eu quero ser igual a esse cara, ter conhecimento em várias áreas assim [...] (FERNANDO, 1ª. Narrativa, p. 3).

A narrativa de Fernando não permitiu, ao certo, perceber como eram a organização interna, as aulas e os conteúdos desenvolvidos nessa instituição escolar. As narrativas de Fernando também não trouxeram quais os conhecimentos em várias áreas que o professor tinha, mas percebemos que o professor e os conteúdos ministrados em sala de aula foram fundamentais para a escolha de Fernando. A disciplina de Sociologia proporcionou na sua visão a construção de novos conhecimentos e diálogo com outras disciplinas.

Outro dado que emerge nas narrativas e na influência na opção pelo curso de Ciências Sociais diz respeito a questões econômicas e sociais dos narradores. A esse respeito, Naiara, Fernando e Raquel relatam que:

[...] a faculdade que eu fiz não é exatamente a que eu queria fazer, mas eu não queria sair de Catalão, eu era muito nova também, então tive que escolher um curso aqui [...]. Daí eu estava em dúvida entre algumas...algumas outras opções, mas acabei escolhendo Ciências Sociais, até por que era um curso mais amplo, um pouco, e como eu estava um pouco indecisa, eu preferi pegar um mais amplo mesmo, do que focar, em mais específico. Então escolhi Ciências Sociais [...] Só que por não poder sair daqui, com dezessete anos, eu escolhi as Ciências Sociais e fui para essa área das Ciências também que é uma área que... gostei bastante. [...] (NAIARA, 2ª. Narrativa, p. 2)

[...] eu tinha um tio, que esse não é de sangue não, mas ele era casado com a minha tia, sempre eu cresci falando que ele era meu tio, ele era meu tio. Quando eu falei para ele que viria para Catalão, inclusive ele faleceu em 2014, quando eu falei para ele que viria para Catalão, ele falou assim: “Nossa, que isso, você vai para a melhor cidade do Estado de Goiás!”, até porque nessa época, de fato era mesmo, né? Catalão tinha um dos melhores IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do país, enfim, Catalão era aquele boom, né, de investimento, de infraestrutura,

era Catalão, né, não era qualquer lugar, né, Catalão [...] (FERNANDO, 1ª. Narrativa, p. 7)

[...] Mas foi em 2007, acho que foi em 2007, ou 2006, não sei, não me lembro muito bem, que a gente veio. Viemos morar aqui em Catalão, e aí, aqui eu tive uma grande oportunidade, que foi de tentar, foi um sonho mesmo, de fazer o vestibular e passar numa graduação. Lógico que já havia tentado desde Santo Antônio mesmo, já estava fazendo essa tentativa e foi uma oportunidade muito maravilhosa. (RAQUEL, 3ª. Narrativa, p. 1)

Sobre as narrativas de Fernando, Naiara e Raquel, podemos perceber a importância da Universidade e do seu papel social. Segundo Martins (2011), a cidade de Catalão, nos últimos 30 anos, vem se destacando entre as cidades mais importantes do estado de Goiás. A partir de 2005, Catalão apresentava o quinto maior PIB de Goiás e a economia catalana estava entre as maiores economias do Estado de Goiás, com uma indústria forte, com comércio e agropecuária desenvolvida, e possuía a maior província de mineração do estado de Goiás. A autora destaca que o potencial econômico de Catalão atraiu mão-de-obra e investimentos, se tornando uma cidade de oportunidades. A Universidade Federal de Goiás em Catalão colaborou com o desenvolvimento da cidade, recebendo estudantes da região e da cidade.

Conforme aponta Cruz (2015), ao final da década de 2000, a UFG aderiu ao REUNI, “criando o seu Projeto de Expansão e Consolidação, que visava oferecer cursos que pudessem atender as demandas de formação universitária decorrentes do processo de industrialização e agroindustrial pelo qual passava a cidade” (CRUZ, 2015, p. 95).

A partir da implantação do REUNI e o recebimento de novos cursos, a UFG/RC realiza, por meio de concurso público de provimento efetivo, a contratação de professores, técnico-administrativos, investe em prédios, laboratórios e financia pesquisas. Nesse sentido, a política do REUNI cumpriu um papel importante na expansão de universidades e cursos superiores. Possibilitou o crescimento da cidade de Catalão, uma vez que pessoas vieram de outros lugares para a realização de um ensino superior, como Fernando, que residia em Iporá, e de outras cidades e estados, como Uberlândia, Goiânia, Goiandira, Cumari, Nova Aurora e Brasília. Esta política possibilitou também o ingresso de pessoas que não tinham condições de se deslocarem para outros lugares para a realização de um curso superior.

A realização de um curso superior perpassa também por incentivo familiar. Os narradores mostram que a família cumpre um papel determinante em suas escolhas, uma vez que encontravam em tios, primos, pais, o incentivo para a continuação dos estudos. Fernando e Raquel mostram essa condição:

[...] Eu tenho uma tia, que ela é uma pessoa, assim, que eu considero muito culta, ela sempre gostou, assim, de estudar, gostou de ir... de conhecer outros países, ela já tem um conhecimento, já... muito grande, já foi para a África, já foi para a

França, então... aí eu... ela vem, aí ela foi, fez graduação também, fez um curso superior. E aí, acho que isso me motivou também. E aí, também tem uma prima (também) que era super dedicada desde nova, assim, quando ela já saiu do Ensino Médio, já entrou numa universidade federal, então isso (deve ter motivado)... eu falei assim: “gente, como assim, eu também tenho que...” (risos); não só para esbanjar diploma, lógico que não, isso aí... mas é para, também, conquistar as coisas, né? E aí, isso me motivou, foi a motivação de poder entrar. (RAQUEL, 3ª. Narrativa, p. 7)

[...] o meu tio mais novo, por parte de pai, chama Samuel, ele é professor de História, e atualmente ele é professor de História do IF (Instituto Federal). E ele também, eu acho que, com certeza, eu até falei isso para ele, com certeza ele é um dos meus, das minhas fontes de inspiração, porque eu também sempre achei ele, eu sempre via ele como exemplo de pessoa, de ser pensante, que parava e refletia alguma coisa, assim, antes de dizer, enfim... de certa maneira quando você é criança, os adultos de certa forma, não sei se em todos lugares, com certeza não, mas pelo menos nas minhas experiências, os adultos não queriam explicar de fato por que a gente tinha que fazer determinadas coisas, agora meu tio não, ele era diferente, ele sempre parava, pensava o por que iria falar isso para a gente, falava de maneira detalhada, se eu não entendesse uma vez ele falava de novo, então, assim ele também foi uma, uma... com certeza, uma grande inspiração para mim, até... mas na época que eu queria fazer Ciências Sociais [...] (FERNANDO, 1ª. Narrativa, p. 3).

Raquel se deslumbrara com a tia e a prima por realizarem um curso superior e por perceber como os estudos foram importantes para que elas tivessem um bom padrão de vida. O gosto pelos estudos, as viagens para outros países, o grande conhecimento da tia e a dedicação de uma prima, que entrou em uma universidade, foi determinante na escolha de Raquel. Por outro lado, o encantamento de Fernando pelas Ciências Sociais se deu por observar como seu tio explicava as coisas para ele e seus primos. Ele percebeu no tio que, ao falar, construía um raciocínio para explicar algo. Esse encantamento e o seu modo de pensar, agir, e perceber algo pode ter influenciado na escolha para o curso de Ciências Sociais.

As narrativas de Fernando, Naiara e Raquel relatam os diversos caminhos para a escolha do curso de Ciências Sociais; porém, as narrativas evidenciam esses pontos em comum: a influência de professores e da família na escolha pelo curso, a afinidade com as áreas das Ciências Humanas, e principalmente, a abertura para novas formas de conhecimento. A procura por e a realização de um curso de Ciências Sociais perpassam por questões social, cultural, econômica, política e educacional. As narrativas de Fernando, Naiara e Raquel evidenciam as complexas relações que os indivíduos estabelecem com seu meio social e que influenciaram em suas escolhas ao longo da vida.

3.1.2. A entrada na universidade: novas expectativas

A entrada na universidade foi um momento significativo para Fernando, Naiara e Raquel. Sobre esse momento, Fernando e Raquel relatam: “Gente do Céu, que tamanho de... (risos), que tamanho... que como que eu vou achar isso?” (RAQUEL, 3ª. Narrativa, p. 12) “[...] enfim, quando a gente entra na universidade tem esse *boom* de, sei lá, de hormônio dos, dos, dos jovens que chegam e encontram a liberdade de morar só, enfim, dentre outras coisas” [...] (FERNANDO, 1ª. Narrativa, p. 9)

A entrada no Ensino Superior é sentida como um momento de “passagem”, do Ensino Médio para o Ensino Superior, sendo também um momento de comemoração por parte do estudante e da família. Segundo Moreno e Soares (2014), a entrada em uma universidade é o momento onde os estudantes podem confirmar suas expectativas ou não:

Existem, porém, expectativas próprias desde o momento de ingresso, ligadas a construtos pessoais que estão suscetíveis à confirmação ou não, podendo modificar-se ou deixar de existir, de acordo com as mudanças que ocorrem ao longo da vida acadêmica e que podem gerar dificuldades para que o estudante se integre à vida universitária. (MORENO; SOARES, 2014, p. 1 – 2).

Além da procura pela realização das expectativas, a entrada do discente na universidade possibilita o contato uma realidade diferente da que tinha no Ensino Básico. O ambiente acadêmico proporcionará ao estudante o contato com novidades como projetos, colegas, professores, eventos dentre outros. Fernando, Naiara e Raquel ingressaram na universidade em um período de mudanças tanto na estrutura do curso, quanto nas dependências físicas, na universidade. No período de 2007 a 2014, a UFG/RC passou por mudanças, de laboratórios, contratação de novos professores e técnicos administrativos, essas mudanças geraram novas oportunidades. Raquel relata essas mudanças:

Nossa, eu estava perdida (risos)! Eu vi aquele tanto de blocos, hoje, hoje está tudo identificado, né, os blocos com os nomes, mas naquela época, nossa, que dificuldade, e eu não sabia onde era nada, nossa, mas foi difícil. E aí, o que eu fiz. Eu fui lá (na secretaria do) curso. Eu me lembro de que quem era a secretária... como é que chama...? Daiane... é ela que era (a secretária). [...] eu fui lá e perguntei onde era a sala, onde era tudo, que eu não sabia também. [...] Parece que eu estava meio perdida, sabe, nossa. Aí, mas, depois fui me familiarizando, né, a gente vai conhecendo os setores, vai conhecendo a universidade, aí você vai ficando menos tímida com as coisas (RAQUEL, 3ª. Narrativa, p. 12).

Eu mesma vivenciei algumas dessas mudanças, que me possibilitaram a participação em monitoria, projetos de extensão e no PIBID, em Sociologia. Essas transformações me permitiram viajar para eventos em outras universidades, o que me proporcionou ricos conhecimentos, criar laços de amizade e contatos, bem como experiências abundantes com

peessoas, lugares e novos conhecimentos. Dentre elas destaco: o projeto PIBID em Sociologia junto ao Prof. Solazzi, que me proporcionou outras abordagens e outras visões no campo sociológico. Sempre que avistávamos ele dizia: “Lorens!” Esse chamado era o convite para um abraço e troca de boas ideias. A afetividade vivida durante a graduação também ajudou a definir os modos de pensar e compreender o curso de Ciências Sociais. Raquel vivenciou essas mudanças de outra maneira, como estudante, bolsista e depois como contratada para apoio tercerizado:

Terceirizada. Tive uma experiência na graduação, através da bolsa permanência, e pude exercer essa bolsa lá no curso de Pedagogia. No período da graduação, foi ótimo, excelente, uma experiência, que eu sempre digo, nossa, que me fez crescer, porque não teve tanta interferência, sabe? Não é que (não teve) tanta; na verdade, é um serviço que eu gostava de fazer e que não interferia com os meus estudos. (RAQUEL, 3ª. Narrativa, p. 3).

Ainda sobre o processo de mudanças na UFG/RC, em 2009, iniciaram as aulas da primeira turma do curso de Ciências Sociais. Fernando conta como foi o primeiro dia de aula:

Houve, a princípio, uma ideia de que o curso de Ciências Sociais era um curso muito bacana, até o primeiro dia que eu entrei e que, eu me lembro como se fosse ontem, ah, em meados de março de 2009, minha primeira aula no curso de Ciências Sociais. Ah, entrei em sala, estava, se eu não estiver muito enganado, eu acredito que estavam Claudio Maia, Rogerio Bianchi e o Soarão (Soares). Estavam os três. Talvez o Luís, não tenho certeza da pessoa do Luís não, mas acho que estava também. E... estava havendo a apresentação do curso e... eu acho que nesse momento, rolou uma desilusão muito grande. A hora que eu pensei, assim, né, como diz o povo lá de Iporá, “Onde é que eu fui amarrar meu jegue!”, né? Porque, eu cheguei no...eu cheguei no curso, o curso tinha apenas dois professores (risos). Nesse momento eu pensei assim: “Gente, como é que eles vão me dar um curso com dois professores!”. Logicamente que eles avisaram que ia ter concurso, estava tendo, tal, mas, até o dia que eu saí ainda não tinha, ainda não tinha todo o quadro de professores, então, assim, meio que rolou uma... uma desilusão nesse meio tempo porque, eu cheguei no... eu cheguei no curso, o curso tinha apenas dois professores (risos). Nesse momento eu pensei assim: “Gente, como é que eles vão me dar um curso com dois professores?” (FERNANDO, 1ª. Narrativa, p. 10).

Fernando relata que o curso de Ciências Sociais não possuía, inicialmente, uma estrutura de qualidade para o seu funcionamento. Essa situação gerou frustração por parte dos estudantes e receio de que tipo de formação que curso poderia ofertar para eles. Mesmo com a criação de novos cursos e a ampliação dos números de vagas nos cursos de graduação, a UFG/RC vivenciou dificuldades pela falta de recursos e investimentos. Os narradores vivenciaram as dificuldades em um curso que era novo e estava se estruturando.

Lembro-me de que os professores traziam livros básicos que faltavam na biblioteca para que os estudantes fizessem cópias do material. Lembro-me também de que os discentes do curso de Ciências Sociais, junto a outros estudantes, realizaram uma manifestação na UFG/RC,

reivindicando a continuidade da construção de um prédio que integraria o departamento dos Cursos de História e Ciências Sociais e laboratórios. Fernando relata que o curso não tinha muitas condições físicas para funcionamento:

[...] Questão de laboratórios mesmo, eu fui conhecer um laboratório quando eu estava no Pibid (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), em 2013, sabe? Aí que tinha um laboratório de frente ao (Auditório) Livia Abrahão, que foi o primeiro laboratório do curso de Ciências Sociais que eu conheci. Ah, não, minto. Tinha um puxadinho ali no (risos), eles falavam assim, não era eu que falei não, sabe, atrás do 'tchibum', eu acho... não sei. (FERNANDO, 1ª. Narrativa, p. 26)

[...] Em relação a laboratórios a gente não tinha quando eu entrei, assim, não, na verdade, tinha sim, não, tinha, obras de arte, até que não, mas livros, laboratórios, os professores também, com nível de estudo elevado, não tive nenhum professor, que não fosse que não tivesse o título de doutor [...] os recursos disponíveis, assim, não foram excelentes, mas foram suficientes. (NAIARA, 2ª. Narrativa, p. 17)

As narrativas de Fernando, Naiara e Raquel não mencionam que tipo de laboratório o curso deveria ter. Em minhas lembranças durante a graduação, os professores discutiam sobre a criação de um Museu Antropológico, de laboratório de informática e de laboratório de recursos audiovisuais; esses laboratórios seriam necessários para a realização de projetos e desenvolvimento de disciplinas do curso.

A partir de 2012, foram criados os laboratórios de informática e laboratório de recursos audiovisuais no Bloco Didático II da UFG/RC. Nesse mesmo ano, o curso recebeu materiais de informática, como computadores e câmeras fotográficas, para o desenvolvimento das atividades de projetos. Neste espaço o curso realizava grupos de estudo, mini-cursos, defesas de TCC, atividades de estágio e desenvolvimentos de projetos de pesquisa e extensão.

Percebemos, pelo relato de Naiara, que o curso de Ciências Sociais não estava preparado em termos de estrutura física, notadamente laboratórios para ensino e pesquisa; porém, os professores do curso são capacitados para ministrarem as disciplinas por terem grande conhecimento em suas áreas. Sua narrativa evidencia que os professores têm domínio dos conteúdos e das teorias das disciplinas. Atualmente, o curso de Ciências Sociais tem um quadro de nove professores nas áreas de Antropologia, Sociologia e Ciência Política⁷. Apesar das dificuldades enfrentadas, Fernando, Naiara e Raquel vivenciaram a universidade e o curso intensamente:

Mas assim que as aulas começaram, eu já me achei no curso, porque eu gostava de (falar), das discussões colocadas, eu sempre, enfim, eu sou até meio suspeito para falar do curso de Ciências Sociais, né, porque eu vim de lá, mas o... o curso, eu acho que rolou muita essa desilusão a princípio, mas eu acho que ela foi passageira, porque eu realmente gostei do curso, das discussões, e não só por

⁷ Conforme Quadro 3.

causa disso, do ambiente universitário também que até então eu não conhecia, então, quando se está aqui e já se começa a ter contato com várias outras pessoas e outras possibilidades de análise, outros pontos de vista, e... e isso, eu achava isso fenomenal, sabe, é... e, e... a própria perspectiva do diálogo com outras, com outras áreas do conhecimento que o curso proporcionava também, eu achava isso brilhante, né, acho até hoje, né, tanto que eu trabalho com a transdisciplinaridade, enfim. Mas... é... eu acredito que eu realmente me encontrei[...] (FERNANDO, 1ª. Narrativa, p. 10 – 11)

[...] acredito, assim, que foi muito válido, foi muito bom, ter feito o curso de Ciências Sociais e... assim, acredito que eu fui uma boa aluna... Tive, tanto no Ensino Fundamental, quanto no Ensino Médio, eu tive boas notas e procurei me dedicar bastante a todo tipo de estudo que eu fiz. (NAIARA, 2ª. Narrativa, p. 3).

As formas como Fernando e Naiara contam sobre o curso nos permitem pensar sobre momentos marcantes em suas vidas. Por exemplo, os pais de Naiara exigiam dela que fosse empenhada em tudo que fizesse, e ela aprendeu a ser aplicada nos estudos. Pelas narrativas percebemos que apesar de enfrentarem as dificuldades, em estrutura física e pessoal, tais dificuldades não impossibilitaram o envolvimento de Fernando, Naiara e Raquel com as atividades e oportunidades que o curso poderia oferecer. As experiências com a terra, a educação, o trabalho, religião, família, amigos dentre outras, possibilitaram encontrar outros aspectos importantes acerca do curso.

Os relatos de Fernando, Naiara e Raquel expressam que essas transformações proporcionaram limitações em alguns aspectos, mas também proporcionaram oportunidades, laços de amizades, produção de novos conhecimentos, modos de pensar e de ser na sociedade.

3.1.3. A identificação pessoal com o curso

Sobre a escolha do curso de Ciências Sociais, Fernando e Naiara pontuam peculiaridades particulares que influenciaram na escolha pelo curso. Fernando e Naiara destacam algumas qualidades pessoais para a escolha do curso. As narrativas de Naiara destacam a curiosidade e a vontade de ser cientista para a escolha do curso. Fernando relata que sempre gostava de buscar conhecimentos nos mais variados modos, realizar reflexões, o contato com a terra. Essas qualidades foram sendo desenvolvidas no curso através das aulas, leituras dos textos, seminários, projetos, eventos, viagens e estágio.

Durante a graduação, a curiosidade de Naiara e a busca por novos conhecimentos de Fernando foram vivenciadas com intensidade. Fernando, Naiara e Raquel relatam: [...] “eu sempre gostava da ideia de buscar conhecimento nos mais variados ambientes” [...] (FERNANDO, 1ª. Narrativa, p. 5).

Eu acho que foi por essa questão de muita curiosidade. [...] eu sempre fui muito curiosa, eu acho que é mais a relação de curiosidade que surgiu esse desejo pelas ciências mesmo, de descobrir novas coisas, aprender sobre essas coisas (NAIARA, 2ª. Narrativa, p. 4).

No entanto, eu sempre, agora porque que eu optei pelas Ciências Sociais, é porque, de fato, eu tinha essa prioridade. Porque, para fazer a terra produzir, lógico que eu acho isso muito interessante, mas, eu acredito que fazer reflexões, é, como que eu diria, reflexões mais profundas acerca do, do viver e da existência, eu sempre pus isso como, como algo mais legal, não sei por quê. Mas sempre coloquei isso como algo que me fascinava. (FERNANDO, 1ª. Narrativa, p. 8)

Pelas narrativas, o curso de Ciências Sociais envolve muitas atividades com muita leitura e escrita, com o objetivo de despertar nos estudantes capacidade analítica e intervencionista. As atividades desenvolvidas pelo curso, como aulas, estágios, leituras, eventos, proporcionam aos narradores o desenvolvimento teórico das habilidades pessoais e profissionais. A identificação pessoal com o curso se traduz também com a identificação com a matriz teórica. Raquel narra que se identificou com as discussões de Antropologia, principalmente sobre o que diz a respeito de questionamentos acerca da religião. Fernando se identificou também com as discussões da Antropologia e Sociologia, as abordagens sobre trabalho, religião e gênero despertavam sua curiosidade:

Então, né. Aí eu me lembro de uma música... uma música do Raul Seixas onde fala assim: “Já fui católico, budista, protestante,...” (risos), enfim, onde ele já foi muita coisa, né, e eu já fui muito também, sabe, eu já trabalhei, eu já... eu diria que... até por falta de experiência, assim, matriz teórica eu já fui profundamente marxista. Muito marxista mesmo. e... trabalhei muito com Marx (...) trabalhei muito também, e... pensando no mundo do trabalho... pensando na Antropologia, sempre gostei dos clássicos e da Antropologia brasileira, até hoje sou muito, muito fã, acho que dos número um – acho que número um não, é muita pretensão falar que eu sou fã número um, mas talvez entre os mil – do Darcy Ribeiro, eu acho que ele é fenomenal para pensar a Antropologia brasileira, e... né, isso, para além dos clássicos da Antropologia, né, enfim, Geertz, Malinowski, e... é, sempre fui muito fã do Darcy Ribeiro, trabalho com ele até hoje, né, com o... ah... Antônio Cândido, acho que trabalhei com ele muito no meu TCC e, no final da minha graduação principalmente, e a partir do Antônio Cândido também eu me, eu acho que de certa forma, lendo ele eu entendi mais minha vida, minha vida no campo. “Quem que você estudou para falar de relações de gênero, né?”. Principalmente Simone, né, acho que com, segundo sexo, assim, ela... ela abriu meus olhos para várias coisas e várias possibilidades de enxergar o feminino como algo construído, acho que, a partir do momento que eu aprendi que isso é algo construído, a gente pode desconstruir e construir algo diferente. Também a... Gayle Rubin, é... fenomenal, vi alguns trabalhos dela que, que... também abriram minha mente para outras abordagens e, mas hoje, hoje com o tempo passando, acho que nada como o tempo para fazer a gente refletir sobre coisas diferentes, hoje eu estudo educação, educação, e educação libertária, é... de cunho anarquista, eu estudo muito os anarquistas, a teoria anarquista, né, daí eu... pensando no, no anarquismo, também tive contato com o anarquismo foi na graduação, é... o primeiro livro anarquista que eu li dizia que “foi Deus e o Estado”, do Bakunin, no dia que eu li aquilo lá eu fiquei chocada e pensei assim: “Nossa! Como é que isso pode ser possível, como é que eu não pensei nisso antes?”, e a gente fica com esse tipo de... de abertura na mente. (FERNANDO, 1ª. Narrativa, p. 13)

Na área da Antropologia, eu achava muito... é... me despertava muito a curiosidade quando a professora Luciana discutia, né, tantos... ela discutia sobre cultura, discutia sobre uma série de outras coisas e aquilo me despertava interesse em poder estudar mais, saber mais, né, de como que funciona, é... tudo isso no meio da nossa sociedade. E também, na área da Sociologia também, já fui, pesquisei sobre os ramos da Sociologia, né, inclusive eu tinha até, na época, quando eu estava fazendo graduação, falei assim: “Ah, gente quando eu for fazer uma especialização ou um mestrado vou fazer na área da Sociologia da religião.”. Sabe, porque é... para discutir mesmo sobre essa questão, né? Mas sempre me despertou, sabe, essas duas disciplinas despertaram esse grande interesse de poder, é... ter mais conhecimento, ter mais conhecimento, saber mais sobre isso. E eu achava que quando ela levava, assim, questões, e assim os dois professores, né, levavam questões, assim, que te faziam refletir ou te instigavam, eu falava assim, “Nossa! Gente do Céu! como é que pode!”. Às vezes de coisas assim que acontecem até quando a gente falava, assim, ó, ‘Como que eu nunca pensei nisso?’ (RAQUEL, 3a. Narrativa, p. 15).

Através dos narradores, percebemos que o curso de Ciências Sociais proporciona atividades que têm como objetivo instigar o estudante à reflexão sobre a sociedade e à abertura para construção de novas análises. Raquel, por exemplo, tem uma relação muito forte com a religião, as leituras na Antropologia e Sociologia trouxeram a ela reflexões e questionamentos a respeito de determinadas crenças produzidas ao longo da vida.

Lembro-me das discussões acerca da religião que eram desenvolvidas nas disciplinas de Sociologia e Antropologia; eram debates intensos. Assim como Raquel, eu fiquei em alguns momentos incomodada com algumas discussões; sendo catequista, refleti muitas vezes sobre as minhas crenças religiosas e qual a finalidade da educação religiosa que oferecia para as crianças. Refletir sobre mim e o que pensava levou a minha mudança de postura, de pensamento e de ensinamento. Não conseguia ver nada como antes! Não conseguiria ser como antes!

Os professores foram mediadores dessa transformação, através dos debates proporcionados em sala de aula e das leituras. O curso de Ciências Sociais proporcionou, através de atividades e conteúdos, o desenvolvimento pessoal e das habilidades necessárias para a atuação profissional do Cientista Social.

3.1.4. As disciplinas

A oferta das disciplinas para os discentes do curso de Ciências Sociais foi problematizada nas narrativas de Fernando, Naiara e Raquel. O curso de Ciências Sociais foi proposto pelo curso de História com o objetivo de atender as demandas locais e o exercício da docência. O projeto não menciona quais são essas demandas locais, mas me lembro de que, na cidade de Catalão, eram somente duas professoras de provimento efetivo formadas em Ciências Sociais que ministravam aula de Sociologia nos colégios da cidade.

O Departamento de História foi responsável pela organização departamental do curso de Ciências Sociais e do primeiro Projeto Pedagógico do Curso de Ciências Sociais. Pelos relatos, percebemos que as disciplinas e os conteúdos no curso de Ciências Sociais tiveram influências teóricas da História. Sobre isso, Fernando narra:

Quando, é, em 2008 foi aprovado o curso de Ciências Sociais para, para o campus Catalão e havia, havia essa, essa possibilidade, quem pensou e quem, é... e quem idealizou, acho, esse curso, não sei se a melhor palavra seria essa, mas foram os professores do Departamento de História. Então, a princípio, o curso de, de Ciências Sociais, ele tinha muita, muita carga teórica da História até. Não que eu ache que isso foi ruim, né, eu conheci alguns, alguns, algumas abordagens historiográficas que eu achei muito bacanas, e que isso acrescentou muito na minha vida, claro, o próprio... esqueci o nome do autor. Mas o Hobsbawm, o dia que eu conheci o Hobsbawm, que eu li, que eu li alguns trabalhos dele, que eu falei “Nossa, o que eu estava fazendo até agora que eu não conhecia esse homem!”, né? Então eu acho que essa abordagem, eu mudaria, mas que já foi mudado, né, eu tiraria algumas matérias, é, de minha época, então, eu sou bem, totalmente descontextualizado do momento, mas na minha época, eu mudaria a... essa carga teórica que tinha muito... História. (FERNANDO, 1ª. Narrativa, p. 2 – 3).

Em meu turno, recordo-me de que o primeiro ano do curso era composto por disciplinas de outras áreas de conhecimento como Psicologia e Estatística. Senti muita dificuldade na compreensão dessas disciplinas, não conseguia assimilar como essas disciplinas poderiam contribuir com o pensamento nas Ciências Sociais.

Percebia que o curso era mais composto por teorias da área da História do que de Sociologia, Ciência Política ou Antropologia. Pela pouca quantidade de professores, o curso era também composto por professores do curso de História, que também ministravam disciplinas para a nossa turma. Apesar da importância do diálogo com outras áreas de conhecimento e os PPC vigentes abrangerem a importância da interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, senti a necessidade de um diálogo maior com os eixos que compõem o curso de Ciências Sociais. Fernando narra esse momento da seguinte forma: “E eu colocaria, talvez, mais reflexões acerca dos, das próprias temáticas das Ciências Sociais, o que, hoje em dia, pelo que eu entendi, já foi feito” (FERNANDO, 1ª. Narrativa, p. 14 – 15). Essas experiências sugerem que essas disciplinas produzam outras formas de funcionamento que se aproximem das discussões acerca das Ciências Sociais. Naiara e Raquel também apontam algumas disciplinas que deveriam ter na graduação:

Então, quando eu fiz, não era a grade nova, então a grade nova eu não sei. Mas do meu, da minha grade curricular, eu acho que faltou muito, por exemplo, Economia. A gente não viu nada de Economia, Filosofia, a gente não viu Filosofia, a gente só viu tópicos filosóficos, até mesmo... assim, Sociologia e Antropologia teve bastante, Ciência Política também, mas acho que faltou, não

sei, acho que faltou mais principalmente algo de Economia, algo de conhecimentos mais práticos. (NAIARA, 2ª. Narrativa, p. 12)

Acrescentaria Filosofia. Acho que Filosofia... foi, é... na época do curso... eu não sei agora, não tinha, né, Filosofia. Apesar de que também não é uma disciplina, assim, não é tão fácil, né, também. Filosofia é... tem que ter dedicação mesmo para estudar e entender o que os autores falam. Mas eu acho que... faz falta sim, né, até você ter o conhecimento. E aí eu vejo que... é... um grande desinteresse, assim, da maioria, em aprender Filosofia. (RAQUEL, 3ª. Narrativa, p. 19).

Os narradores apontam a dificuldade do curso em ofertar disciplinas no campo das Ciências Sociais, predominando discussões e teorias da História. Essas experiências apontam uma desilusão acerca da expectativa do que o curso poderia ofertar para seus discentes. Apesar disso, Fernando, Naiara e Raquel indicam a tentativa de mudanças a partir da criação dos novos PPC de Ciências Sociais, para Licenciatura e Bacharelado.

Os PPC vigentes apontam as mudanças e acréscimos de disciplinas no campo das Ciências Sociais e define os conteúdos específicos para a Licenciatura e o Bacharelado. Observamos que essas mudanças proporcionaram alterações no quadro de professores e nos conteúdos a serem ministrados em sala de aula. Por exemplo, foram acrescentadas as disciplinas de Filosofia e Economia, houve mudança nos estágios para Licenciatura e para Bacharelado. Importante ressaltar que o curso de Ciências Sociais atualmente tem a duração de quatro anos para ambos os graus.

Por mais dificuldades que o curso passava, percebemos que o curso de Ciências Sociais permitiu aos estudantes a reflexão e problematização das condições do curso e das disciplinas ofertadas. As experiências dos narradores apontam que, por meio das possibilidades que o curso oferece, esses estudantes podem problematizar os conhecimentos adquiridos ao se depararem com novas experiências e outras realidades..

3.1.5. O estágio

A eleição do rol de disciplinas e a construção da matriz curricular pretendem apresentar a mais completa articulação entre a teoria e prática. O Estágio Supervisionado é considerado, no PPC do curso de Ciências Sociais, um lugar privilegiado para o estudante colocar na prática seus conhecimentos. Por outro lado, os narradores apontam alguns fatores que colocam em dificuldade a articulação entre teoria e prática. A esse respeito, Raquel nos relata sobre o seu período de estágio:

Olha vou te falar a verdade, eu odiei esse negócio de fazer estágio. Nossa, gente do céu, não dava conta de me ver dentro de uma sala de aula (risos). Porque eu, eu... não sei, sabe, não sei o que me interferia. Não sei se é essa minha dificuldade,

sabe, em entender a Sociologia e levar aquilo na prática, e chega lá na sala, você tem que ter um jogo de cintura para poder dar uma aula para aqueles meninos... poucos que tem interesse pela disciplina, e a disciplina que era, né, o professor que às vezes, é, na maioria das vezes, ele nem era formado na própria área, então parece que ainda é mais difícil. Então, eu achei que o estágio, ele, lógico que ele foi... aproveitei, lógico, teve seu aproveitamento, foi de grande valia..., mas eu me via em situações perdidas. (RAQUEL, 3ª. Narrativa, p. 20)

Eu acho que é outra realidade. Muito diferente. Você sabe, às vezes você sabe a teoria, mas colocar em prática, acho que é outra coisa, totalmente diferente. E aí você se depara com a realidade, e você fala assim: Nossa, gente, como que é?”, né... Uma coisa é lidar com a teoria, outra é com a prática. Mas, teve, acho que foi no... já nos últimos meses de estágio, aí tinha uma professora, que era a Tatiane, ela era formada em sociologia pela UFU (Universidade Federal de Uberlândia), acho que é a UFU de Uberlândia. Aí, assim, aí a gente via mais rendimento na aula, porque ela entendia do assunto e ela fazia com que os alunos interagissem (entre si), e fazia com que nós também interagíssemos. Então, assim, ela muitas vezes deu oportunidade para nós, para podermos ministrar aquela aula (RAQUEL, 3ª. Narrativa, p. 21)

A narrativa de Raquel mostra uma questão pertinente em relação à teoria e à prática. Ela aborda que, antes de entrar no estágio, as teorias, principalmente as da Sociologia, eram difíceis e complexas; ao entrar na prática, ela percebeu algumas modificações, mas enfatiza que as dificuldades ainda persistiam. Destaca que essas dificuldades ficaram acentuadas na realização de estágio com profissionais não formados em Ciências Sociais ou em Sociologia, e se sentiu “perdida” e limitada com os conhecimentos adquiridos e com as condições de realização da prática. Essa situação problematiza o curso e os conhecimentos desenvolvidos por eles.

Apesar disto, ela sentiu um bom aproveitamento ao realizar o estágio, em outro momento, com uma professora formada em Ciências Sociais e que ministrava a disciplina de Sociologia em uma escola pública de Catalão; além de a professora dominar o conteúdo, na visão dela, proporcionava interação entre a escola, os estudantes e os estagiários.

Lembro-me de que, durante a minha graduação, tive a oportunidade de realizar estágio com esta mesma professora, Tatiane, e atuar no PIBID Sociologia. Vivenciar esses momentos com uma professora formada em Ciências Sociais foi positivo na minha formação. Como Raquel, eu me encontrava perdida em relação às teorias e em relação a como poderia trabalhá-las. Recordo-me de que as aulas de Didática e Prática de Ensino em Ciências Sociais eram momentos de aflições e angústias entre os colegas diante das dificuldades em relacionar a teoria com a prática. As aulas de Sociologia com a professora Tatiane me proporcionaram uma vivência forte com a teoria e a prática. Juntas, propomos e realizamos oficinas, palestras, aulas, projetos e planos de ensino.

Naiara, ao refletir sobre o seu percurso no estágio, narra que sentiu dificuldades por não estagiar com um profissional em Sociologia:

Daí, a gente ia para essa escola, acho que duas vezes por semana, aí, na minha época, a professora que dava Sociologia lá não era formada em Sociologia, era formada em Geografia, ela, a gente também fazia muito trabalho pedagógico lá na escola, fazia, porque, assim, às vezes a professora faltava ou os coordenadores pediam para a gente fazer, ah, era dia, sei lá, algum dia comemorativo, então fazer cartazes para enfeitar a escola ou ficar lá. Aí, a gente ficava, porque tinha que cumprir horas dentro da escola e, como não tinha aula de Sociologia, a gente acabava ajudando mesmo em outras áreas da escola. (NAIARA, 2ª. Narrativa, p. 13).

As experiências no estágio para Naiara e para Raquel possibilitaram situações semelhantes, onde realizaram estágio com outros profissionais; porém, as experiências são individuais. Elas apontam que a ausência de estágio com professores formados em Ciências Sociais nos colégios públicos em Catalão afetou de forma negativa seu aprendizado.

Essa situação foi vivenciada por muitos colegas da minha turma que estagiaram com professores com outra formação. Mesmo assim, não havia discussões no curso sobre a situação que estava sendo enfrentada pelos estagiários e as disciplinas de Sociologia nas escolas públicas de Catalão. Essas experiências trazem dados para que o curso discuta e proponha mudanças em relação ao estágio em Licenciatura e transformações no curso.

Os narradores apontam as dificuldades de estágio também no Bacharelado. Por sua vez, houve percepção sobre a realização do estágio no Bacharelado em Ciências Sociais nas entrevistas. Naiara narra da seguinte forma:

Acho que, assim, principalmente, por exemplo, não focar, como a gente era bacharelado e licenciatura, na área do bacharelado a gente não sabia, não viu o que a gente podia fazer, onde a gente poderia atuar; vou pegar, por exemplo, alguma coisa que ia... um acontecimento... um acontecimento recente, como a gente ia aplicar esse conhecimento, a gente ficou sempre, assim, muito... ah, leia o livro e, na aula, explique esse livro, ou era para ter lido um artigo, na aula explica esse artigo, assim, muito foi só isso, não teve uma coisa, assim, vamos sair, vamos fazer algo, o que a gente pode contribuir com o mundo, não teve isso” (NAIARA, 2ª. Narrativa, p. 21)

Fernando relata que sentiu a falta do estágio do Bacharelado e que foram poucas as oportunidades para a realização desse estágio. Cita ele:

Sempre se dizia, e depois eu fui ver, que laboratório das Ciências Sociais é nas ruas, né? [...] O estágio em licenciatura foi fenomenal, né, tive grandes inserções em pelo menos três escolas aqui, o João Netto de Campos, o Polivalente e o Anice Cecílio, né? Agora, no sentido da pesquisa do bacharel mesmo, foi fraquíssimo, fraquíssimo, e isso eu falo por mim, né, pela minha experiência. Não fosse uma, um trabalho que a gente fez, trabalho não no sentido de trabalho acadêmico, mas trabalho mesmo (de campo), de um levantamento que a gente fez para o Instituto Alcoa, que fazia parte do consórcio da Sefac (Serra do Facão), né? Veio uma moça que, na época, fazia doutorado, eu sei que era no Rio de Janeiro, não lembro se era na UFF (Universidade Federal Fluminense) ou se era na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), ou na estadual. Mas ela fazia doutorado lá, eu não me lembro mais. E a gente fez uma série de pesquisa no entorno, no... nas, acho que

sete, cidades afetadas pela barragem, e, eu acho que foi a grande... a grande... o grande estágio que eu tive em bacharel foi essa... mas daí foi trabalho, né? Ela veio, quando ela ficou sabendo... quando ela descobriu que havia uma universidade aqui em Catalão, ela veio principalmente atrás dos alunos do curso de Geografia. Chegou aqui ela descobriu que existia o curso de Ciências Sociais, a gente era novo, e tal. Se eu não estiver muito enganado, acredito que no ano de 2010, por aí. Daí a gente trabalhou durante uns quatro meses com ela, né, aí eu acho que foi a pesquisa mesmo que eu desenvolvi durante minha graduação foi a partir de então. [...] “Mas, com relação à pesquisa, foi muito fraco, nesse sentido. Eu acho que é uma das coisas que eu mudaria, né, voltando àquela questão de o que eu reestruturaria no curso, talvez a pesquisa do bacharel, que foi muito fraca. Agora, a nossa inserção no estágio da licenciatura foi fenomenal, foi muito engrandecedor, e não é à toa que hoje eu sou professor. (FERNANDO, 1ª Narrativa, p. 28).

As narrativas de Naiara, Fernando e Raquel apontam para informações importantes. A primeira delas é que apesar da oferta do Bacharelado e Licenciatura, o curso investia no estágio em Licenciatura em detrimento do Bacharelado, e que as primeiras turmas do curso de Ciências Sociais, como as de Fernando, Naiara e Raquel, vivenciaram as dificuldades da implementação de um curso. Assim, tanto professores e discentes vivenciaram as dificuldades da construção dos campos de estágio em Ciências Sociais. A não existência do estágio em Bacharelado fez com que os discentes buscassem outras formas de atuação com a pesquisa, como a experiência relatada por Fernando. A situação dos estágios em Bacharelado também não foi discutida pelo curso com os estudantes.

Os estágios previstos no PPC anterior de Licenciatura e Bacharelado (2012) eram estruturados da seguinte forma: Estágio I, que visa apresentar ao estudante a realidade social do estágio como disciplina curricular com estudo teórico da história dos espaços escolares e problematizar o ensino de Ciências Sociais no contexto escolar através de uma pesquisa educacional. Estágio II, que discute a importância da disciplina escolar Ciências Sociais na formação do estudante, mostrando aos estagiários como dinamizar as aulas e o papel do professor. Estágio III, que apresenta aos discentes reflexões e problematizações do conteúdo a ser ministrado durante a fase regência avaliando os conteúdos e conceitos. Estágio IV, que apresenta ao estudante a realidade social do estágio/regência através de observações de aula e da problematização das disciplinas de Sociologia, Ciência Política e Antropologia.

Lembro-me de que o momento inicial dos estágios foi passado por desafios e angústias por parte dos professores e discentes quando os estágios em licenciatura iniciaram. O coordenador nos apresentava para as escolas onde iríamos estagiar. Penso que, além da formalidade, o curso procurava através dessa relação o vínculo entre curso e escola pública, para a finalidade de desenvolvimento do estudante e do curso de Ciências Sociais. Ao final de

cada etapa de estágio, um relatório deveria ser entregue, descrevendo todas as atividades que o estudante estagiário participou na escola.

Antes de nos apresentarmos para as escolas, um desafio era discutir as disciplinas de Estágio. Sentimos dificuldades em compreender as propostas dessas disciplinas, e, nelas, tivemos de produzir planos de aula. Tínhamos dificuldades em assimilar a complexidade de conteúdos e ao mesmo tempo problematizar. A partir de 2011, a proposta de estágio é revisada, destacando a organização dos estágios em Licenciatura e Bacharelado, o que não acontecia nos estágios das primeiras turmas. Naiara relata as dificuldades na elaboração dos planos de aula e do estágio:

A gente teve problema também nas aulas de didática, que a professora saiu, aí não consegui, ficou um tempão sem... sem ter as aulas de didática, então, a gente acabou não aprendendo tanto a fazer planos de aula, saber o que tinha que fazer, e aí no estágio também não teve nada sobre isso, a gente não aprendeu nada e a gente só ia na escola, enfim. (NAIARA, 2ª. Narrativa, p. 14)

Apesar das dificuldades enfrentadas por Fernando, Naiara e Raquel, podemos perceber que as experiências que eles tiveram durante o estágio foram desafiadoras em relação aos seus conhecimentos. Suas narrativas ressaltam que o estágio em Licenciatura também proporcionou experiências em relação à teoria e à prática, bem como a compreensão das limitações, dos problemas, e os desafios e as mudanças que o curso deveria ofertar para a atuação do bacharel e licenciado em Ciências Sociais.

3.1.6. Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais

Como já dissemos anteriormente, Fernando, Naiara e Raquel são bacharéis e licenciados em Ciências Sociais sob um mesmo diploma. A escolha pela ênfase em Licenciatura por parte de alguns estudantes do curso se deu pelo incentivo dos professores e o investimento pelo curso na Licenciatura. A narrativa de Fernando destaca positivamente em ter as duas modalidades:

Mas uma coisa que eu acredito que na minha época era mais bacana, é o fato de que eram as duas modalidades. Eu sou bacharel e licenciado. Hoje em dia, o aluno que ingressa no curso de Ciências Sociais, ele tem que optar ou por um ou por outro. Na minha época, eu gosto de ter essas duas opções, uma de pesquisador e uma de professor, sabe? Eu não sei se isso muda alguma coisa no viver, no desenvolver a partir de então, também, mas, assim, eu acho que a minha formação, nesse sentido, foi bem bacana, de ter as duas modalidades e poder escolher o que eu vou fazer a partir de então. Até porque hoje os meninos podem escolher também, né, se eles vão ser, é, vão caminhar para o lado da pesquisa ou para o lado da docência, mas na minha época era os dois. (FERNANDO, 1ª. Narrativa, p. 15)

Fernando relata que, quando terminou o curso, teve a oportunidade de se tornar professor de Sociologia através de um concurso público. A esse respeito ele diz:

[...] quando eu passei lá em Minas, a vaga que tinha para cidade mais próxima... não tinha vaga para Uberlândia ou Araguari, então a vaga que tinha para cidade mais próxima era Estrela do Sul, que é aqui pertinho, do outro lado do Paranaíba. Se a gente não tivesse a barragem, devia ficar uns sessenta quilômetros. Eu passei para essa cidade, que fica do lado de Monte Carmelo, para a gente ter uma dimensão bem melhor. É... trabalhei lá os últimos quatro meses do ano passado [...] Morando aqui, indo para lá, fazendo esse jogo, até porque eu sou estudante aqui, né, e... sempre fazendo esse traslado e... a partir do final do ano, eu pedi remoção para Araguari. Saiu agora, só que a remoção para Araguari saiu, foi publicada no Diário Oficial dia treze (de janeiro), fui para lá, peguei as aulas lá em Araguari, fiz todo o dever de casa, né, mas eu começo a trabalhar, de fato, em Araguari no dia dezanove (de fevereiro). (...) Até então, eu tinha saído em 2015, me formei, eu não tinha, não tinha dado aula ainda. Foi a minha primeira experiência em sala de aula como professor. Até então, eu saí daqui e eu inventei de ter um bar (risos), até... loucura de jovem. Tive um bar, não deu muito certo, daí eu abandonei e segui outros caminhos na minha vida também. (FERNANDO, 1ª. Narrativa, p. 18 – 19).

Após a conclusão da graduação, inicia-se a expectativa e exigência para o trabalho. Na entrevista de Raquel, ela relata que após a conclusão da graduação se sentiu perdida em o que fazer:

[...] quando eu me formei, aí eu falava assim: “Gente, e agora, hein? O que eu faço da vida?”. Porque eu precisava fazer ou era uma especialização ou era um mestrado. E eu pensava assim: “Gente do céu, e agora, o que eu faço? Eu preciso trabalhar, eu preciso fazer alguma coisa. (RAQUEL, 3ª. Narrativa, p. 23)

Lembro-me de que, depois de concluída a graduação, não consegui me inserir no mercado de trabalho como cientista social em Catalão. Durante esse período, eu substituí professores em colégios estaduais e trabalhei como bolsista em uma escola municipal de Goiandira. Alguns colegas de turma não estão exercendo a profissão como cientista social, outras são professores em outras áreas do ensino. As minhas experiências depois de formada e a fala de Raquel permitem pensar como está o mercado de trabalho para o cientista social em Catalão e a importância do curso nessa discussão, além de habilitar e inserir o egresso no mercado.

Durante o estágio, nós nos deparamos em diversos momentos com profissionais de outras áreas lecionando a disciplina de Sociologia, e essa condição causava desânimo e desistências do curso. Raquel e Naiara, ao serem questionadas sobre se querem exercer a profissão, relatam o seguinte:

Ah, eu acredito que não. Eu estava, até pouco tempo, poucos minutos atrás, olhando ali, sobre a questão de um plano de Cultura, uma coisa assim. Acho que eu estou mais ligada à Antropologia, à cultura, acho que isso me desperta mais (o

interesse). Mas eu não pretendo ir sala de aula, essas coisas, eu não estou a fim não (RAQUEL, 3ª. Narrativa, p. 25)

Bom, teria mas, assim, eu sou mais assim para o lado prático, seria algo que contribuiria com o capitalismo, talvez (risos), por exemplo, fazer uma pesquisa de mercado, algo, assim, mais profundo, assim, foram as áreas que eu mais me interessei, então, eu saberia entender todo o universo, o que daria certo, o que não daria certo para uma empresa, por exemplo, prosperar, o que... se fosse para eu entrar para área da televisão, por exemplo, ah, o que seria legal, o que daria certo, ou área de propaganda também isso, eu acho que eu faria muito bem, exerceria a minha área nessa, nesse sentido sim (NAIARA, 2ª. Narrativa, p. 23).

Fernando, por sua vez, destaca que sua escolha de ser professor está além dos “muros” da universidade e que perpassa toda sua trajetória de vida. Ser professor de Sociologia era o que queria ser. Assim, as experiências que Fernando teve no curso de Ciências Sociais e ao longo da vida contribuíram para a sua escolha profissional:

Isso aí também está ligado ao meu espírito de mato. É nordeste do Mato Grosso, uma cidade chamada Confresa. É para trabalhar na rede estadual de educação mesmo, colégios estaduais, e é numa cidade chamada Confresa, no nordeste do Mato Grosso, talvez ali próximo ao Pará, ao norte, e ao Tocantins, do lado. É uma cidade que eu escolhi porque ela tá próxima de uns talvez, uma região onde tem muitos povos indígenas. Eu sempre gostei dessa coisa, principalmente depois que eu entrei nas Ciências Sociais, e a Antropologia me mostrou outras coisas, outros pontos de vista, então os povos indígenas – não só para mim – fascinam vários estudantes de Antropologia. Quando saiu esse concurso, tinha uma série de vagas para todo o estado do Mato Grosso, se eu não estiver enganado, mais de cem para professor de Sociologia, e eu enxerguei essa possibilidade de dar aula lá, numa cidade onde o conflito agrário se dava, principalmente, entre povos indígenas e grandes fazendeiros, grandes latifundiários, e... eu quis ir para esse lugar. É... Confresa que é o nome da cidade, uma cidade relativamente nova, eu acho que mais nova do que eu em questão de emancipação, enfim, e... e tá no meio, onde tem vários povos indígenas mesmo. Para a gente pensar a dimensão geográfica da cidade de Confresa, ela deve ficar, num meio termo, entre a Ilha do Bananal e o Parque Indígena do Xingu, né, a Ilha do Bananal a leste e o Parque do Xingu a oeste. Então deve estar uns cento e oitenta quilômetros de cada um dos dois, sabe. E não é só essas terras indígenas que tem, ela é cercada por terras indígenas de outros pontos de vista também. E fui para lá, só que lá é meio inóspito, meio longe, meio... enfim... eu sei o que é que eu vou enfrentar, ou talvez não sei, né, imagino, e... e... a vaga para professor em uma escola indígena é uma só também, eu não sei se eu vou estar... conseguir entrar nela, se não, é na escola mesmo na cidade” (FERNANDO, 1ª. Narrativa, p. 18).

O que podemos perceber nas narrativas de Fernando, Naiara e Raquel é que o curso de Ciências Sociais proporciona habilidades para que o egresso se insira no mercado de trabalho. Nessa perspectiva, o curso de Ciências Sociais em Catalão gerou transformações no campo de atuação do cientista social, porém existem lacunas nesse processo que devem ser dialogadas pelo curso, onde, após a conclusão da graduação, o cientista social possa exercer suas funções em seus espaços de atuação como, por exemplo, a atuação como professor de Sociologia nas escolas públicas de Catalão.

3.1.7. Atuação profissional e expectativas

Torini (2012) destaca que a expansão e as mudanças no curso de Ciências Sociais nos últimos anos pelo REUNI, mais especificamente nos anos 2000, a formação dos cientistas sociais estava restrita a grandes centros urbanos. Porém, entre 2005 e 2010, os cursos superiores em Ciências Sociais subiram para 56; apesar disso, muitas cidades não absorvem o egresso do curso. Fernando, ao ser questionado sobre a carreira de professor de Sociologia, relata:

Então, a carreira do professor de Sociologia em Minas é... [...] não tem carreira, não tem plano de carreira, se você investir em você, se especializar e fazer cursos, é... não está valendo de nada, não tem possibilidades de ascensão, é exatamente esse o fator que faz eu sair do Triângulo Mineiro, que está muito bem localizado, em termos de Brasil, e ir para uma área inóspita no interior do Mato Grosso, onde... [...] tem carreira. A possibilidade lá é muito melhor, lógico que tem, é, a possibilidade lá de ascensão é muito melhor, a carreira, para quem já é mestre lá o salário já passa de seis mil reais, enfim, doutor é nove mil reais, então, para graduado é quatro mil reais, então, assim, é muito melhor do que os míseros dois mil reais que eu estou ganhando atualmente e que é o mesmo tanto de serviço, se você for pensar, né, só que em um lugar, é uma região inóspita no Brasil que fica, é uma cidade mato-grossense que fica a mil e trezentos quilômetros de distância da capital do Mato Grosso. Então assim, só pensemos na dimensão desse país, né, mas com uma possibilidade de ganho muito maior, né, então, eu nem olho para trás, né, como diz o povo da minha terra, eu não tenho nem um passarinho para dar água, eu vou ficar fazendo o que aqui, né? (FERNANDO, 1ª. Narrativa, p. 19).

As experiências de Fernando como docente mostram que o profissional em Sociologia tem remuneração e condições de uma formação continuada de acordo com a região em que se encontra. Essa condição o incentivou a trabalhar em um estado onde recebesse uma remuneração melhor. Apesar de a remuneração ser um critério para a valorização profissional, há outros, como melhores condições de trabalho, incentivo à formação continuada, fomento a projetos para enriquecimento de estudantes e professores, dentre outros. Para Fernando, a questão de valorização profissional está ligada à remuneração.

Como mencionado anteriormente, há em Catalão atualmente duas professoras em cargo de provimento efetivo para atuação em Sociologia trabalhando nas escolas públicas da cidade. Essa situação mostra a importância e a necessidade desse profissional para Catalão e do curso para a cidade. Raquel narra que existe mercado para o cientista social atuar:

Tem um mercado. Tem, sim, esses dias para trás mesmo, estava vendo que tinha um edital aberto para, é... para a área da Sociologia. Falei assim, “Gente!”, e tudo, era, todo o programa de prova que estava lá no edital, era de tudo aquilo que eu já tinha visto no curso. Então, assim, para você ver. E o edital nem era daqui por perto, era, eu não sei se era de... ah, não me lembro agora, se era de Brasília, eu sei que falei assim: “Nossa, gente tudo aquilo que viu aqui nas Ciências Sociais...!”. (RAQUEL, 3ª. Narrativa, p. 26).

Percebemos, pelas narrativas uma informação importante. A escolha para trabalhar em outro lugar está relacionada com as experiências de trajetória de vida e com a valorização profissional, o que nos leva a questionar: Quais são as políticas de emprego e de valorização do profissional em Ciências Sociais?; O mercado tem condições de e quer receber o profissional em Ciências Sociais? Nessa perspectiva, foi possível perceber as variadas formas que o estudante do curso de Ciências Sociais experimenta as atividades ofertadas pelo curso, como aulas, estágios, conteúdos, disciplinas e etc., produzindo assim novas percepções e novas escolhas.

3.2. Considerações Parciais

Neste capítulo, apresentamos as narrativas dos egressos e suas reflexões em relação ao curso de Ciências Sociais. Essa relação nos levou a refletir sobre a escolha do curso, a entrada da universidade, expectativas, disciplinas, estágios, dentre outros.

As discussões propostas para o ensino de Ciências Sociais da UFG/RC não aconteciam somente no âmbito do Estágio Supervisionado, mas também em outras disciplinas, com o objetivo de habilitar profissionais em Bacharelado e em Licenciatura. Entendemos que a universidade, como um lugar, foi negada por um tempo para classes mais desfavorecidas e voltada para os interesses da elite. Porém, a partir de 2000, essa realidade se transformou pelo processo de expansão das universidades; os cursos de Ciências Sociais ganham alcance expressivo fomentados por programas como o REUNI, PROUNI e FIES, permitindo o acesso de diversas classes sociais à universidade.

As narrativas não dão respostas para todas as nossas inquietações mas nos possibilita construir interpretações e atribuir significados para o curso de Ciências Sociais em Catalão. É um curso que surge de um processo de expansão e sofreu as dificuldades de um curso novo. Percebemos, pelas narrativas de Fernando, Naiara e Raquel, como vivenciaram o curso de Ciências Sociais. O curso proporcionou a eles maneiras de pensar, criticar, questionar e ser na sociedade. Pelas disciplinas, os estágios, as aulas, os eventos, o estudante de Ciências Sociais desenvolveu conhecimentos que contribuiriam repensar o curso e sua formação. Nessa perspectiva, podemos perceber que as experiências de cada estudante em relação às disciplinas, aos eventos, aos estágios, e ao espaço acadêmico permitiram a criação de novas percepções e vivências, assim como maneiras de se inserir no mercado de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha pelo tema dessa pesquisa se entrelaça às marcas da minha trajetória de vida. Durante minha graduação, vivenciei momentos de expectativas, anseios, sonhos, dificuldades, e considero que o curso, mesmo diante das limitações da época, ofereceu a mim uma significativa formação. Meu interesse era compreender o significado do curso para meus colegas, principalmente quando estes narram suas experiências antes, durante e após a realização do curso.

Ao longo do percurso desta pesquisa, nós nos deparamos com limitações e com o surgimento de novos questionamentos. Como questionamento norteador, procuramos discutir como se constituiu o curso de Ciências Sociais na UFG/RC na perspectiva narrativa de seus egressos, e, ao longo do caminho, percebemos que a pesquisa abre portas para discussões futuras sobre o curso, ao mesmo tempo em que alcança os objetivos a que a mesma se destina.

Cada um dos participantes desta pesquisa relata experiências que tiveram ao longo de sua trajetória de vida. As narrativas deles nos permitem nos aproximarmos dessas experiências e dos significados atribuídos a elas, de maneira que a subjetividade trazida por estas experiências se torna fonte de informações e conhecimento, e, com tais informações, propor um diálogo entre a História da Educação e a Pesquisa (Auto)Biográfica.

No primeiro capítulo, realizamos um estudo sobre o curso de Ciências Sociais em Catalão, situando-o na história das Ciências Sociais no Brasil. Buscamos conhecer o curso pelas fontes documentais e utilizamos os PPC do curso como narrativas que nos permitiram conhecer a organização e os objetivos do curso. Assim, trabalhamos com algumas obras que tratam da criação de cursos de Ciências Sociais no Brasil, como os trabalhos de Sérgio Miceli e Florestan Fernandes, bem como trabalhos acadêmicos e artigos científicos que discutem sobre esse processo.

Para compreender a criação do curso de Ciências Sociais em Goiás, utilizamos o artigo de Nazareno e Lima, que fala sobre a criação do curso de Ciências Sociais em Goiás através de entrevistas com professores aposentados. É importante ressaltar a dificuldade de encontrar trabalhos que abordem os cursos de Ciências Sociais em Goiás, fato que torna esta pesquisa importante.

Sobre o surgimento e o desenvolvimento da UFG em Catalão, utilizamos os trabalhos de Maria José da Silva para situar a UFG e seu processo de interiorização e de expansão de cursos superiores. Para falar sobre o curso de Ciências Sociais em Catalão, utilizamos os PPC anterior e vigentes (2012 e 2014) e também os dados colhidos junto ao Centro de Gestão

Acadêmica referentes aos estudantes que ingressaram e concluíram o curso de Ciências Sociais no período de 2009 a 2017.

Percebemos, também, pelos dados de estudantes ingressantes e concluintes, que o curso recebe um número expressivo de interessados, mas são poucos os que terminam o curso. As narrativas dos egressos e dos documentos oficiais não trouxeram as razões da não conclusão, mas a desistência pode estar relacionada com expectativas em relação à formação que o curso poderia oferecer e às perspectivas futuras após a graduação.

O curso de Ciências Sociais surge da expansão promovida pelo REUNI, e tinha como objetivo atender a demandas locais e da região, visto a pouca quantidade de professores para atuar como professores de Sociologia no Ensino Médio e como pesquisadores na região. O curso envolve seus discentes com disciplinas, projetos, viagens, estágios, eventos, avaliações, e a produção de um trabalho acadêmico para a conclusão do curso, com o objetivo de um desenvolvimento não somente tecnicista, mas também humano.

No segundo capítulo, buscamos apresentar os participantes da pesquisa e suas trajetórias de vida. As trajetórias de vida construídas por Fernando, Naiara e Raquel, pela biografia e pelas narrativas, trazem informações que servem de dispositivos de análise para pensarmos quem são Fernando, Naiara e Raquel. Existem informações em comum nas narrativas de Fernando, Naiara e Raquel. Fernando e Raquel por exemplo, vieram de cidades do interior. Fernando, para a realização de um curso superior, e Raquel veio junto com a família em busca de melhores oportunidades de emprego e de continuidade dos estudos.

O ambiente familiar é o primeiro espaço onde os participantes tiveram o incentivo aos estudos. No seio familiar, Fernando, Naiara e Raquel aprenderam valores religiosos e valorizar os estudos como forma de mudança de vida. Eles são evangélicos. A infância foi marcada por eles como uma fase de brincadeiras com primos e amigos e também de exigência e disciplina nos estudos.

Fernando, Naiara e Raquel tiveram suas vidas marcadas pelo trabalho. Raquel tinha, desde cedo, que trabalhar para ajudar seus pais, como babá e empregada doméstica. Naiara trabalhou desde a sua juventude com fotografias. Os pais deles trabalhavam para que eles tivessem conforto durante a infância. Atualmente Fernando trabalha como professor de Sociologia, Naiara, como fotógrafa, e Raquel, como encarregada de departamento prestando serviços à UFG.

Na adolescência, Fernando se muda para Catalão, por ser uma cidade que estava em desenvolvimento e para a realização de um curso superior; Raquel se muda para Catalão com sua família para a continuidade dos estudos e para novas oportunidades de trabalho. Assim, a

mudança se remete ao desejo de nova vida e novas oportunidades, seja de trabalho, de estudo, de amigos, dentre outras. Naiara por sua vez, não tinha condições e idade para se mudar para outra cidade para a realização de um curso superior. Observamos que o processo de expansão do REUNI possibilitou atrair outras pessoas de outras localidades para a realização do ensino superior. Eu me lembro de colegas vindo de Ouvidor, Nova Aurora, Cumari, Goiandira, Três Ranchos, e outras cidades, para estudarem na UFG. O REUNI permitiu também, a quem não tinha condições de sair de sua cidade para estudar, a realização de um curso superior próximo de ou em sua cidade.

Nem todos os participantes tinham como opção o curso de Ciências Sociais. Fernando afirmava que queria fazer Ciências Sociais por causa das aulas ministradas por um professor de Sociologia durante seu Ensino Médio e também por um tio professor. Naiara tinha o desejo de se tornar cientista e, por isso, gostaria de realizar um curso superior na área biológica, mas por não ter condições de mudar para outra cidade, optou pelo curso de Ciências Sociais, por considerar que seria um curso amplo e passar por diversas áreas de conhecimento; sua escolha também teve influência de um professor de História. Raquel não tinha o curso de Ciências Sociais como sua primeira opção de curso. Ela gostaria de cursar Administração, mas precisou fazer opção por outro curso no último dia de inscrição para o vestibular; talvez essa mudança seja pelo fato de ela querer realizar um curso superior em uma universidade pública. Ela teve influências de familiares, as experiências escolares também influenciaram Raquel a querer continuar os estudos junto a outros colegas. Ao conhecer a biografia desses egressos foi possível compreender o cruzamento de questões individuais e sociais e como elas foram essenciais nas escolhas para a realização do curso de Ciências Sociais. Apesar de não ser o foco desse capítulo, a formação aparece nas narrativas dos participantes, uma vez que se reflete sobre as escolhas, vivências e experiências ao longo da vida.

No terceiro capítulo, buscamos analisar a história do curso de Ciências Sociais da UFG/RC a partir das narrativas de seus egressos no período de 2009 a 2017. Para analisar o curso de Ciências Sociais a partir das narrativas dos egressos, nós nos utilizamos de algumas categorias que foram destacadas nas narrativas: A escolha pelo curso de Ciências Sociais, A entrada na universidade – novas expectativas –, A identificação pessoal com o curso, As disciplinas, O estágio, Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais, Atuação profissional e expectativas.

A primeira delas foi a escolha pelo curso de Ciências Sociais, no qual discutimos o que levaram os participantes pela escolha do curso de Ciências Sociais. Os participantes mencionam que a escolha pela graduação em Ciências Sociais, para a maioria deles, não era uma opção.

Porém, eles citam professores e experiências no ambiente escolar para a escolha do curso. Outra informação que influenciou na escolha pelo curso foi a afinidade desses estudantes com os professores das áreas de Ciências Humanas, como as disciplinas de História e Sociologia. As condições econômicas e sociais dos egressos foram também fundamentais pela escolha do curso, e os exemplos no seio familiar também influenciaram na escolha pela continuidade dos estudos, seja em qualquer área de conhecimento. Podemos perceber que as narrativas dos egressos trazem personagens, como os professores e familiares, e condições sociais e econômicas de um determinado tempo que influenciaram em suas escolhas.

A segunda categoria é a entrada na universidade e suas expectativas. Para Fernando, Naiara e Raquel, a entrada na universidade foi um momento marcante. Percebi em seus relatos que a chegada na universidade é um momento de passagem, é o encontro das realizações das expectativas. Percebi também que a universidade passava por processos de mudanças em termos de estrutura física, como a construção de novos prédios, laboratórios e salas de aula, e a ampliação de seu quadro funcional. A entrada na universidade e no curso também proporcionaram expectativas e desânimos, quando mencionam a condição do quadro de professores, que era formado inicialmente por dois professores em Ciências Sociais.

Assim, percebemos que a universidade se expandia com a criação de cursos, de vagas e de investimento em estrutura; porém, os cursos sofriam com a falta de estrutura mínima para atender os discentes. Essa condição trouxe desânimo em relação à expectativa da formação que o curso poderia ofertar. Apesar disto, as experiências vivenciadas em suas trajetórias de vida possibilitaram encontrar outros aspectos positivos e importantes acerca do curso, como a transdisciplinaridade, as discussões, os outros pontos de vista e também o próprio espaço universitário.

Em relação à identificação pessoal ao curso, percebi que Fernando e Naiara pontuam peculiaridades que influenciaram na escolha pelo curso, como a curiosidade e as novas formas de reflexão e de conhecimento. As leituras, as aulas e os seminários proporcionaram que eles desenvolvessem essas peculiaridades. Percebi também que, durante o curso, as experiências ao longo de suas vidas fazem eles se aproximarem de determinadas discussões no curso, como a religião, o mundo do trabalho, gênero, educação, dentre outros. Fernando se aproximava das discussões sobre o Marxismo e sempre gostou das discussões acerca das Antropologias Clássica e Brasileira. Raquel se aproximava das discussões acerca da religião na Sociologia e Naiara se aproximava das discussões em relação ao trabalho e consumo na Sociologia.

No tocante às disciplinas, as narrativas dos participantes foram problematizadoras. Os relatos permitem compreender a ausência de algumas disciplinas importantes para a graduação

em Ciências Sociais. Os estudantes destacam influências fortes da História no curso e que a retirada e acréscimos de outras disciplinas permitiria um fluxo para reflexões e análises críticas. Percebemos, também, que os professores do curso procuraram promover alterações na matriz curricular para melhor adequar o curso, mas essas alterações não alcançaram os participantes da pesquisa.

O estágio também foi outra categoria de análises. Fernando, Naiara e Raquel relatam o estágio como um momento de dificuldades. Realizávamos estágio em dupla em escolas públicas da cidade de Catalão. Percebi, nos relatos dos participantes, que as dificuldades da graduação se refletiram sobre o estágio, pois destacam que o curso é muito teórico e deixa a prática de lado, e, no estágio, eles tinham dificuldades em assimilar e relacionar a teoria e a prática. Outra informação apontada é que os estágios, em sua maioria, eram realizados com professores que não tinham formação em Ciências Sociais ou Sociologia. Essa condição limitou a prática enquanto futuros professores de Sociologia, sendo muitas vezes utilizados nos estágios para auxiliarem em outras disciplinas. Não houve a realização do estágio próprio do Bacharelado, onde podemos perceber a preferência do curso em formar pessoal para o exercício da docência.

A formação dúplice como licenciado e bacharel em Ciências Sociais é vista pelos participantes como positivo. Porém, o curso tinha um foco na licenciatura. Fernando foi o único a seguir na carreira como professor de Sociologia. Naiara e Raquel optaram profissionalmente por outros caminhos. Penso que essa opção pode estar relacionada com duas questões: o estágio de ambas ser realizado com professores de outras áreas, e por perceberem que, mesmo tendo um mercado profissional para o cientista social em Catalão, há ainda a dificuldade de inserção no mercado, pois profissionais de outras áreas assumem as disciplinas de Sociologia nas escolas. Fernando, por sua vez, teve experiências diferentes, realizou o estágio com uma professora de Sociologia formada na área e participou de projetos com essa professora. As expectativas em relação ao curso podem ter diminuído ao perceberem a ausência do curso em relação a essa situação.

As narrativas dos egressos sobre a entrada na universidade e suas expectativas foi a segunda categoria de análise. Ao mesmo tempo em que narram sobre o espaço universitário, compreendemos como eles se biografam dentro de um tempo-espaço. A entrada na universidade, para eles, foi de mudanças e novas expectativas. Eles relatam sobre o espaço acadêmico e o curso, sobre as pessoas que fizeram o curso, como, por exemplo, professores, secretária, as dificuldades que o curso tinha, dentre outros.

Em relação à identificação pessoal com o curso de Ciências Sociais, que foi a terceira categoria, compreendemos questões subjetivas que influenciaram pela escolha, como o desejo

de ser cientista e a curiosidade de Naiara, Fernando relata que sempre tinha desejo de buscar outros conhecimentos e reflexões a respeito desses conhecimentos.

Sobre a profissão e a valorização profissional percebi que a carreira do professor, em alguns estados, é difícil pelos baixos salários e pelo não incentivo à formação continuada dos professores. O relato de Fernando permite compreender como está o mercado para o cientista social em Catalão e a desvalorização que os cursos de Licenciatura sofrem. Porém, percebi, como egressa e através das experiências de vida dos participantes, que existem indefinições sobre o que seja o cientista social e sua relevância para a educação e para o mercado de atuação em Catalão e na região.

Os relatos de Fernando, Naiara e Raquel nos trazem informações que servem como dispositivo de análise para pensarmos uma história possível do curso de Ciências Sociais. Durante a minha caminhada pela pesquisa, eu me encontrei com dificuldades sobre a teoria e o método, e ansiosa por me questionar se estava no caminho certo com a pesquisa. Percebi que as narrativas não apontam uma resposta ou um caminho, mas sim diversos caminhos, diversos questionamentos e possíveis respostas. Durante esse percurso, deparei-me com as limitações quanto a informações que contribuiriam com essa pesquisa, porém existem várias possibilidades de histórias e significados sobre o curso de Ciências Sociais que devem e podem ser pesquisadas.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo – SP: Edições 70, 2016.
- BODART, Cristiano N.; TAVARES, Caio S.. Programas de fomento a expansão do Ensino Superior e oferta de cursos de Ciências Sociais no Brasil (1999 – 2017). **Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais**, v. 2, n. 1, p. 7 – 29, jan./jun. 2018.
- BOLÍVAR, Antonio. Narrar la organización educativa: memoria institucional y constitución de la identidad. In: ABRAHÃO, Maria H. M. B.; BOLÍVAR, Antonio. **La investigación (auto)biográfica en educación: miradas cruzadas entre Brasil y España**. Porto Alegre – RS: EdIPUCRS; Granada – España, 2014. p. 330 – 355.
- _____. “¿De nobis ipsis silemus?”: Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, v. 4, n. 1, p. 1 – 26, 2002.
- BRAGA, Eugênio C. F.. **Cientistas Sociais extra-universitários: identidade profissional no mercado da pesquisa**. Estudos de Sociologia, v. 14, n. 26, p. 141 – 167, 2009.
- BRAGANÇA, Inês F. S.. **Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal**. Rio de Janeiro – RJ: EdUERJ, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CES 492/2001: Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia**. Brasília – DF: Ministério da Educação, 2001.
- BUFFA, Ester; NOSELLA, Paolo. Instituições Escolares: por que e como pesquisar. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, v. 3, p. 13-31, 2008.
- CASTRO, Ana C. S.. **A democratização do acesso ao Ensino Superior pelo REUNI no estado de Goiás**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Ciências Sociais – Universidade Federal de Goiás. Goiânia – GO, 2013.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e histórias na pesquisa qualitativa**. 2. ed. Uberlândia – MG: EDUFU, 2015.
- COSTA NETO, Pedro L. O.. **Estatística**. São Paulo – SP: Edgard Blücher, 1977.
- CRUZ, Thimóteo P.. **Formação do psicólogo(a) em Catalão/GO na perspectiva do egresso – 2007 – 2014**. Dissertação (Mestrado em Educação). Regional Catalão – Universidade Federal de Goiás. Catalão – GO, 2015.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto. Natal – RN: EDUFURN; São Paulo – SP: Paulus, 2008.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359 – 371, maio/ago. 2006.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. **Educação em Revista**, v. 27, n. 1, p. 333 – 346, abr. 2011.

FERNANDES, Florestan. **A Sociologia no Brasil**: Contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis – RJ: Vozes, 1976.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo – SP: Paulus, 2010. p. 31 – 57.

FIDELIS, Lourival M.. **Família, Trabalho e Terra**: sementes da autonomia na agricultura em comunidades quilombolas no Vale do Ribeira paranaense. Tese (Doutorado em Engenharia Agrícola). Faculdade de Engenharia Agrícola – Universidade Estadual de Campinas. Campinas – SP. 2015.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Educação básica no Brasil na década de 1990: subordinação ativa e consentida à lógica do mercado. **Educação e Sociedade**, v. 24, n. 82, p. 93 – 130, abr. 2003.

GOLDANI, Ana M.. Família, gênero e políticas: famílias brasileiras nos anos 90 e seus desafios como fator de proteção. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 19, n. 1, p. 29 – 48, jan./jun. 2002

GOLDANI, Ana M.. Retratos de família em tempos de crise. **Estudos Feministas**, n. esp., p. 303 – 335, jul./dez. 1994.

JOSSO, Marie-Christine. Prefácio. In: SOUZA, Elizeu C.; ABRAHÃO, Maria H. M. B. (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre – RS: EdiPUCRS; Salvador – BA: EDUNEB, 2006. p. 7 – 13.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, p. 20 – 28, jan./fev./mar./abr. 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 1996.

LEITE, Adriana N.. **Milagre Acadêmico**: A institucionalização das ciências sociais brasileiras (1964-1985). Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo. São Paulo – SP. 2015.

LIMA, Daniel F.. **Formação e profissionalização de pedagogas no interior de Goiás a partir de suas biografias educativas**. Dissertação (Mestrado em Educação). Campus Catalão – Universidade Federal de Goiás. Catalão – GO. 2014.

MARTINS, Priscila C.. **Os “Gigantes” na dinâmica urbana de Catalão: a atuação do capital – da especulação à verticalização (1975 – 2010)**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Campus Catalão – Universidade Federal de Goiás. Catalão – GO. 2011.

MICELI, Sérgio. **História das Ciências Sociais no Brasil**. v. 1. 2. ed. São Paulo – SP: Sumaré, 2001.

_____. **História das Ciências Sociais no Brasil**. v. 2. São Paulo – SP: Sumaré, 1995.

MORENO, Pedro F.; SOARES, Adriana B.. O que vai acontecer quando eu estiver na universidade? Expectativas de jovens estudantes brasileiros. **Aletheia**, n. 45, p. 114 – 127, set./dez. 2014.

NAZARENO, Elias. LIMA, Roberto. Breve histórico dos cursos de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (UFG). **Sociedade e Cultura**, v. 17, n. 2, p. 197 – 207, jul./dez. 2014.

NÓVOA, António S.. Os professores e as histórias de suas vidas. In: NÓVOA, António S. (Org.). **Vidas de Professores**. 2. ed. Porto – Portugal: Porto Editora, 1995. p. 11 – 19.

OLIVEIRA, Lúcia H. M. M.; GATTI JÚNIOR, Décio. História das Instituições Educativas: um novo olhar historiográfico. **Cadernos de História da Educação**, v. 1, n. 1, p. 73 – 76, jan./dez. 2002.

PASSEGGI, Maria C. B. S.. A experiência em formação. **Educação**, v. 34, n. 2, p. 147 – 156, maio/ago. 2011.

SANTAGADA, Salvatore. A situação social do Brasil nos anos 80. **Indicadores Econômicos FEE**, v. 17, n. 4, p. 121 – 143, 1990.

SAVIANI, Dermeval. A expansão do ensino superior no Brasil: mudanças e continuidades. **Póiesis Pedagógica**, v. 8, n. 2, p. 4 – 17, ago./dez. 2010.

SIEBERT, Cláudia M.. Brasil década de 1980/1990: políticas sociais e neoliberalismo. In: IV SEMINÁRIO NACIONAL DE POLÍTICAS SOCIAIS. **Anais [...]**. Cascavel – PR: Unioeste, 2009.

SILVA, Cinthia L.; SILVA, Rogério S.. A institucionalização das Ciências Sociais no Brasil: percalços e conquistas. **Revista de Ciências Sociais e Humanas**, v. 22, n. 54, p. 97 – 106, maio/ago. 2012.

SILVA, Maria J.. **A história do Campus Avançado de Catalão da Universidade Federal de Goiás, 1993 – 2002**. Goiânia – GO: Editora da UCG, 2009.

SILVA, Maria J.. **Interiorização da UFG na regional Catalão: reflexões sobre as condições de trabalho do docente**. Tese (Doutorado em Educação). Centro de Educação e Ciências Humanas – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos – SP. 2017.

SILVA, Michele F.. **Trajetórias formativas de professores e alunos do curso de história: Catalão de 1991 a 2004**. Dissertação (Mestrado em Educação). Regional Catalão – Universidade Federal de Goiás. Catalão – GO, 2015.

STALLIVIELI, Luciane . O Sistema de Ensino Superior do Brasil: características, tendências e perspectivas. In: D. R. UNIÓN DE UNIVERSIDADES DE AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE. (Org.). **Educación superior em América Latina y el Caribe: Sus estudiantes hoy**. México: Gisela Rodríguez Ortíz, 2007, p. 79 – 100.

THOMPSON, Edward P.. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro – RJ: Zahar, 1981.

TORINI, Danilo M.. **Formação e identidade profissional**: a trajetória de egressos de Ciências Sociais. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo. São Paulo – SP. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura. **Resolução 1324/2014**: Projeto Pedagógico do Curso de Ciências Sociais, Regional Catalão, grau acadêmico Licenciatura. Goiânia – GO. 2014.

_____. **Resolução 1317/2014**: Projeto Pedagógico do Curso de Ciências Sociais, Regional Catalão, grau acadêmico Bacharelado. Goiânia – GO. 2014.

_____. **Resolução 1119/2012**: Projeto Pedagógico do Curso de Ciências Sociais, Regional Catalão, Licenciatura e Bacharelado. Goiânia – GO. 2012.

VAZ, Renata C. S.. **Narrativas de “alunas-professoras” sobre o Grupo de Aplicação do C. F. P. P. de Catalão/GO (1964 – 1983)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Regional Catalão – Universidade Federal de Goiás. Catalão – GO. 2018.

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista com os egressos do curso de Ciências Sociais da UFG/RC

INFORMAÇÕES PESSOAIS DA/O ENTREVISTADA/O

- Conte-nos um pouco sobre você. Seu nome e idade. Dia, mês e ano de nascimento. Cidade Natal. Cidade Residente. Trabalha. Estuda. Casada/o ou Solteira/o. Tem filhos.
- Se você não é natural da cidade onde reside, conte-nos o que trouxe você até aqui.
- Conte-nos como foi sua infância.
- Conte-nos sobre sua família. Quem são seus pais. O que eles faziam. Religião que seguiam. Como era sua condição de vida. Você tem mais irmãos.
- Conte-nos sobre sua cidade natal.
- Conte-nos quais as pessoas da sua família ou do seu círculo de amizade que você admira. Por que?

O PERCURSO ESCOLAR

- Conte-nos um pouco sobre a sua escolarização.
- Em que época iniciou seus estudos. Qual era sua idade. Em qual escola iniciou seus estudos.
- Conte-nos como era sua professora ou professor. Como ela ou ele trabalhava em sala. Você gostava do trabalho dela/e. O que você gostava nela/e.
- Conte-nos como era sua relação com seus colegas de sala.
- Como era a escola que você estudou, seu cotidiano. Como era o aspecto físico da escola?
- De que matéria/disciplina que você mais gostava?
- Como eram o uniforme e os materiais didáticos que eram usados na instituição?
- Onde você fez o ensino fundamental e médio? Como era/m essa/s instituição/ões?
- Como eram seus professores? Como era o espaço físico da escola? Como era seu cotidiano na instituição?
- Existem fotos, documentos, ou materiais escolares dessa época?
- Conte-nos se você teve incentivo na sua família ou professor para continuar os estudos.
- Perguntas que falta sobre o percurso escolar:
- Em que época que iniciou seus estudos. Qual era sua idade. Em qual escola iniciou seus estudos.
- Conte como era sua professora ou professor.
- De que matéria/disciplina que você mais gostava?
- Você fez vestibular para a universidade logo após a conclusão do ensino médio? Se não, que fatores influenciaram nesse espaço de tempo?
- O que despertou você a fazer vestibular?
- Você teve algum incentivo ou inspiração de algum professor (a) para continuar os estudos e fazer a escolha pelo curso de Ciências Sociais.

SOBRE O CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFG/RC

- Conte-nos como conheceu o curso de Ciências Sociais na UFG/RC. Você teve apoio de sua família para continuidade nos estudos?
- Você fez vestibular para a universidade logo após a conclusão do ensino médio? Se não, que fatores influenciaram nesse espaço de tempo?

- Por quais motivos você escolheu o curso de Ciências Sociais? Em que ano ingressou no curso? Qual entendimento ou perspectivas você teve sobre o curso de Ciências Sociais
- O que você poderia nos dizer sobre o Curso de Ciências Sociais?
- Conte-nos quem foram os coordenadores, professores e chefe de departamento do curso.
- Conte-nos como eram os alunos da sua turma do curso de Ciências Sociais. (Eram mais mulheres ou homens, condições econômicas, se os alunos eram de fora ou da cidade, se eram casados ou solteiros, se tinham filhos, se trabalhavam).
- Conte-nos como era a estrutura física do curso (se existiam laboratórios, se a biblioteca possuía obras básicas do curso, se havia assistência aos alunos como monitoria, eventos).
- Conte-nos como era feita a aula dos professores e quais matérias didáticos que era mais usado. Conte-nos como era seu cotidiano do curso.
- Conte-nos sobre a estrutura/matriz curricular do curso e sobre a duração do curso.
- Você participou de algum projeto no curso de Ciências Sociais?
- Quais as dificuldades que você encontrou no curso?
- Quais foram os momentos marcantes que você teve durante sua trajetória no curso de Ciências Sociais?
- O que você nos diz sobre os assuntos que eram trabalhados e como os professores os trabalhavam?
- Como você se sentiu ao ser estudante do curso de Ciências Sociais?
- Como foram suas etapas de estágio no curso de Ciências Sociais em uma escola pública? Como se sentia sendo um/a estagiário/a?
- Conte-nos se você está feliz com o curso ou, se no futuro, pretende fazer uma outra graduação.
- Conte-nos se você tem vontade de fazer uma pós-graduação. Se já está em uma pós-graduação. Em qual área e por quê?
- Quais os pontos positivos e negativos que você destaca no curso e em sua formação.
- Existem documentos, fotos, ou outra memória relevante durante sua graduação?

DEPOIS DO CURSO

- Conte-nos se você atua na sua área de formação. Se sim, em qual instituição.
- Conte-nos os aspectos positivos e negativos sobre a área de atuação com a formação em Ciências Sociais. Se não trabalha na sua área de formação, com o que trabalha e por quê.
- Conte-nos se, através da formação que você teve no curso de Ciências Sociais, você se sentiu preparado/a para atuação. Se não, quais são os obstáculos que essa área ainda possui?
- Conte-nos como você se sentiu após terminar a sua graduação no curso de Ciências Sociais.

APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista com os egressos do curso de Ciências Sociais da UFG/RC

- Fale sobre você, sua família e sua trajetória pessoal.
- [se não mencionou] Conte-nos em que ano nasceu, onde (em que cidade) reside, e em que atua.
- [se não mencionou] Conte-nos quando começou a estudar, onde estudou no Ensino Fundamental e no Ensino Médio.
- [se não mencionou] Conte-nos se você estudou em escolas públicas ou particulares.
- Fale sobre que ideais, ou referências (pessoais, familiares ou externas), motivaram você a realizar um curso superior.
- Conte-nos sobre o que motivou você ao curso de Ciências Sociais.
- Fale sobre sua reação ao passar pelo processo seletivo para o curso, como foi o ingresso no curso, e a visão de seus familiares a respeito de sua escolha.
- Fale também sobre quantas pessoas ingressaram com você, quantas concluíram, quem eram essas pessoas (homens ou mulheres, trabalham ou não).
- Conte-nos como você encarou o curso, se você sentiu resistências, paixões, admirações, decepções, ...
- Descreva, em uma visão geral, sobre o curso.
- Conte-nos que problemáticas despertaram seu interesse ao longo do curso.
- Fale se você percebeu algo no curso que influenciou em sua formação. Se houve, conte-nos os fatos que você considerou relevantes para tais influências.
- [se não mencionou] Conte-nos que mudanças você viu na matriz curricular ao longo de seu curso (disciplinas que você considera sem ligação com o curso, ou que aparentam formulação aquém do desejado).
- [se não mencionou] Conte-nos se você passou por alguma etapa de estágio no curso. Se houve, fale para nós como ocorreu(ram) esta(s) etapa(s) e em qual modalidade de curso ela ocorreu (bacharelado ou licenciatura).
- [se não mencionou] Diga para nós o que você esperava do estágio e o que você considera ter realizado.
- Conte-nos sobre a conclusão de seu curso, se você elaborou um trabalho de conclusão de curso, e, em caso afirmativo, que temática você trabalhou.
- Fale para nós se você sentiu falta de algum conhecimento, ao longo do curso, que considera importante.
- Diga para nós se você atua profissionalmente, após a conclusão do curso.
- [se atua na área] Conte-nos como você enxerga/percebe a carreira profissional.